OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XXIV

ANNOS DE PROSA

VOLUMES PUBLICADOS

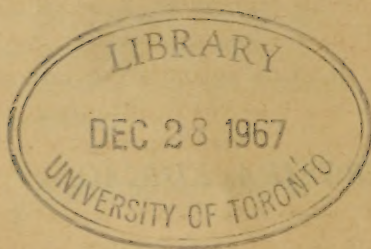
I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.
XX, XXI — Horas de paz.
XXII — Agulha em palheiro.
XXIII — O olho de vidro.
XXIV — Annos de prosa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ANNOS DE PROSA

ROMANCE

TERCEIRA EDIÇÃO

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1904

LISBOA
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1904

ANNOS DE PROSA

DISCURSO PROEMIAL

Altissima é a missão do escriptor, e a do romancista principalmente. O mestre Ignacio da cartilha velha, amoldurada ás necessidades do seculo, é o romancista. Mal hajam os sacerdotes das letras derrancadas que vendem peçonha em lindos crystaes, e desfloram as almas em luxuriante florescencia da sua primavera. O mau romance tem afistulado as entranhas d'este paiz. Não ha fibra direita no coração da mulher que bebeu a morte, e — peior que a morte — algumas dezenas de gallicismos no que por ahi se escreve e copia. O anjo da innocencia foge de certos livros, como os editores de certos authores. A candura virginal de uma menina de quinze annos é a cousa mais equivoca d'este mundo, se a menina leu cousa em que os pedagogos do coração a ensinaram a conhecer-se, antes que a experiencia a doutrinasse.

Para cumulo de infortunio, Portugal é um paiz onde se está lendo muito.

Acontece aos estomagos famintos, quando se lhes depara alimento bom ou mau, assimilarem-n'o com tamanha sofreguidão, que o encruamento do bôlo, e o marasmo são inevitaveis. Assim e por igual theor, quando os Lucullos e Apicios das letras expõem á voracidade publica as suas iguarias estragadas, a fome de aprender a vida nos romances locupleta-se com tamanha intemperança, que o resultado é as dispepsias espirituaes, tormento de angustias vomitivas, que fazem descer o coração ao lugar do estomago, e subir o estomago ao lugar do coração.

Eu tenho assistido a esta deslocação de visceras com lagrimas nos olhos, enxutos para tudo o mais. Muitas vezes tenho perguntado ás velhas se isto assim era no tempo d'ellas. Faz dó vêr a consternação com que algumas expedem um gemido, unisono com o assobio da pitada! Compunge vêr rolar a lagrima preguiçosa do olho desvidrado d'outra, que se recorda da honestidade com que foi amada pelo seu quinto amante!

Ha cincoenta annos que as senhoras não liam romances, por uma razão cujo descobrimento me custou longas vigilias: — não sabiam lêr. Algumas, rebeldes á vontade paternal, conseguiam soletrar e escrever á tia uma carta em dia de annos, copiada do *Secretario portuguez* de Candido Lusitano. Os paes aceitavam com repugnancia aquelle abuso de intelligencia, e castigavam a filha, forçando-a a um trabalho litterario semanal: escrever em cada segunda feira o rol da roupa. Este systema penal tinha só a vantagem de tirar ao vicio os enfeites da

intelligencia, reduzindo-o á essencia bruta de sua nudez primitiva. Já não era pouco para exemplo e edificação das almas. O melhor moralista será aquelle que despir o delicto do coração das galas que lhe veste o desejo, e o cobrir de farrapos repulsivos.

Por esses tempos, e nos dez annos sequentes, os propagandistas da corrupção tentaram exercitar o seu maleficio, vertendo para pessima linguagem portugueza novellas francezas, que transpozeram as fronteiras no couce da bagagem do Junot.

Em 1814, a immoralidade, até esse anno sopeada pela impertinente virtude das novellas, taes como *A virtude recompensada* e o *Escravo das paixões*, quebrou as ferropeas, e despejou do regaço dissoluto a versão de *Tom Jones*, o *Sophá*, o *Candido*, e quejandas faúlas incendiarias, que pegariam nos corações, se a manteiga e o paio das tendas não esfriassem a força comburente d'essa droga, que acirrava os paladares anthropóphagos d'aquelle festim de 1793.

Bemdita e louvada seja a ignorancia! Os romances francezes, até 1830, encontraram as almas portuguezas hermeticamente calafetadas. Até esse anno infausto, a mulher era o anjo caseiro, a alma da despensa, a providencia da piuga, e sobre tudo, a femea do homem, qual Jehovah a fizera d'uma costella do mesmo.

O salão era um como trintario cerrado, onde, a espaços, uma gosmenta matrona espirrava, e a sociedade, a cabecear de somno, surgia estremunhada, dizendo: *Dominus tecum*. A menina casadeira

não se erguia de ao pé da mãi. O noivo mirava-a de longe em fellina beatitude; e, no auge da sua casquilha audacia, piscava-lhe a furto o olho, onde reslumbrava a paixão.

Não havia então d'estes homens mulherengos, que alambicam a parlenda assucarada, coando por ouvidos incautos o veneno do estilo, que é o mais corrosivo de quantos ha na toxicologia do amor. A mulher actual é quasi sempre victima da rhetorica requentada do romance, que esteril peralvilho lhe encampa como cousa de sua alma. Algumas conheço eu que resvalaram ao abysmo da perdição pela rampa de um adverbio euphonicamente intruso n'um periodo arredondado. Este sortilegio da linguagem, que enfeitiça e dá quebranto ás mulheres, é apanhado no romance. O coração de certos individuos acha-se, muitas vezes, a paginas tantas de tal novella. Sem figurinos e romances não haveria corpos apresentaveis nem espiritos insinuantes.

Muita gente se espanta das gloriosas aventuras de alguns sujeitos pyramidalmente tolos. Eu não. Tal ha que se vos afigura mazorro d'alma, e, não obstante, ao lado de mulheres, dispara descargas de phrases amorudas que é um pasmar. Asneira, dita em nome do coração, não ha uma só que não seja laureada. Cada Petrarcha lorpa tem, a final, o seu capitolio.

A mulher, por via de regra, é de seu natural tão boa, sensivel e generosa, que chega a recompensar a pertinacia do homem que, primeiro, a nauseou: o segredo d'este paradoxo está na influencia conta-

giosa da tolice. A mulher que fez chorar o tolo, e viu rebentar lagrimas de uma cabeça de granito, cuida que fez o milagre de Moysés na rocha de Horeb. Alliciada pela serpente da vaidade, succumbe como Eva.

Que mudanças!

D'antes o caixeiro principiava sempre a carta de namoro por: *Meu amado bem!* Agora já diz: *Anjo!* ou *Seraphim!* Era d'antes a phrase sacramental do exordio: *Vêr-te e amar-te foi obra de um momento.* Agora não é raro encontrar d'estes arrojos: *Amar e morrer é meu destino!*

E, depois, o maleficio do romance não está sómente no plagiato irrisorio; o peior é quando nas imaginações frivolas ou compassivas se entalham os lances da vida phantasiosa da novella, e crêem que a norma geral do viver é essa.

Em quanto a mulher estuda sómente a phrase que applica, bem ou mal, quando a enlouquece a vaidade de parecer o que não é, bem vai. Dá-se um exemplo:

A apaixonada de um amigo meu, ao recebêl-o, pela primeira vez, em sua casa, no patamar da escada, antes de deixar-se beijar a mão, estendeu o braço direito em magestosa attitude, deu á fronte a regia altivez de uma Phedra de aguas-furtadas, e disse em tom cavo e solemne: *Juraes levar-me ás aras?* O meu amigo, que balbuciava um prefacio de longo estudo, soltou um frouxo de insolente riso, e desceu as escadas, por não poder com o espectáculo da dama corrida do insulto. Eis-aqui uma que os romances de Arlincourt salvaram; quantas,

porém, perdidas por guardarem as phrases ridiculas para o final?...

Grande mal é o identificar-se o espitiro ás visualidades do romance. Quando a leitora se ri das crendices da sua infancia e dos absurdos principios que lhe apoucaram o imaginar e o voar do espirito, vem-lhe os enfados, o escutar as mentiras do coração que se emancipa, o crêr que a vida passada foi apenas um vegetar do vulgo, e que o viver da alma assim, será como o do arbusto bravio que dá flôres sem aroma, e fructos sem sabor.

Seja, outra vez, bemdita e louvada a ignorancia de nossas mães, e nossas irmãs, e nossas esposas!

A vida caseira, esta deliciosa monotonia, que a poucos é já saborosa no viver intimo, requer muita estupidez, muito somno a toda a hora, um estomago exigente e forte, muita digestão soporosa de substancias pesadas.

Esta bemaventurança ha-de restaural-a a ignorancia supina, não hão-de ser as palavrosas theorias de Michelet ácerca do *amor* e da *mulher*. Comecem os paes de familias por circumvalarem suas casas de um cordão sanitario contra a peste do romance, que não se abonar com a promettida pudicicia d'este, e de outros com que o author, coração aberto a todas as chimeras, e de entranhas lavadas, tem querido enxertar no tronco carcomido da humanidade toda a casta de virtude.

Vou lembrar um alvitre, cuja adopção poderia ser momentosa na regeneração dos costumes.

As reliquias das velhas virtudes portuguezas, se as ha, acham-se nos velhos, que beberam ainda as

escorralhas dos seios puros do seculo passado. O Porto, de preferencia, graças á força refractaria da sua organisação, encerra boas quatro duzias de archontes dignos da Grecia antiga. Fôra facil eleger de entre estes—(abstenho-me de os nomear, porque a modestia n'elles dóe de insoffrida como ulcera em lombo de muar, e não é raro responderem ao elogio com o couce) — eleger d'entre estes, digo, uma corporação censoria, encarregada de examinar os livros, que giram no mercado, e referendar os que a juventude feminil podesse lêr sem deterioramento da innocencia. D'esta arte, os anciãos não restringiriam a sua egoista virtude á missão balda de condemnarem o vicio da mocidade inexperiente. O exemplo dão-no optimo; a doutrina é a que nós sabemos; mas não os devemos desquitar de se constituirem entulhos contra a torrente do vicio, desviando-a de levar ao regaço das futuras esposas e mães romance peçonhoso.

Pelo que, d'aqui já sotoponho este livro á censura, e assim dou publico e voluntario testemunho de quanto venero as cãs e as virtudes. Fadario triste! A minha sina capricha, até hoje, em fazer-me malvisto d'esses que eu mais quizera bemquistar, ainda á custa de um panegyrico á corrupção senil dos raros que desgarram da trilha austera por onde a virtude os vai guiando ao céo, no qual os proprios anjos se espantam das colonias que vão d'aqui.

Porto — 1858.

ANNOS DE PROSA

I

«Em quanto ao fogo d'aquelle meu phantasiar de genio, fadado para desgraças, encendrei as imagens das formosas apparições da terra, as creações do meu espirito eram magnificas e brilhantes como as myriadas do céo estrellado.

«Eu tinha horas de tão dôce scismar! O ideal de Fausto, a melancolia do poeta d'Elvira, os coriscos de Byron, as satyras mordentes do Diabo-Mundo, as facecias elegantes de Fielding, e as vaporosas subtilesas de Senancourt! Ai! havia de todas essas feições do genio um traço de cada uma, no meu espirito.

«Mas, n'aquelle dia, á entrada do meu caminho, n'aquella noite calmosa, quando o sangue estuava nas arterias, quando as azas do coração, como as da aguia ferida, baixavam á terra, aquella mulher...

«A mulher fatidica! O despertar do sonho de dezoito annos. A Beatriz, a Laura, a Leonor, vingando-se na essencia d'uma, porque eu ousára crêr

e dizer que mentira Tasso, e mentira Petrarcha, e mentira Dante.

«Que mulher! Bella? Ai! não, não é essa a palavra. Bella como a filha do anjo rebelde, a quem Deus vingativo dera o dom de crear a formosura que mata, o olhar das chammas magneticas do crime, a fascinação do abysmo onde o cahir é perder-se o homem para si, para a humanidade, e para Deus.

«Eu era poeta.

«Com que enthusiasmo eu pedia o meu quinhão na herança das celebradas agonias de tantas victimas de si, mansissimos cordeiros immolados no calvario do talento!

«Este augusto titulo, mercê do céo, rubricado por sello divino no coração do homem, tornou-se epitheto ridiculo ou injurioso.

«Gela-se-me o sangue, quando a ignorancia petulante faz um tregeito de menospreço ao talento, e diz: *Poeta!*

«Mal sabeis que brutal atrevimento ha ahi no tom de escarneo com que as bestas-feras insultam a intelligencia!

«Um bando de collarejas ebrias, atirando-me em injurias a lama que lhes extravasa da alma, seria para mim harmonioso cantico das graças, comparado ao sorriso affrontoso do nescio que me diz: *Poeta!*

«Ha ahi um rir do vulgacho, que dá em terra com a alma. Oh! o rir da gentalha maltrapida é menos fulminante que o escarneo da plebe engravatada, de todas as escorias sociaes a mais alvar e incorrigivel!»

Parou de escrever o meu amigo, quando eu entrava no seu gabinete de trabalho.

Este nosso amigo... Consinta o leitor a apresentação, e de amigo logo, porque eu sei que elle o é de conhecidos e desconhecidos, tirante os estupidos maus.

Este nosso amigo é uma afflicção permanente, um como pelicano que se está continuo espicaçando o peito para alimentar do sangue proprio seus filhos insaciaveis, suas imaginações escandecidas.

Entrou na vida pela porta do inferno. Os olhos da alma abriu-lh'os uma paixão das que alumiam a carreira do crime até á morte moral. A consciencia de sua individualidade, desunida das mil formosas existencias que se identificára, déu-lh'a o ser mais poetico da terra, a soberana da creação—a mulher!

Aos dezoito annos expulso do paraiso pelo anjo a quem dobrára o joelho!

Até então, Jorge Coelho amou sua mãi e irmãos, flôres, estrellas, fontes murmurosas, os pinhaes rumorejantes, o céo azul e as nuvens abertas em coriscos, os repiques festivos do campanario da sua aldêa e o dobre de finados, a cantilena da pastora e o gemer convulsivo da viuva e da orphã.

Tudo lhe era n'este mundo poesia, desde a grinalda de flôres da esposada até á baeta negra do esquife.

Não sou crendeiro em horoscopos de epiderme; todavia, tres rugas que lhe avincavam a testa entre as bossas frontaes, impressionaram-me. Um poeta, da alteza d'elle, diria que semelhantes vincos eram vestigios da vara com que a mão de um genio fu-

nesto o ferira, no berço. Moço de dezoito annos, que sobe ao empinado das serras, e circumvaga os olhos lagrimosos pelos confins dos horisontes, e me diz:—«a minha alma não cabe aqui» esse tal é de crêr que se fine na flôr dos annos, depois de haver experimentado as dôres todas de longa vida.

«A minha alma não cabe aqui»—disse-me elle, sentado no tôpo de um fragoedo, com a arma caçadeira encostada ao peito, e afagando com a mão o focinho do galgo que a lambia.—«Nasci hontem, e já me cança a vida. Sou um como hospede, que se sente ebrio antes de assentar-se á mesa do festim. Meus irmãos estão contentes ao pé de minha mãi. De manhã são abençoados e beijados; á noite vão restituir-lhe o beijo com a face alumiada de santa alegria; recebem a segunda benção da virtuosa, e vão dormir serenas horas, em quanto eu, fechado com os meus livros, tento debalde entreter o espirito nos deleites da poesia, ou subjugal-o ás paginas graves da philosophia que me disputa a fé, e da fé que me arranca aos tedios indigestos da philosophia.»

—Nunca sahiste d'aqui?—interrompi, suspeitando da candura de Jorge n'este tecido de palavras presumidas.

—Nunca sahi d'aqui. Fui litterariamente educado por um tio frade, que, ha um anno, me entregou ao ensino de minha mãi, dizendo que a semente da sciencia não podia germinar em terreno, onde faltava o amanho da boa educação religiosa.

Minha mãi não me entendeu melhor que o frade. Fallou-me do temor de Deus como principio da sa-

bedoria humana. Eu tenho um Deus que não temo, porque o amo e adoro com espontanea devoção, porque o vejo luminoso em todas as minhas creações impalpaveis, porque o respiro e converto em seiva da minha alma, que tanto mais se amplia quanto mais se engolfa na immensidade divina.

Minha mãi é uma virtuosa senhora que só acha digna de Deus a linguagem dos psalmos penitenciaes, e os actos contrictos de peccados imaginarios. O circulo, que ella traça ás minhas aspirações, é estreitissimo. Para ella, o futuro é a successão dos dias travados uns nos outros, iguaes e serenos, como os viveram meus avós, e como ella pretende herdal os a seus filhos. O futuro para mim é o grandioso imprevisto, é a vida com os seus desertos e oasis, é o oceano com as suas calmarias e borrascas, é a peregrinação do israelita, agora perseguido nas aguas do mar vermelho, logo alumiado pela columna do fogo.

Que sinto eu aqui? — proseguiu elle, pondo a mão na testa, cujos vincos se afundavam — Será o pensamento confuso do girondino á vista da guilhotina? Será o abutre gerado n'um sangue que, cedo ou tarde, tem de trazer-me a congestão ao cerebro?... Não sei...

— Porque não será a alma que geme solitaria como a rôla, que, além, no ramo secco d'aquelle azevinho, está chamando o companheiro que ha-de vir? — disse eu em phrase lyrica para não destoar da linguagem levantada de Jorge Coelho.

— Não creio — acudiu logo o meu amigo. — Eu tenho lido o amor dos livros, o amor dos roman-

ces, o amor da historia, o amor da poesia. Não me inquieto, nem me acho n'esse sentir. O que não entendia aos quatorze annos, não o entendo hoje melhor. As impressões que então recebi, recebo-as agora semelhantes. Os quadros de Dido e Eneas, de Helena e Páris, são duas telas borrifadas de sangue. O amor não póde ser aquillo. Paulo e Virginia, Julieta e Romeu são duas catastrophes que apertam a alma entre a admiração e o dó. A felicidade não está n'esses amores tão celebrados. Werther e Carlota, Chatterton e Kit-Bell, com o anjo inexoravel da virtude entre si, ao despenharem-se um apoz outro no abysmo da morte, para se salvarem do abysmo da perdição, são dous entes desamparados do anjo bom que nem sequer já serve para galardoar heroicos martyrios. Pois não irão mais longe os meus anhelos de gloria?

A região da felicidade estará delimitada pelas raias do amor, que o romance, e a historia, e a epopea me pintam, glorificado por lagrimas e sangue?

— Mas ha um amor — redargui — que não é o amor da historia, do romance, e da epopea. E' amor reflectido de mais alto amor, que as almas adivinham e não entendem. E' amor, preludio da bemaventurança, e prelibação da ambrosia celestial.

— E' o amor do romance, esse, creio eu... — interrompeu Jorge Coelho sorrindo.

— Não é, meu amigo; e, se me contradizes n'essa idade, inculcas baixeza de affectos, que eu não posso acreditar, por honra da especie humana. O que te authorisa a desmentir um homem de trinta annos,

que por sua honra te jura que esse amor existe? Queres achar vestigios dos trabalhos e calamidades que me custou a descobril-o?

Repara nos meus cabellos brancos.

Colombo achou curtas as fadigas, que lhe deram o novo mundo, e a perpetuidade do nome d'elle, mais valioso que o novo mundo. Experimentaria Colombo as vertigens do prazer, que me endoudeciam, quando encontrei a mulher mais perfeita que os primores da minha phantasia?

Não te allucines, porém — prosegui, vendo nos olhos de Jorge a lucidez do enthusiasmo, accusando o proposito de se abrasar no primeiro amor, que lhe deparasse o acaso. — Não te allucines em presença de qualquer mulher com sorrisos de Virginia, que tanto servem de elogio ao pudor como de epitaphio da innocencia. Não respires com sofreguidão o aroma das primeiras flôres, que encontrares. Lirios e mandragoras são bellas flôres, que matam, se as não lançares de ti, aspirados os primeiros effluvios. Ha mulheres como as flôres venenosas: se te detiveres com ellas mais tempo que o necessario para lisongeares a sensação, e regalares a phantasia, sentir-te-has tomado de um marasmo de espirito, em que serão delidas as tuas mais nobres faculdades, e, a mais válida de todas, o mais nobre apoio da tua dignidade de homem — a liberdade. Esta doença, no começo da vida, deixa achaque para sempre; é como a bala recebida em pleno peito e lá encerrada: o ferido vive; mas, a revezes, a dôr lhe está lembrando que a bala pesa sobre o derradeiro fio da vida. Mulheres, que matem corações genero-

sos, ha muitas para cada homem. Mulher, que salve, ha uma só.

A minha vida é uma elegia continuada desde o berço até esta ante-camara do tribunal da morte, onde estou esperando que me chamem: não tem romance: são desastres concatenados, sem intermedios d'esse contentamento vulgar, que os fortunosos denominam amargura. Todavia, se tivesses mais doze annos, Jorge, seria eu o teu conductor pelos infernos d'este mundo, que Dante não cantou de preferencia aos do outro, porque a civilisação da idade media não tinha em si os supplicios d'esta sociedade em que vaes entrar.

E que lucrarias tu, ouvindo a minha historia? Vêr-me-ias longo tempo enredado na torpeza, na irrisão, e na brutalidade dos differentes algozes, que me suppliciaram a alma. Se quizesses que te iniciassem no segredo de sondar a perversidade dos corações, não poderia eu, porque a aspide, que te mede o salto do seio da mulher, só vibra a farpa mortal depois que varas em terra embriagado de aspirar o aroma do ramilhete, que a esconde.

A sombra da mancenilha é grata como a de todas as arvores; suave é a viração que lhe estremece a coma; o sol nem sequer mosqueia o chão em que refazes os membros lassos; mas agonia mortal será o teu despertar se a formosa folhagem distillou sobre o teu corpo um sumo corrosivo que te faz morrer em acerba palpitação de todas as fibras. Conheces tu a mancenilha n'este deserto, que vaes palmilhar, encalmado das ardencias do coração? Saberás tu, aos dezoito annos, distinguir a mulher,

que mata, da mulher, que salva? Os trinta abysmos d'onde me eu levantei, com as faces a escorrerem sangue, estarão cobertos de flôres para ti? Eu creio que o poeta é um condemnado, a sua patria primitiva um outro mundo, este, em que nos encontramos, amigo, o purgatorio. Que montam os suffragios do padecente experimentado para te remir? Nada. Cumpre a sentença, porque é intransitivo o calix..................................

....

Decorrido um anno, encontrei Jorge Coelho, não vos direi aonde, porque ha repugnancia em deslocar uma scena, quando a verdade não póde, por motivos sagrados, ser dita á curiosidade malevola.

Encontrei-o escrevendo os periodos iniciaes d'este capitulo. Outros de igual azedume, assignados por elle, me haviam denunciado a residencia d'esse moço, na terra, em que eu, de passagem, assentára a minha barraca de bohemio.

Reconhecendo-me, ergueu-se, abraçou-me com expansiva vehemencia, e proferiu aquellas ultimas palavras do estirado discurso do anno anterior:

Cumpre a sentença porque é transitivo o calix.

— E' muito amargo? perguntei eu.

— Amargo, e nauseabundo. Fel e lama. O insulto e o aviltamento. Adormeci debaixo da mancenilha, meu amigo; e acordei nos paroxismos de que não posso morrer. Achei uma das mulheres, que perdem. A sociedade applaudiu-a, quando eu cuidava que a indignação do mundo me vingaria. Ajuntei á minha dôr o que devia ser pejo, deshonra, e re-

morso n'ella. Quiz desafiar a piedade do mundo com o paciente silencio da minha desgraça. O mundo viu-me passar de olhos baixos para esconder as lagrimas, e fez da palavra «poeta» um synonimo chocarreiro de insensato.

II

Contou-me Jorge Coelho a sua historia. Foi assim:

Sahira, pela primeira vez, da sua aldêa para cursar a universidade. A mãi, abençoando-o, ungira-o de lagrimas, e lançara-lhe ao pescoço um crucifixo.

O tio egresso, vencido na resistencia que fizera á sahida de Jorge, mostrara-se a final condescendente, e introduzira nas malas do sobrinho alguns livros de moral religiosa, que ambos sabiam de cór, um á força de repetil-os, outro de ouvil-os em discursos hebdomadarios, que principiavam sempre com a epigraphe:

Initium sapientia est timor Domini — O temor de Deus é a base do ser humano.

Jorge deu de si boa conta no primeiro anno, cursando as aulas preparatorias para a faculdade de jurisprudencia. Contou elle que, durante esses oito mezes, apenas sentira o coração na dôr da sau-

dade de sua mãi, de seus irmãos, do tio padre, das suas montanhas, e das sombras dos seus arvoredos. Consolava-o o prazer de uma carta de casa, todas as semanas, em que a expressão maternal pintava o anceio com que lá se contavam os dias, na esperança d'aquelle em que seus irmãos iriam buscar ao caminho o mano doutor, como elles já o denominavam.

O anjo da poesia dos dezenove annos povoava-lhe então a phantasia de ridentissimas imagens. Mezes antes, abafava no extenso horisonte, que descobria do topo das serras onde trepava para dar á sua imaginação sedenta a vaga imagem da immensidade. Agora, parecia-lhe que á sofreguidão da alma lhe bastaria a soledade, o silencio, a tristeza dôce dos saudosos ermos da aldêa, que conheciam o seu poeta desde os onze annos.

Anteviu os tres mezes de ferias como quadra de contentamentos novos. Tudo eram promessas de infantil ledice aos seus arrobos de saudade. Imaginava-se sósinho ao pé da arvore conhecida, em cujo tronco uma vez entalhára a ante-data de seis annos, com uma interrogação ao lado, e como se perguntasse o segredo do seu destino á sibylla dos seus queridos bosques.

O anno assignalado era esse em que estava. A resposta aos vagos presentimentos dos quinze annos ia dal-a agora, mais anhelante e auspiciosa de venturas certas do que elle a previra ao deixar o encargo de responder a mal-agourados futuros.

«Quão longe eu estava da verdadeira felicidade, minha querida mãi! — escrevia elle na primavera

de 1855, quando as margens do Mondego reverdecidas lhe festejavam as saudades e as esperanças maviosas. A imaginação enganou-me. Cuidava eu que o coração de minha mãi faria o milagre de communicar uma faisca do seu amor ao seio de cada pessoa que eu encontrasse fóra da nossa aldêa! Pensei que a imaginada formosura da natureza começava áquem dos horisontes, que eu descobria do alto das montanhas. As impressões novas antecipavam-se-me cheias de espiritual deleite, e abundantes de vida que me lá faltava ao pé de pessoas vistas a todo o instante, com o sorrir da amisade, e ao pé das arvores, vistas em cada primavera, com as mesmas grinaldas, e em cada inverno com a mesma nudez funerea, que me confrangia o espirito.

«Castigou-me o desengano, quando dobrei a ultima collina, d'onde via o cume da serra em que tantas vezes me assentára, idéando ao longe o caminho da minha imprevista felicidade. Era tudo estranho para o meu coração. O vento do outono despia as arvores da sua folhagem; mas a poesia melancolica e contemplativa d'essa transfiguração, qual a eu sentia na minha aldêa, convertera-se agora em profundo aborrecer-me, em cerração d'espirito, em arrependimento doloroso.

«A duas leguas de nossa casa, minha boa mãi, quiz retroceder: reteve-me a vergonha. Depois de ter passado uma noite — primeira de minha vida — fóra do meu quarto, n'uma estalagem, ergui-me com proposito de vencer o pejo, e ir lançar-me chorando em seus braços. Conteve-me ainda o receio

do *ridiculo*, palavra e sentimento terrivel, que, ha dez mezes, me foi entalhado no coração por um homem, onze annos mais velho que eu, propheta do meu destino, tão verdadeiro como terrivel propheta, que me vaticinou a sensibilidade immensa do poeta, e as lagrimas inexhauriveis do incessante desengano.

«Já verti as primeiras; essas, porém, são talvez uma puerilidade que o mundo escarneceria, por que, bem averiguada a causa da minha tristeza de seis mezes, encontra-se um bom coração de filho e irmão, a nubelosa saudade dos dezenove annos, e o pesar de haver com tanto afan rebatido o parecer de meu tio, que me quiz demover da tenção de estudar em Coimbra.

«Eu prometti-lhe, minha mãi querida, a noticia exacta das minhas impressões. — Descreve-me ao menos a bellesa dos abysmos como ella se afigurar á tua imaginação — foram as suas palavras. Não posso descrever lhe nem, se quer, as formosas miragens do meu deserto. Se deponho com fastio os livros, que só abro por obrigação, interrogo de novo o meu espirito, tento sondar a indole mysteriosa da minha vontade oscillante, e encontro sempre enigma. Quer-me, ás vezes, parecer que estou em vesperas de uma grande transfiguração no meu modo de ser e pensar; escuto o surdo rumor das idéas, que ameaçam rebellar-se contra a moderada esperança em que minha alma se acalenta; sinto-me impellido á vereda de angustias desconhecidas, ao passo que as suspiradas alegrias da vida serena no seio de minha familia se me varrem da imagina-

ção como as copas de flôres desmaiadas, que o nordeste sacudiu e dispersou.

«Deverei occultar-lhe alguma das minhas visões, querida mãi? Não posso. A confidencia é a respiração das almas; é, mais ainda, é a supplica do conselho e do remedio para as tribulações, ou de estimulo e fé para crer na felicidade sonhada, se ella um dia me vier provar que não eram mentira os meus delirios dos dezoito annos.

«Ha entre mim e o indecifravel do meu futuro uma imagem como elle indelineavel. Não sei a qual hora da vida acharei a sombra real d'esta idealidade, que se fez corpo e alma, impressão e sentimento para a minha phantasia. Tenho querido collocal-a ao pé de minha mãi, como reflexo do seu amor. Quando assim consigo aproximal-as, tambem consigo explicar a influencia, que ha-de ter na minha vida essa imagem, descerrada a nuvem que m'a envolve pela mão luminosa da Providencia. Será a realisação do infinito amor, porque entre Deus e minha mãi falta um élo. Creio que não usurpo a minha mãi o vago affecto dedicado a essa alma estranha, que me visita nas horas de intimo recolhimento e scismadoras saudades de não sei quê, como se do céo perdido nos ficassem saudades para reconquistal-o á custa de lagrimas. Isto que sinto não póde ser, como me dizem os livros sentimentaes, os alvoroços precursores das primeiras devoções, o subir para o altar dos cultos fervorosos e apaixoxonados. E' mais.

«Entrevejo na escuridade do porvir uma scintilla, que me banha de festiva luz o espirito, aspiro

o aroma de celestial flôr, que me delicia e adormece em dôces lethargias, tenho um despertar alegre e sereno, como o do homem incapaz de ir abraçar-se á realisação de seus ambiciosos sonhos pelos caminhos travessios da improbidade e do mal-fazer.

«Assim pois, minha mãi, contente-se a sua boa alma de se vêr assim reflectida na do filho, que d'ahi sahiu agourado por tão maus prophetas. Não abordei esses abysmos seductores, que o meu bom tio excommungava de lá, e contra os quaes me premuniu com cabedal de philosophia christã, bastante para defender das tentações todas as nações da Biblia, exterminadas por causa do peccado.

«D'aqui a tres mezes, deporei no regaço de minha mãi o coração inexperiente com que de lá sahi. Dar-lh'o-hei mais rico de contentamentos puros, e desejos de ser bom filho; e, se assim não fosse, iria agora fortalecel-o em seu seio das virtudes, que ainda me faltam.»

Tres mezes depois, Jorge Coelho, convidado por um seu condiscipulo das visinhanças do Porto, passou no Porto, quando recolhia a ferias, e alli se deteve, para assistir ao ultimo baile annual da *Assembléa Portuense*.

Jorge nunca vira um baile, nem ante-gostara pela imaginação o prazer de encontrar duzentas damas reunidas á competencia de formosura e pompas.

Dizia-lhe o condiscipulo, já gasto para as commoções dos bailes (tinha vinte e dous annos, e passára desapercebido em todos os bailes) dizia-lhe o condiscipulo que o coração nascia de improviso no primeiro baile, e muitas vezes lá morria. Contava-

lhe, em testemunho de verdade, a sua historia, negra, passada ao clarão de centenares de lumes, nas salas da *Assembléa Portuense*, no baile carnavalesco do anno anterior. Com quanto nos seja sempre ingrato violentar as glandulas lacrimaes dos leitores, e sacudir-lhes com patheticas descargas electricas os nervos engelhados, não nos abstemos de contar em poucas linhas a historia negra do sr. Pires, condiscipulo de Jorge, em geographia e historia.

Parece que o sr. Pires chegára de Coimbra a ferias de entrudo, e conseguira ser convidado para o baile. Alugou um dominó de seda, entrou nos salões, e remoinhou longo tempo por entre centenares de pessoas desconhecidas. Dizia-lhe a consciencia que era um tolo, por não buscar ao acaso uma particula da felicidade, que brincava nas physionomias de toda a gente, ao passo que da d'elle apenas escorria o suor debaixo da mascara suffocante.

Deliberado a demonstrar a si proprio que não era absolutamente nescio, dirigiu-se a uma dama de aspeito melancolico, e disse-lhe «que os anjos do céo, quando cahiam cá em baixo na morada dos homens, ficavam tristes como ella.»

Ora, um maganão, tambem mascarado, que por alli gravitava em redor do mesmo astro, disse ao estudante, radioso da feliz amabilidade, «que não só aos anjos do céo acontecia ficarem tristes e atordoados quando cahiam cá em baixo, mas tambem acontecia o mesmo aos gatos, quando cahiam de um terceiro andar á rua.»

Ficou fulo de raiva Pires. A melancolica dama levou o leque ao rosto para esconder o riso.

O estudante, voltando-se para o entremetido, replicou-lhe que era de pessimo gosto a chufa, e o gosto da senhora não era de melhor quilate festejando com riso complacente tão deslavada semsaboria. Redarguiu o incognito mascarado, perguntando-lhe se tinha duvida em sahir fóra das salas para lhe estender uma orelha de modo que por ella o conhecessem todos, visto que elle tivera a habilidade de a esconder no capuz do dominó. Trocaram-se algumas finezas mais d'este tomo, até que um homem de porte grave travou do braço ao sr. Pires, e, levando-o ao salão menos frequentado, perguntou-lhe que motivos se haviam dado para desavença tão impropria de cavalheiros. Pires, querendo dar ao successo, uma causa digna de transmissão, contou que merecêra lisongeiro acolhimento da senhora com quem estava trocando as phrases previas de uma paixão, que rebentára subita e reciprocamente, quando o indiscreto e villão interventor lhe dirigira palavras descomedidas, que denotavam o ciume d'elle.

— Pois aquella senhora, a quem o dominó allude, trocava com v. s.ª as phrases previas de uma paixão? — perguntou o interlocutor do estudante com sorriso de affectada serenidade.

— Sim, senhor, respondeu o outro emproando-se.

— Antes de dizer-lhe que mente, preciso vêr-lhe a cara.

Dito isto, o sujeito, que era o marido da dama, arrancou a mascara ao sr. Pires; e, vendo um rosto imberbe, e acerejado, chamou o escudeiro, que passava com bandeja de dôces, e disse-lhe:

«Dê a este menino dous bolinhos, e mande-o embora.»

Eis aqui a historia negregada do sr. Pires, a qual, contada por elle, era muito mais dramatica e engraçada, visto que terminava por dous duellos mallogrados, um com o rival, outro com o marido, e por tres desmaios da dama, um no salão, outro na carruagem, e o ultimo em casa, na presença do marido, que, pelos modos, a quizera enforcar.

E, como as lagrimas d'este acerbo conflicto cahiram todas no coração do sr. Pires, o resultado foi afogarem-se lá os embriões da sua felicidade, e ficar aquella viscera árida e resequida como enxundia secca de gallinha.

Ouvira Jorge Coelho estas calamidades com a respiração suffocada, e teve instantes em que duvidou do bom siso do seu amigo;—tão descozido lhe parecêra o conto, e tão ineptas as consequencias.

III

Entrou Jorge Coelho nos salões da «assembléa,» e julgou-se em regiões de houris. Durou-lhe alguns minutos o atordoamento da primeira impressão. Não o enleava esta ou aquella physionomia: eram todas. N'aquella harmonia do bello, até as senhoras feias — se ha senhoras feias, vistas á luz do coração — recebiam homenagem do extatico moço. No espasmo delicioso do academico, se algum amor influia, era decerto o amor da especie, porque seus olhos não haviam ainda estremado o individuo, que os olhos d'alma entreviam no todo.

Do cisco lucido, que volita no ar, faz douradas palhetas o raio do sol coado pela fresta. Na dourada lucidez que Jorge via por magico prisma, não haveria muito cisco, muito atomo de poeira humana, que sómente refulge aos reverberos dos lustres, consoante o variegado das côres? Decidam os que lá andam.

Aquietado dos alvorotos da surpreza, o estudante sentiu o vacuo, porque se viu sósinho alli. O apresentante doudejava no redemoinho das danças, e raros intervallos perdia, perguntando ao condiscipulo se estava contente.

Jorge não sabia dançar, porque não tivera tempo de aprender esse appendiculo grotesco da boa educação. Muitas vezes lhe disssera o tio padre, authorisado pelo oratoriano Manuel Bernardes, que danças eram ansas do demonio armadas á alma.

Não se glorie, porém, o crendeiro egresso de ter instillado no animo do sobrinho o horror das mazurcas. Jorge não dançava porque não sabia se quer a nomenclatura d'essa galharda tolice de que por vezes impende o accesso ás almas, e o passar-se uma noite menos tediosa n'um salão em que o espirito se retouça em piruetas, mais ou menos ridiculas e parvoinhas, da materia.

A' meia noite, Jorge procurou o seu condiscipulo para dizer-lhe que se retirava. Atravessando uma sala, quasi despovoada, viu duas senhoras reclinadas n'uma ottomana, em postura de fatigadas ou aborrecidas. A mais velha não excederia vinte e cinco annos; a outra, que teria dezoito, foi a primeira que prendeu o exclusivo reparo de Jorge, senão antes uma contemplação absorta em que ellas mesmas repararam.

O academico devia captivar a attenção das duas senhoras, melancolicas por indole ou artificio. Tinha elle um semblante de si tão meigo e affectuoso, que as pessoas tristes sentiam-se melhorar em suas magoas, pensando que outras acaso maiores e

mais carecidas de lenitivo denotava o brando olhar do moço. Estava, por ventura, este condão sympathico na magresa do rosto, cujo pallor mais era signal de compleição mimosa, que effeito de vigilias e desperdicios de vida com que muitos conhecidos nossos se recommendam ás senhoras idealistas, affectando langores e martyrios de alma, dos quaes a victima principal é, em verdade, o corpo.

— Sympathica physionomia! — disse a mais velha das duas senhoras.

— Conheces?! — perguntou a outra sem fugir dos olhares de Jorge, o qual, por mero disfarce, encarava objectos, que realmente não via.

— Não o conheço, nem me lembra de o ter visto em parte alguma.

— Tinha curiosidade em conhecer... Não achas n'aquelle rosto um não sei que de distincção?

— Tem alguma cousa não vulgar...

— Uma tristeza insinuante, achas?

— E não sei que de magoa supplicante...

— E' verdade... e as supplicadas somos de certo nós...

— E's tu, Silvina... és tu a examinada com um ar de espanto ou ternura que compromette. Olha um grupo de homens, que nos observam e mais a elle...

— Não olhemos mais. Elle já sabe que o vimos e discutimos. Achamol-o sympathicamente triste, e bem póde ser que seja um tolo com bastante coragem para nos dizer que o é... Mas quem será?!

A curiosidade das duas damas é menos racional que a dos leitores que desejam conhecel-as.

A mais velha é a sr.ª D. Francisca da Cunha, creatura galante, com quanto morena, grandes olhos pretos, sobrancelhas travadas e negras, opulentos cabellos, e espirito de improviso bastante a fingir illustração. Pertence a uma familia heraldica da provincia de Traz-os-Montes, e veiu ao Porto com seu pai, fidalgo arruinado pela politica e pelas proprias dissipações, com o fim de acirrar a cobiça de um noivo conveniente, cujos paes almejam por enxertal-o no nobilissimo tronco dos Cunhas. Tem esta menina genio exquisito e romanesco. Por muitas vezes tem mallogrado os esforços casamenteiros do pai, mofando da figura e palavriado, um pouco para rir, do noivo. A' força de ser má, conseguiu fazer-se anjo no conceito do mal-fadado que espera em ancias ser marido d'ella. Maravilhada do poder que tem na alma do capitalista, com desdens e despresso, espanta-se do presumido dominio, que poderá ter sobre o homem a quem der os sentimentos embrionarios no seu coração. Para experimentar, sem risco da sua nomeada, recebe cartas de varios oppositores á sua alma, e responde regularmente a umas com idéas respigadas nas outras. Nos grupos, que se vão formando na sala, em que está com Silvina, sua prima carnal, avultam quatro dos seus correspondentes activos, e dous, que obtiveram promessa de resposta, e alguns, que esperam aso de solicitarem aquella gloria, no entender de cada um negada a todos, chegando a fazerem-se a mutua justiça de julgarem-se parvos uns aos outros.

D. Silvina de Mello, prima de D. Francisca, é tambem provinciana, e veiu de uma aldêa do Mi-

nho a banhos do mar, convidada por sua prima, de quem é hospeda. O que ella aprendeu em quatro mezes de convivencia é possivel que o não acreditasse quem lhe visse o rosto de anjo, olhares de innocente acanhamento, sorrisos de escrupulosa timidez, palavras desanimadas e preguiçosas, e, no todo, uma despresumpção de maneiras, que fazia suppôr grande limpeza d'alma e de... de intelligencia!

Fôra D. Silvina da sua aldêa para o Porto com uma paixão por um morgado, que a não seguira por fortissimos impedimentos. O pai do morgado tinha feito extraordinarias despezas na construcção de uma eira, na reedificação da capella solarenga, no muramento de algumas cortinhas, que comprara, não fallando já nas desastradas mortes de um macho, que tinha trinta annos de bom serviço na casa, e duas juntas de bois atacadas de epizootia. O moço pedira debalde soccorros, fingira-se mesmo epileptico para que o cirurgião da terra lhe receitasse banhos salgados; o velho, porém, passaro bisnau, e avesso á inclinação do filho, deu grandemente louvores a Deus por propiciar-lhe ensejo de acabar-se um namoro inconveniente, attenta a mediocre legitima de Silvina. Facil foi a D. Francisca obliterar no coração da prima a imagem do seu primeiro amor, zombeteando-a á proporção que a ingenua provinciana lhe ia mostrando as cartas do saudoso morgado.

Não podémos averiguar porque traças o morgado de Santa Eufemia arranjou dinheiro com que foi ao Porto, tres mezes depois que Silvina cessára de

responder-lhe ás cartas, tanto mais irrisorias quanto a paixão as dictava em estylo talhado para matar paixões. O certo é que o allucinado homem chegou ao Porto na vespera do baile da assembléa, e alcançou cartão de convite. A sua idéa era encontrar Silvina.

Todo sorvido na ancia de vêl-a e fulminal-a com olhadura terrivel de accusações, o morgado de Santa Eufemia não cuidou, com tempo, de mandar fazer casaca. A que trazia na mala era dos figurinos de Guimarães, e, posto que em bom uso, era anachronica na gola, nas lapelas, na largura e comprimento das abas, na pequenez dos botões, e rebordo dos punhos. Consultou a pessoa, que lhe alcançára o convite, ácerca da casaca; mas, desgraçadamente, a pessoa consultada era um d'aquelles individuos de juizo, que não tiram o monge pelo habito, e reprovam que seja sacrificada aos caprichos da moda uma casaca de bom pano, farta e commoda, sómente porque alguns casquilhos perdularios, ou alfaiates especuladores, inventam feitios novos.

Concordou o morgado, e foi ao baile com a casaca velha. Melhor lhe fôra ter morrido da epizootia! A sua entrada na primeira sala foi um acontecimento. As petulantes lunetas saudaram-n'o, e seguiram-n'o com insultüosa curiosidade até ao salão da dança. As senhoras, em regra, pouco curiosas do trajar dos homens, não repararam na casaca, mas não podiam deixar de vêr o collete e a gravata. Era esta descommunal na altura, atravessada por um laço, cujas pontas, como orelhas de lebre

morta, cahiam caprichosamente sobre os hombros. A côr verde da gravata contrastava com o encarnado ginja do collete de uma abotoadura e colchetes apertados até ao pescoço, e acairelado na abotoadura e bolsos com vivos roixos. Sobre isto cahiam as lapelas enxovalhadas da casaca, com as quebras e vincos dos apertos que soffrera na mala em que viera, para irrisão e descredito de Freixieiro, cujo elegante era.

Desconfiou o morgado de Santa Eufemia de alguns indiscretos que o seguiram, desde o vestibulo da assembléa. Viu, depois, que as damas se trocavam olhares suspeitos, que o não impediam de procurar Silvina com aspecto entre o furioso e o comico. A obstinação, porém, dos chasqueadores era inexoravel, e o morgado teve um intervallo de lucidez, em que olhou em si, e se viu ridiculo. Do fundo de sua alma deu, então, graças á Providencia, se Silvina o não tinha visto; mas o derradeiro olhar, que lançou aos descaridosos mofadores, era provocador.

Resolveu, pois, retirar-se, maldizendo o velho amigo de sua familia, que o demovera do proposito de fazer roupa nova. Quando ia sahindo, atravessou por engano a sala em que se achavam D. Francisca, D. Silvina, e Jorge Coelho. Os grupos de homens, que por alli estanciavam, deram com elle de cara, seguido de um cortejo de folgazãos, que tinham passado da zombaria cautelosa á risada descomposta.

Silvina córou até ás orelhas, quando Francisca exclamou:

— Oh! que original! Repara, prima, tu não vês aquelle homem?!

A este tempo o morgado estava em meio da sala, e fazia machinalmente uma cortezia ás damas.

— Aquillo será comnosco?! — dizia, com desdenhosa zanga, D. Francisca. — Conheces aquelle phenomeno?! Olha que elle está esperando que o comprimentemos... Conheces, Silvina?

— Conheço... — balbuciou Silvina, acaso tão afflicta como o desastroso morgado, que estava alli chumbado ao pavimento.

— Quem é? é da tua terra? — tornou Francisca já envergonhada de que julgassem ser ella a causa da attentativa paragem de semelhante entrudo.

Silvina ergueu-se, tomou o braço da prima, e disse:

— Vem, que eu te contarei tudo.

Sahiram.

Jorge Coelho foi o unico dos circumstantes que examinou com seriedade o morgado. Achava estranho o personagem; mas dizia-lhe a boa alma que o insulto era improprio de pessoas bem educadas como deviam presumir-se aquellas, que estavam alli representando a melhor sociedade.

O fidalgo de Freixieiro sahiu com os olhos a marejarem lagrimas. Foi ainda Jorge quem unicamente viu este signal de afflicção; e, sem saber o porquê, sympathisou com a dôr do homem, que levava de poz si o escarneo de tanta gente, e na alma a certesa de que viera dar-se um espectaculo aos olhos da mulher, que nunca lhe perdoaria o ser ridiculo. Pobre criança! como vivias enganado pelas maxi-

mas dos teus romances francezes! Não sabias tu que ridicula, sem rehabilitação, é só a pobresa.

D'ahi a uma hora, Francisca e Silvina desciam do toucador para o salão do baile. A primeira compunha o semblante ainda descomposto das gargalhadas com que recebêra a revelação da prima. Esta, mortificada pelo amor proprio, se não antes vexada pela indecorosa eleição d'um amante chulo, captivava lastimas com a tristeza que devêra acarear despreso. Despreso! Talvez piedade, que a situação era digna d'ella, por que é a mulher quem mais a si se mortifica, se a consciencia a accusa d'uma escolha, que não só lhe não disputam, se não que, peior ainda, lhe injuriam com motejos. O morgado de Santa Eufemia, até á noite infausta do baile, era uma recordação, se não saudosa, ao menos magoada. D'ahi em diante, pelo menos n'aquella hora, causava-lhe tedio, e forçava-a a participar da zombaria.

IV

Estava Jorge, outra vez, defronte das duas senhoras. Sentia-se outro. Já tinha interiormente um mundo, uma imagem reflexa do mundo exterior a remuneral-o vantajosamente da insulação em que se via no meio de tantos indifferentes á sua tristesa. A todo homem esta mutação tem acontecido, uma vez na vida. O baile é triste para quem leva da soledade do seu quarto o coração de lucto; porém, áquelle mesmo conforta, ás vezes, uma chimera, lá onde menos a esperança lh'a promettia. Chimeras são que desbotam, como as flôres dos enfeites, ao repontar da manhã; mas Deus sabe quantas almas se retemperam nas illusões de um baile, e que horas de abençoado engano lá divertem as tristesas dos mais desenganados!

Não era assim que Jorge Coelho scismava comsigo — que a aurora do seu breve dia de fé e amor principiava alli — quando o amigo Pires, lançando-lhe o braço em redor do pescoço, lhe disse:

— Que fazes aqui parado? Contemplas aquellas duas Evas, mal assombradas de gesto, como se tivessem comido a fatal maçã?

— Contemplo uma, e acho-a celestialmente formosa.

— A côr de cêra?

— Sim.

— Eu gosto mais da morena. *Nigra sum sed formosa.* Aquillo sim que é mulher para incommodar a fleuma d'um sceptico!... Queres ser apresentado?

— Pois tu conheces?

— Não, nem preciso. Vou tiral-a para a primeira quadrilha, apresento-me, e depois tenho a honra de ser o teu apresentante. O estilo, cá na boa roda, é este.

— Mas a quem me has-de tu apresentar? é necessario, a meu vêr, que ella te diga quem é.

— Pois não lh'o pergunto eu?! Essa reflexão é piegas. Se queres ouvir o que eu digo, colloca-te ao pé de nós, e escuta-me nos intervallos das marcas.

O sr. Pires não reconsiderava uma tolice, nem tolerava replicas.

D. Silvina, vendo um sujeito conversar com Jorge, olhou-o curiosamente, para, se acaso visse pessoa de suas relações com elle, podesse, de conhecido em conhecido, chegar a colher alguma informação do seu mysterioso observador. Mais propicia do que ella ambicionava, lhe foi ao encontro a fortuna protectora da sua innocente curiosidade. Pires, com elegante desembaraço, solicitou de Silvina uma

contradança: esta, com adoravel aprazimento, aceitou logo o braço do cavalheiro porque se estavam alinhando os pares.

Aqui, porém, falhou uma vez a felicidade a um tolo. Esquecera-se Pires de procurar *vis-á-vis*, e era já fóra de tempo o procural-o. A dama deu primeiro pela falta, e o academico fez-se da côr do rabano. Silvina relanceou os olhos supplicantes a D. Francisca, e esta, chamando o primeiro cavalheiro conhecido, deu lhe o braço, e entrou no lugar fronteiro á prima.

— Esta falta, disse Pires, retesando no pulso a luva até a rasgar, deve-se ao enthusiasmo com que eu pedia a v. ex.ª esta contradança.

— Enthusiasmo?! Ora!... parece-me que queria dizer *distracção*, respondeu Silvina ao adiantar-se para executar a primeira figura.

Chegado o grande intervallo, Jorge Coelho quizera ir postar-se perto de Silvina; mas um burguez intolerante, zangado da pertinacia do moço, que envidava os recursos todos da delicadesa e do encontrão para romper a barra compacta dos olheiros de espadoas nuas, chegou a dizer-lhe, franzindo a testa: «O senhor não cabe? se quer passar espere que acabe a *polka!*» O bom do burguez não sabia ao certo se era contradança ou polka o que se estava dançando.

No entanto, o nosso amigo Pires, com quanto pesaroso de que Jorge alli não estivesse, para maravilhar-se dos recursos da eloquencia afeita ás dificuldadas do salão, conversava assim com a senhora attenciosa:

— Quando tive a honra de impetrar de v. ex.ª a graça d'uma contradança... (Silvina poz o leque diante dos labios) acabava eu de dizer a um amigo meu que o olhar contemplativo, *la rêverie*, com que elle fitava v. ex.ª era merecida, justificada, e...

— Muito agradecida; — atalhou Silvina, tregeitando com o leque e a cabeça uma evolução de movimentos indescriptiveis — mas eu não reparei bem no amigo de v. s.ª, que me distinguia de modo tão lisongeiro.

— Se v. ex.ª tem a bondade de olhar em frente, ha-de encontral-o extasiado...

— Extasiado?! Ora isto parece-me que vai passando da lisonja á galhofa!

— Oh! minha senhora... Isso offende-me e punge-me, acudiu Pires com o mais comico azedume.

Silvina relanceara a vista como quem não via, e voltando-se para o cavalheiro, disse:

— E' do Porto aquelle senhor?

— E' da provincia, minha senhora, estudante de Coimbra, meu condiscipulo, chama-se Jorge Coelho, pertence a nobilissima familia, e assevero a v. ex.ª que é um coração virginal, intacto, fervoroso, sentindo hoje pela primeira vez os impetos juvenis do amor.

— Não admiro, porque é muito novo.

— Muito novo! oh! minha senhora! Quantos velhos n'aquella idade! Aqui estou eu, de pouca mais idade que elle, e me considero já *desillusioné*, decrepito.

— Realmente?!... Perdoe-me a curiosidade — disse Silvina, com muita graça de fina ironia, sus-

tentada com imperturbavel seriedade. — Queira dizer-me em que romance poderei encontrar o seu caracter, já que não devo esperar uma revelação das tempestades que o fizeram tão cedo naufragar!

— O meu caracter ainda não está escripto! — respondeu Pires, avincando a testa, e fitando-a de esguelha.

N'este comenos entraram os pares lateraes em movimento, e a phrase ficou engasgada até ao proximo intervallo. Enganou-se, porém, o sceptico. Silvina, como esquecida da suspensão da lugubre narrativa, perguntou ao cavalheiro:

— O seu amigo demora-se no Porto?

— Não são essas as intenções d'elle, minha senhora; mas é de presumir que um acêno de v. ex.ª o faça esquecer a familia carinhosa que o está esperando.

— V. s.ª depois que envelheceu — replicou Silvina cortando as palavras com frouxos de estudado riso — julgou salutar cousa o distrahir-se da sua gotta moral zombando das pessoas que ainda crêem e esperam alguma cousa d'esta vida?!

Acudiu Pires:

— Eu que digo isto é porque sei o que v. ex.ª é para Jorge. Respondo gravemente ás suas facecias adoraveis. Sei que as virtudes de v. ex.ª...

— V. s.ª conhece-me? perguntou Silvina de golpe, e formalisada.

— Não tenho essa honra, minha senhora.

— Quem lhe disse que ha em mim virtudes?

— Rosto angelico é véo translucido: homem experimentado adivinha o coração do anjo.

Pires ia dizer mais quatro aforismos do seu uso, quando terminou a contradança. Conduziu a dama á sua cadeira, e disse-lhe:

— Eu queria ter a felicidade de apresentar a v. ex.ª o meu amigo Jorge Coelho; porém, rogo-lhe me diga se devo procurar alguem que me apresente a v. ex.ª

— Não tenha esse incommodo. Fico sabendo que v. s.ª é um cavalheiro da boa sociedade, e tanto basta. Sei tambem que é academico, e sympathiso com essa qualidade porque tenho em Coimbra dous irmãos no seminario, e não sei que analogias me fazem presar os estudantes.

— Direi mais, acrescentou o academico, enclavinhando os dedos para ajustar as luvas, e tirando pelas lapelas da casaca a puxões de gentil effeito — direi mais a v. ex.ª que me chamo Leonardo de Sousa Pires e Albuquerque, a minha casa é na Maya, e costumo passar as ferias no Porto, porque sou avêsso á vida pastoril, e não tenho senão mediocres tendencias para admirar a natureza bruta...

— Não é poeta? — interrompeu Silvina, ageitando o lindo rosto a um ar de zombeteira admiração.

V

— Se sou poeta!... — disse Pires, enviezando para o estuque do firmamento olhos de lastima. — A poesia é flôr muito delicada, que o primeiro vendaval do coração desfolha. Desfolhada a primeira flôr, o vaso que fica não tem seiva para outra: é como a terra ferida de maldição.

— Isso é triste — acudiu Silvina, tregeitando com a cabeça e olhos umas gaifonas piedosas.

— Tristissimo, minha senhora!

Agora eram de victima os ares do Fausto da Maya, e a dama já pedia a Deus que não viesse para junto d'ella a prima, com medo de espirrar uma d'aquellas casquinadas de riso, que a mais sisuda prudencia não refreia.

Jorge Coelho, no entanto, sem bem saber o que o impacientava, não podia tolerar a detença do amigo. «Se eu soubesse dançar — dizia de si para si o academico — teria feito o que fez Pires... Será de mim que elles estão fallando? E' natural, porque a

vejo fitar-me com attenção... Se me eu avisinhasse, daria melhor occasião a Pires de me apresentar...»

E, obedecendo á hypothese, deu alguns passos; mas tão a medo o fazia, que antes parecia querer que o não vissem. N'isto, já o amigo o andava procurando, e Silvina, vendo a direcção errada de Pires, acenou-lhe de longe, indicando com disfarce onde estava Jorge.

O pobre moço tremia quando viu que era procurado. A sua primeira idéa foi fugir da sala, e não duvidamos crêr que fugiria, se Pires lhe não trava do braço, dizendo:

— Olha lá como lhe fallas: a mulher tem espirito, e é um genio.

Isto foi peior.

— O meu amigo Jorge Coelho que eu tenho a honra de apresentar á ex.ma sr.a Dona...

Pires estacou. Silvina sorriu-se. Jorge corou, baixando os olhos.

— Não sabe o meu nome? isso não importa, disse a dama. — Eu me apresento. O meu nome é Silvina. Tenho a gloria de ser tambem aldeã. Nenhum dos tres póde rir dos outros. Então o sr. Jorge não dança?

— Não, minha senhora, eu não sei dançar — disse Jorge com infantil ingenuidade.

— Não sabe, porque não ama a dança, não é assim?

— Em minha casa ninguem aprendeu a dançar. Minha mãi foi educada n'um convento, e de lá sahiu para ser esposa, e governar sua casa n'uma

terra onde nunca se deram bailes. Eu sahi da minha aldêa ha menos d'um anno, e tenho consumido todo o meu tempo no estudo...

Estava Silvina gosando sem motejal-a a simplicidade de Jorge, ao passo que Pires lamentava as pueris historias do seu acanhado amigo. Como quizesse salval-o, o imaginoso academico interrompeu-o com não sabemos que espirituosa semsaboria, que Silvina atalhou logo:

— Deixe fallar o seu amigo que me está encantando com a singelesa do que diz...

— Eu retiro-me, minha senhora—disse Pires, arqueando-se — porque estou compromettido para a seguinte polka.

— Tambem eu... — disse Silvina, já quando o par se avisinhava, ao qual pediu desculpa, de não dançar, por causa de uma forte dôr de cabeça. E voltando-se para Jorge, que não soubera avaliar a fineza do fingido incommodo:

— Tem aqui esta cadeira... Sente-se, e conversemos da sua familia, porque talvez precise desafogar saudades d'ella em coração que o comprehenda.

Jorge cobrára alento com este ar de familiaridade. Fez-se para elle profundo silencio em todo aquelle borborinho da sala.

Era a primeira vez que se via em face de uma mulher, que lhe não chamava irmão ou filho; e, todavia, tanta ingenuidade fraterna respirava o rosto de Silvina, que, por encanto, o timido moço, sem forcejar contra o enleio da alma, tirou de lá expressões de sorte affectuosas que nem os mais destros comicos de sala as diriam assim.

— Tem muitas saudades dos seus, sr. Jorge? — disse Silvina com brando mimo. — Está ancioso por chegar aos braços de sua mãi?

— Quizera que v. ex.ª a conhecesse — disse Jorge maviosamente. — Havia de amal-a... que minha mãi está tão longe d'este mundo brilhante, vive d'um modo tão differente do das pessoas educadas como ella foi, que me faz dó o que era e tem sido ha vinte annos, contando hoje apenas trinta e seis, n'uma aldêa, sem outra convivencia senão a de seus filhos, e sempre magoada das saudades de meu pai... Ha duas horas que penso em v. ex.ª e n'ella...

— Em mim? — atalhou Silvina, com sorriso de bondade — lisongeia-me infinitamente a companhia que me deu no seu pensamento; mas poderá dizer-me que analogia de imagens achou entre mim e sua mãi?

— Immensa, e não sei dizel-a. Se eu podesse bem interpretar este sentimento mysterioso, diria, d'outro modo, que hoje, pela primeira vez, se espelharam em minha alma duas imagens de mulher. Até ha pouco, havia lá a de minha mãi sómente, e os traços informes, a sombra, o indefinido do ser que vaga entre o céo e a imaginação do poeta. Agora...

— Essa segunda — interrompeu Silvina com uma gravidade impropria de sua idade e modos usuaes — não poderá jámais deslumbrar a de sua mãi, porque os entes de imaginação, visualidades passageiras, nunca usurpam a posse aos entes que a natureza nos está dando todos os dias em realidade de

amor e carinhos. E depois, sr. Jorge, verá que é inutil esperar aquelle puro original da cópia que a sua phantasia vai debuxando, em quanto o coração novo e enganado lhe empresta as côres do céo. Affirmo-lhe, senão authorisada pela experiencia, amestrada pelo exemplo e confissões sinceras das minhas amigas, affirmo-lhe que o seu indefinido de poeta nunca lhe ha-de avultar em corpo e alma, se os olhos descerem do céo a procural-o na terra. Guarde, pois, com extremosa avareza a imagem de sua mãi, e não consinta que outra lhe dispute o exclusivo amor que lhe dá.

Disse.

O academico ouvia, pela primeira vez, a expressão floreada, a linguagem musical, o periodo arredondado, como de folhetim ambicioso, na bocca de mulher. Achava elle certa incongruencia entre as feições menineiras da provinciana e o tom sentencioso do discurso. Relanceou-lhe subito na memoria o meu nome, segundo me elle contou depois. Lembrou-se d'aquelle meu estirado discurso, na sua aldêa, dezoito mezes antes. Tropeçou na hypothese de que o singelo exterior da palavrosa menina mascarava um coração desbaratado por desenganos, e engenhoso de armadilhas a corações noviços. Alguem diria que o silencio de Jorge, seguido á ultima expressão de Silvina, era acanhamento. Já não: era a duvida.

— Ficou tão pensativo, sr. Jorge—tornou Silvina. —Está pesando no seu juizo a verdade das minhas palavras? Impressionaram-no tanto!

— É verdade, minha senhora; estava pesando

as palavras de v. ex.ª, com outras que me disse um homem de trinta annos.

— Contrarias ás minhas?

— Semelhantes na intenção; mas muito mais desconsoladoras na fórma. Disse-me elle que ha muitas mulheres que matam, e uma só que salva.

— Mas affirmou-lhe haver uma que salva?

— Sim, minha senhora.

— E quantas vezes lhe disse elle que podia ser victima de sua devoção e generosidade a mulher que sente em si o coração salvador?... Creio que me não fiz comprehender...

— Comprehendi, minha senhora. Pergunta v. ex.ª se a mulher capaz de erguer a alma despenhada de sua grandesa, não se despenhará ella mesma n'essa generosa tentativa.

— Entendeu.

— Não sei responder, sr.ª D. Silvina. Eu não sei nada do mundo. Ignoro os precipicios em que póde cahir o homem, e não sei tambem a que alturas póde levantal-o o amor. Já imaginei o mundo mais agradavel: começo a dar cem illusões por cada realidade. Não cuide v. ex.ª que eu fiz pé atraz á vista da verdade despoetisada, e feia como dizem os pessimistas que ella é, vista á luz da razão pura; vejo, porém, que se vão fenecendo as flôres da minha imaginação á maneira que escuto e pondero, com religiosa crença, as palavras que v. ex.ª me diz, e as que me disse o bom ou funesto despertador da minha razão, que dormia acalentada nos braços da poesia. De que serve o desengano antes que a fatal experiencia nol-o dê?! Para que me di-

ria v. ex.ª, com ar de tanta verdade e segurança, que eu nunca encontrarei o puro original da cópia que a minha phantasia entrevê?!

— Diz bem! atalhou Silvina meigamente triste, ou adoravelmente dramatica — diz bem! Arrependo-me da injustiça que fiz ás mulheres, e mesmo da crueldade com que me tratei a mim propria. Fallei pela bocca da sociedade, sr. Jorge Coelho. Tenho ouvido, e lido nos romances as palavras geladas e desanimadoras que lhe disse, com o immodesto animo de distinguir me a seus olhos. Menti-lhe, e menti ao meu coração. Não se desalente ao entrar na vida, e nunca de mim se lembre como de fada má, que lhe fadou a desventura. Espere, creia e obedeça aos impulsos do coração, em quanto a peçonha da mentira o não contaminar. No mundo deve existir a imagem da mulher digna de senhorear-lhe a alma com a de sua mãi, cuja eu beijaria, hoje, se podesse, com respeito e ternura de filha. Quando estiver nos braços d'ella, diga-lhe que encontrou no Porto, e n'um baile — onde raro sentimento grave entretem por momentos o espirito — diga lhe que encontrou uma mulher que lhe manda n'esta rosa um beijo de sympathia e veneração.

E, dizendo, tirou do decote espeitorado do vestido a rosa, chegou-a aos labios, e deu-a com gracioso ademane a Jorge, que lh'a recebeu com mão tremente.

— Cumpre o meu pedido? tornou ella.

— Pergunta-me se cumpro? E' este um encargo dôce que v. ex.ª faz ao meu coração. Farei que minha mãi receba nos labios o beijo que vai n'esta

flôr. Depois, pedir lhe-hei que m'a cêda, que eu possa chamar-lhe minha, enthesoural-a como se ella para mim cahisse da grinalda de um anjo... Se ha no coração poesia mais sublime que a da saudade...

— Ha, sim... a da esperança...

— A da esperança!... balbuciou Jorge, levando machinalmente a rosa aos labios, e córando da irreflectida acção que se lhe afigurou menos respeitosa.

(Oh santa innocencia! não sei se és mais tola que santa!)

Desculpem o parenthesis que desfeia um pouco o bello e harmonioso da fórma dialogal. Guarde-me Deus de motejar com insulsas facecias a candura, o rubor, a timidez encantadora dos vinte annos de Jorge. Invejo lhe o que já não posso haver nem sequer com grande esforço d'arte; mas rio-me d'elle e de mim, quando as galhofeiras memorias do que fui, ha hoje quinze annos, sahem d'entre as flôres mirradas da minha primavera, e vem cá a este glacial dezembro da vida fazer-me assuada e zombaria, para que eu me dôa e corra das criancices de então. Pois rio me com effeito, que é para isso a cousa, e riam se, á vontade, os que de mim souberem que muitas vezes todo eu me incendiava em carmim e rosa, quando o olhar logrativo da mulher me alvoroçava o pudor a ponto de afeminar-me, e fazer de mim uma menina que... Quasi me escorregava agora dos bicos da penna uma necedade das que se não desculpam á propria santa innocencia que, repito, não sei se é mais santa que tola.

Vamos á historia com ajuda da providencia dos romancistas, a qual providencia, muitas vezes, abre mão d'elles, e deixa-os para ahi parvoejar que é mesmo cousa de peccado.

Silvina deu fé do rubor de Jorge, e... — querem saber a verdade inteira? — não gostou. E' um segredo da essencia mulheril o dissabor que a molesta, a seu pesar... (vá, diga-se a *seu pesar*) quando o homem se amulherenga ao pé d'ella, e lhe não deixa o exclusivo de mulher. Receios de desmerecer em graças quando lhe é força ser mulheril? Consciencia ingrata d'uma superioridade que a desenfeita? Recursos que perde de captivar pelo mimo, com a brandura cariciosa, por estremecimento do pudor, toques do pejo virginal, que ora lhe transluzem nas faces, ora lhe cerram os labios? Não sei se é tudo, ou alguma cousa, ou nada d'isso. A verdade é que a mulher não gosta de homens que coram, de homens que choram, de homens que... não são homens, está dito tudo, e n'isso ficaremos, se acham que está discutida a materia. *Materia*... que aleivosia! Isto é espirito o mais espiritual que póde ser. Espirito transcendental, d'aquelle que devia andar na mente de muito casquilho, paralta, janota, ou como é que se chama a tal alimaria, que se desentranha em lufadas de cynismo nos botequins, e vai ao pé das costureiras tartamudear jaculatorias de ternura.

Fica, pois, justificado o desgosto de Silvina, quando viu Jorge córar, por ter beijado a flôr, onde os labios da peregrina minhôta haviam imprimido o beijo de encommenda para a provincia.

— Agora, disse ella, são dous os beijos que leva a sua mãi, em uma só flôr. Queira Deus que o halito dos labios do filho não tirasse o perfume ao dos labios da amiga.

— Creio que sim — disse Jorge corando outra vez — creio que sim...

— Porque?! — atalhou Silvina com despeito mal comprimido.

— Porque sinto no coração o perfume do seu beijo.

Sahiu-se melhor do que eu pensava. E' aquella uma das respostas que costumam ir de casa gizadas; mas creio no improviso. E assim, explicado o segundo accesso do escarlate, desvaneceu-se o desaire em que estava Jorge na opinião caprichosa da dama, que replicou muito requebrada:

— Pois não esperdice o perfume, porque nunca sentirá no coração outro mais puro, mais digno de incensar o seu amor reflectido do céo.

— Amor! — interrompeu Jorge com exaltado impeto de criança. — Olhe que essa palavra póde ser-me veneno para toda a vida, se v. ex.ª consentir que eu a guarde...

— No mais intimo de sua alma... Guarde... que nunca a proferi com tão pouco conhecimento de quem a dou, e tão pouca esperança de a vêr florir em venturas.

Jorge Coelho ia naturalmente córar terceira vez, quando Francisquinha da Cunha chegou, com ar de zanga, e disse:

— Vamos, prima, que o pai quer sahir... e é tão cedo... que raiva! estava agora ouvindo uma enfiada de tolices tão peregrinas...

— De quem?

— Eu sei cá de quem? d'um homem que se chama Pires, e que este senhor conhece... Não lh'o diga, não? Eu fui indiscreta...

— Não diz nada — accudiu Silvina — pois não, sr. Jorge?

— Eu, minha senhora!..

— Asseverou-me — continuou Francisca gesticulando vertiginosamente com cabeça e braços — que se eu o não amasse, havia de espirrar á minha fronte de algoz o seu sangue de Larra, de Werter, de... Ai que homem, que homem aquelle! O que se produz na Maya! O' filha, eu não posso perder aquillo!... Pires é meu... Ai! o pai... Vamos, Silvina.

Silvina estendeu a mão a Jorge, e disse a meia voz:

— Vá vêr-me amanhã ao jardim de S. Lazaro.

Jorge balbuciou alguma cousa que não vinha do coração. N'este momento, um receio doloroso o affligia com esta pergunta: «Esta mulher irá escarnecer-te, como viste escarnecido o teu amigo?»

VI

As occorrencias do jardim de S. Lazaro, no dia immediato, não merecem chronica. O que póde, porém, succeder a um moço, que passeia o coração amante no jardim do Porto, é bom de dizer-se, e folga a moral de ouvil-o.

Se o leitor está no Porto, e vai apaixonado ao jardim de S. Lazaro, e conhece a familia da menina casadoura, por quem anda em brasa, faz a sua primeira cortezia, e foge de encontral-a segunda vez, porque repetir a cortezia é, além de provincianismo puro minhoto, cousa que cheira a inconveniencia, e póde ser até escandalo. Resta-lhe o expediente commum, e salva assim a honra das familias: é amoutar-se como fauno por entre as murtas e bosques de acacias, lobrigando aqui, e além, a caça estranha.

No jardim de S. Lazaro os dous sexos dão ao passeio o que as sovinas municipalididades não tem querido dar-lhe; isto é, uma luxuosa superabundan-

cia de estatuas, as quaes, tirante a alma, nem sempre se avantajam ás do marmore nacional. Sentam-se as meninas, mui bem compostas e ageitadas de mãos e cabeça, e alli se estão deleitando na vista do repuxo, em quanto o papá rufa com tres dedos na tampa da caixa do tabaco o compasso da modinha conhecida de Verdi ou Donizetti, que as trombetas bastardas estão executando... *executando*, sim, é a palavra.

Ao relance artistico dos olhos não é feio aquillo.

Cuida enxergar o myope em cada renque de cadeiras uma fileira de *madonas de la sedia;* mas a illusão d'um myope não vale os desconsolos de tanta gente que tem a sua vista escorreita, e pensa que a estatua deve ter um *quantum satis* de espiritualidade.

Ha pontos na casca do globo em que a virtude custa pouco. Não sei se a bemaventurança é accessivel por igual de todas as terras; mas, convencido da rectidão que assiste aos negocios dos outros mundos, quer-me parecer que quatro virgens a um tempo, sahidas em espirito, uma de Pekin, outra de Constantinopla, outra de Paris, e a quarta do Porto, devem de ter differente recebimento e quartel nas regiões da gloria, onde ha premios para a virtude.

Na razão directa da tentação, nos esforços em rebatel-a, é que deve ser aferida cada alma victoriosa que, apesar dos demonios succubos e incubos, se alista nas legiões do céo. Não se dogmatisa, entendam: quer-se escassamente enunciar idéa nova, resaibada de heresia, a vêr se algum hypocrita

illustra o livro, com as injurias da sua caridade apostolica. Não ha no romance outro merito que o inculque, nem perspectiva melhor agourada para o editor.

As adoraveis virtudes das senhoras do Porto não são de todo um merecimento: orçam mais por uma necessidade. O homem d'alli sente um terço, ou ainda menos das precisões espirituaes que, n'outras partes, incommodam o coração humano. Esta feliz frugalidade procede do geito d'aquella sociedade, geito antigo que degenerou em aleijão, rachitismo moral, corcunda hereditaria, e de mais a mais pegadiça, por quanto, se não é do Porto, e por lá apégar alguns mezes, leitor, apalpe as costas, e topará uma protuberanncia a crescer, a crescer, até se formar corcunda, que irá comsigo a toda a parte.

Aquelle aleijão, de barreiras do Porto a dentro, não fica mal a ninguem. Os liliputianos, conta Swift, chanceavam o viajante europeu, que tinha a ridicula felicidade de ser um homem bem apessoado e perfeito. As bellezas do Congo recuam de puro nojo diante de um formoso nariz branco sem pingentes. No Porto ha o escarneo e o tedio que explicam o paradoxo do selvagem.

A juventude masculina da cidade heroica está em contacto com a civilisação d'este seculo pelo alfaiate. Não poderam os velhos trancar as portas do burgo de Moninho Viegas á invasão dos figurinos. Calção e rabicho foram banidos; o tamanco e o chinelo d'ourêlo cederam, constrangidos, o joanête indigena ao verniz, e ao couro da Russia; o

difficil, porém, era pentear, vestir e calçar o espirito de geito e arte que a gente, fitando em rosto o filho da civilisação portuense, não tivesse de descer os olhos a buscar-lhe nos pés o tamanco. E' o sestro das transfigurações de golpe e abruptas.

Um joven bem estrellado de minas e camapheus, chama-se no Porto um janota. A menina ingenua diz á visinha: «conhece aquelle janota?» ou «fulaninha namora um janota louro.» Não se cuide, porém, que este epitheto implica mofa ou menospreso como em Maçãs de D. Maria, ou Lamas d'Orelhão. O janota portuense é uma cousa séria, que póde ser vereador, e irmão da ordem terceira.

Por via de regra, o janota é uma creatura que nasce, cresce, abre-se em florescencia variegada de frakes, e colletes, e pantalonas; toma posse do balcão paterno aos trinta annos, corta o bigode para que lhe descontem as letras, põe oculos se teve o infortunio de estragar a vista com a luneta que lhe servia de não vêr nada, fructifica em crianças gordas que entrajam á escoceza, e escôa-se de vida através de quarenta annos de lerda pachorra de espirito, legando á prole um nome limpo, com pequenas farruscas que se ensaboam na barrela de um necrologio, e dous legados de cincoenta mil reis ás entrevadas da Cordoaria, e alguma cousa ao hospital do Terço.

D'este viver assim resultam duas cousas que explicam muitas outras: primeira, que o elegante portuense dispende os annos perigosos da adolescencia vestindo-se de manhã para sahir de tarde; segunda, que as meninas, ao despegar da costura,

ageitam os laçarotes do toucado, entufam os punhos das manguinhas, encostam o cotovello ao peitoril da janella, seguem o olhar de esguelha que lhe vai revirando o terceiro ou quarto janota predilecto, e fecha a janella quando a passagem do quinto é duvidosa.

D'est'arte, as paixões são innocentes e ao mesmo tempo substanciaes como um caldo de gallinha. As relações epistolares não derrancam a pureza das olhaduras. A carta, em regra, é declaração escripta que tolhe a poesia da declaração muda. Palestras, quer de sala, quer a horas mortas, da rua para a janella, que piedosa criada deixou aberta, são, se a patrulha o tolera, a morte de ambas as declarações, porque o janota que falla é muito menos soffrivel e grammatical que o janota que escreve. Ainda assim, o casamento remata isto que se chama o *namoro*. E o mais é que ella e elle, nas suas horas de recolhimento, cada qual a só por só com a sua consciencia, contempla saudoso o passado e diz: «Que bella mocidade eu tive! muito me diverti!»

Ponderam alguns authores que a morigeração dos costumes portuenses é o necessario effeito do atraso da civilisação e policia da classe media, em que as outras no Porto se embaralham e perdem. Esta palavra «civilisação» anda mal trazida para tudo. Se o refinamento das industrias, se a arte de crear capitaes, no minimo do tempo e com diminuto trabalho, constitue a maxima civilisação material, o Porto ganha a aposta aos mais ambiciosos prospectos de riqueza aventados pelos economistas. E assim é que

alli enxameiam os Midas no ouro e nas orelhas; porém, menos castigados que o fabulado Midas da theologia grega, logram digerir o boi e o toucinho na succulenta substancia que a natureza lhes deu.

Os que negam ao Porto a vanguarda do progresso industrial, que é a mesma civilisação, irmã gemea da intellectiva, e fonte da sã moral, derruem desde os alicerces a sciencia moderna, confessando assim a utopia do systema vulgarisado nas escólas, nas gazetas, e nas fórmas de governar das nações mais cultas. No Porto, dão-se as mãos a riqueza e os costumes edificativos, para se justificarem estes por aquella, e a primeira pelos segundos. A industria é a de hoje: os costumes são os de ha um seculo. O chefe de familia poderá ser moedeiro falso, negreiro aposentado com exercicio na casa real, alliciador de escravos brancos, contrabandista tolerado; mas a filha d'esse homem da época vive intemerata como a filha de Virginio; cuida que seu pai, recolhendo a casa encalmado e suado, vem de servir a patria como Cincinnato; e, chegada a occasião de exercitar as virtudes antigas, não duvidará ser Lucrecia, e Lucrecia menos equivoca que a de Colatino.

Sobre este assumpto, mediocre seria o engenho que não produzisse um volume. Em louvor do Porto, escreveu o socio da academia real das sciencias Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos dous folhetins de nervo e polpa, com muito sal attico á mistura. O abundoso escriptor escreveria in-folios, se lhe aprouvesse, porque já um dos sete sabios da Grecia, Pittacus, parece que era, escreveu um vo-

lume dos louvores da mó d'uma atafona; e, para encarecimento do rábano, deixou Marciano um tractado muito de vêr-se. O talento é uma cousa temivel.

Ora não vão já d'aqui os malsins de intenções maliciarem essas inoffensivas palavras, que não desprimoram, nem arguem deshonra ao paladium das liberdades patrias, como usam dizer os artigueiros da terra a proposito de qualquer empeço que lhes assombre o seu municipio, se acontece o governo ir de encontro a alguma postura sobre a carne de porco, ou cousa assim em que valha a pena lembrar ao mundo que o Porto é o paladium das liberdades patrias.

N'isto pensava eu no jardim de S. Lazaro, n'aquelle dia em que Jorge Coelho, mais imprudente que atrevido, se avisinhára de Silvina, que, passados minutos de conversação, lhe disse:

— Não se demore mais tempo, porque toda a gente nos observa com ar espantadiço. Eu cuido que estamos dando grande escandalo.

Jorge Coelho retirou, e deu o braço ao amigo Pires, que fremia de raiva resultante d'uma desfeita que recebera de D. Francisca.

— Desfeita! — disse Jorge — pois uma senhora faz desfeitas!?...

— O requinte hediondo da insolencia! — vociferou o fidalgo da Maya tascando com phrenesi a ponta do charuto.

— Que te fez?

— Ouviu-me hontem na «Assembléa» uma declaração, acolheu-a com doudo enthusiasmo, disse-me

que eu era um homem tão admiravel como perigoso; tremeu de pavor quando eu lhe fiz sentir o desfastio com que me arrancaria as entranhas, se me ella não aceitasse a vida como complemento da sua. Tudo isto me authorisava a offerecer-lhe hoje uma carta, com a certeza de me ser aceita. Offereço-lh'a, e ella responde-me que não sabia lêr se não letra redonda! Leonardo de Sousa Pires e Albuquerque sabe vingar-se. Vou ámanhã á Maya; depois... ai d'ella e de mim!

VII

Christovão Pacheco de Valladares, morgado de Santa Eufemia, esteve sete dias e sete noites emparedado no seu quarto na hospedaria da «Aguia d'Ouro» depois d'aquelle desastre da «Assembléa.» Alguns hospedes repararam na reclusão, e averiguaram dos criados que exquisito homem era aquelle. D'estes hospedes, o mais grado era o morgado de Matto-grosso, solarengo de «Entre-ambos-os-rios» homem de grandes brios e musculos. Apenas informado, foi bater á porta de Christovão Pacheco, dizendo pela fechadura que abrisse que era parente e amigo. A identidade do parentesco foi de facil prova.

— O primo Pacheco não póde duvidar — disse o morgado de Matto-grosso — que um irmão de meu setimo avô, que havia nome Heitor Moniz de Valladares foi casar á casa de Santa Eufemia com D. Urbana Pacheco, filha de Lopo Pacheco, governador de Cochim...

— A fallar lhe a verdade — disse o de Santa Eufemia — eu não sei nada de linhagens; mas tenho ouvido fallar a meu pai n'esse governador de Chacim.

— Cochim, primo Christovão, Cochim.

— Ou Cochim, ou lá o que é...

— E saiba que da sua prosapia sahiram os mais illustres sangues das familias do Minho. Talvez v. ex.ª, primo, não saiba que a nossa linhagem está mui de perto aparentada com Porto-Carreiros!

— Não sabia, nem sei de que sirva isso.

— De que sirva isso! — accudiu Egas de Villasboas Cão e Aboim Encerra-bodes, que assim se chamava o morgado de Matto-grosso. Não diga tal, primo Christovão Pacheco. Pois ignora que do solar dos Porto-Carreiros, fidalgos mais velhos que a monarchia trezentos annos, sahiu ha cinco seculos uma infanção, que casou em Castella, e foi tronco da descendencia que vem illustrar-se na pessoa da actual imperatriz de França? ([1])

([1]) Não vá entender alguem que o romancista está phantasiando. Quando Napoleão III casou com a condessa de Montijo, duas familias ventilaram em Portugal e porfiadamente, a origem dos Porto-Carreiros que levára a Castella os embriões da imperatriz. As familias litigantes eram os Porto-Carreiros da casa da Bandeirinha no Porto, e outros de igual appellido de Abragão, ahi para as cercanias de Penafiel. O pleito heraldico andou nas gazetas, e nomeadamente no *Portugal*, jornal realista do Porto. A critica oscillou longo tempo indecisa entre as duas familias, até que um dia, cançada de oscillações, cahiu a rir deixando ás duas familias nobilissimas o direito salvo de enxertarem o imperio francez lá em casa.

— Não sabia, palavra de honra, e isso que faz? — tornou o de Freixieiro.

— Faz que somos parentes da imperatriz, e que podemos dizel-o á bocca cheia a esses de sangue azul da capital, que nos chamam a nós fidalgos de meia tigella, esquecidos de que os mais nobres barões da côrte de Affonso edificaram os seus solares entre Douro e Minho, e d'aqui, por si ou seus filhos, acompanharam os reis da primeira dynastia ás conquistas do restante da Lusitania, e d'alémmar.

— A fallar-lhe a verdade, primo, quando entro a pensar n'essas cousas com que meu pai me quebra a cabeça, parece-me que trocava toda a minha fidalguia por algumas libras.

— Oh! que blasphemia! — exclamou Egas n'um impeto de sincera indignação. — Troca se por libras um neto de Heitor Moniz de Valladares?!

— Não é trocar-me por libras; — accudiu desabridamente o de Santa Eufemia — é que eu estou de vinte e oito annos, e ainda não pude sahir de casa senão duas vezes com esta; e não tenho remedio senão ir-me embora para Freixieiro, por que meu pai escreve-me hoje essa carta que o primo póde ler, e depois me dirá se me não era melhor ser antes um caseiro das minhas fazendas, que me não servem de nada, n'esta idade em que preciso de dinheiro.

— Vejamos isto — disse o de Matto-grosso, abrindo a carta, e lendo o seguinte:

«Meu estimado filho.

«Já te disse que venhas para casa, que não ha di-
«nheiro para andar em folganças. Os tempos estão
«muito bicudos, e o bicho já pegou nas videiras.
«Os bezerros do caseiro da Portela lá estão com
«a molestia, e a cheia levou a parede do lameiro
«do Quinchoso. Tudo são despezas. O abbade pe-
«gou-me pela palavra, e quer que eu mande pôr a
«porca no sino da igreja. O milho ainda não che-
«gou á conta; os quatro carros que se venderam
«não chegaram para pagar as decimas. O garrano
«está de todo espravonado; pozeste-o bom com a
«tua ida ao Porto. Tudo são desgraças. Em quanto
«á roupa nova, deixa-te d'isso; a casaca que levaste
«está muito boa, e o melhor é fazel-a em Guima-
«rães, que são mais em conta os alfaiates. Anda-te
«embora, logo que esta recebas, que eu dou ordem
«ao meu amigo brasileiro para te dar para a jor-
«nada cinco pintos; olha se ajustas a cavalgadura
«sem gorgeta. Dou-te a minha benção, e sou teu
«pai carinhoso,

Vasco.»

— Que me diz a isso? — exclamou Christovão.

— Eu sempre ouvi dizer — respondeu o primo Egas — que meu tio Vasco era um tanto fona; comprehendo que na idade do primo Christovão custa muito não brilhar na sociedade, a que o nosso nascimento nos dá direito; não obstante, seu pai está accumulando para o seu filho unico uma grande casa, e é preciso perdoar-lhe a intenção que é boa.

Vamos ao mais importante: o primo quer dinheiro? quer os meus cavallos? quer os meus lacaios? tem tudo ás suas ordens; o que eu não consinto é que diga que trocava os seus brazões por algumas libras. Vamos, franqueza, precisa de fato? Chama-se já aqui o alfaiate: hoje mesmo póde sahir de ponto em branco. Tenho cá dous cavallos, o *corisco* e o *phaetonte:* o primo monta qual quizer. Diga-me agora a que veiu ao Porto.

O morgado de Santa Eufemia, entre jubiloso e magoado, contou ao primo a historia do *seu amor de raiz*, como elle dizia. Mostrou as cartas de Silvina, que elle tinha atadas com um barbante n'uma bolsa interior da mala. Passou á ingenuidade da galhofa que lhe fizeram na «Assembléa» narrando as miudezas da casaca, e expoz o collete ginja e a gravata das orelhas fabulosas. E terminou em tom de lastima, accusando a perfidia da mulher a quem elle quizera dar o seu nome.

Egas de Encerra-bodes, depois de provar que na linhagem de Silvina havia um reles sargento-mór e um capitão de milicias, afóra duas bastardias e um filho sacrilego no seculo XVI, entrou a fuzilar colera dos olhos, tocando no ponto mais grave dos queixumes do neto do governador de Cochim.

—Eu, dizia elle batendo no peito com a mão aberta, eu, primo Christovão, na sua posição teria açoutado os perros que o escarneceram na «Assembléa.» Esses que riram de Christovão Pacheco é a villanagem, cujos paes vieram para o Porto de rabona de cotim, chapéo braguez, e o tamanco herdado. Os nossos caseiros, quando a liberdade de

nossos paes, lhes concedia poderem enroupar de cotim os filhos, mandavam-os para aqui. Os filhos d'esses que para aqui vieram, primo, são os insultadores da risada boçal, os miseraveis que através da casaca, da pelle da luva, e do verniz das botas, estão accusando o costado proprio do fardo, o pé que reclama o tamanco, e a mão que suspira pelo cabo da enxada. Tenho visto esse gentio nos botequins, e por sobre o hombro observo os risos de grosseira mofa com que recebem o despreso dos que elles denominam *parvalheiras*. Parvalheiras, a nós, primo, que temos em nossas casas a educação que elles tem entre as balanças, e timbramos em honrar os appellidos de nossos avós, descendo até elles para que elles não subam até nós. Se quer vêr quanto é villã a basofia d'estes tendeiros, que trocam por titulos ceiras de figos e costaes de bacalhau, tenha o primo a longanimidade de os admittir á sua convivencia, e verá como se elles desfazem em lorpas cortezias, e citam a cada instante o seu nome, como um dos seus amigos d'elles... Vamos ao ponto essencial. Christovão Pacheco foi ultrajado. Um primo de Egas de Matto-grosso não é ultrajado impunemente. Tem um rival, primo?

— E' de crêr que sim.

— Fidalgo?

— Isso não sei.

— Cumpre sabêl-o.

Uma hora depois entraram fardos de fato feito no quarto do morgado de Santa Eufemia, e logo botas do sapateiro francez, e chapéos da melhor fa-ica. Vestiu-se Christovão Pacheco, e era de vêr

em que gentil moço se transfigurou, e que nova alma entrou n'aquelle corpo. Se elle tivesse lido frei Luiz de Sousa, aquelle esbelto cortezão que se sepultára no frade, recordaria estas palavras escriptas com tanta sciencia do absurdo coração do homem: «E' nossa natureza muito amiga de si, e experiencia nos ensina que não ha nenhuma tão mortificada que deixe de mostrar algum alvoroço para uma peça de vestido novo. Alegra e estima-se, ou seja pela novidade, ou pela honra e gasalhado que recebe o corpo: até os pensamentos e as esperanças renova um vestido novo.» [1]

Assim foi o morgado de Santa Eufemia. Quando se viu, desconheceu se. Outro corpo e outra alma. Olhava para o polimento das botas, e o vidrado d'ellas reverberava-lhe na alma em lampejos de alegria. Não se cançava de correr a mão pela macia seda do chapéo, e remirava-se ao espelhinho que o imaginoso chapelleiro enquadrára no centro da copa. Com o que elle se ia zangando foi com as luvas de nove pontos e meio, que gemiam pelas costuras, com a pressão do dedo pollegar que queria á força entrar com os outros de uma assentada. O do Matto-grosso explicou ao primo os mysterios da luva, com muito mais siso que um certo folhetinista do Porto inventor dos mysterios da dança. No Porto ha gente para inventar tudo quanto ha.

Os dous morgados sahiram da «Aguia d'Ouro» no domingo posterior áquelle em que Silvina fallára

[1] *V. do Arcebispo.*

um momento com Jorge, no jardim. Para o jardim foram tambem elles, seguindo Silvina e Francisca, que sahiram da missa dos Congregados. Quando subiam a rua de Santo Antonio, um grupo de elegantes, para quem a physionomia do morgado ficára indelevel, desde o baile, pararam maravilhados da reforma, fixando-o com impertinente reparo.

O morgado de Matto-grosso estacou em frente do grupo, e disse:

— Ora vamos: andem, ou desandem!

Os elegantes abriram alas, encarando-se mutuamente com um ar de pasmados da propria docilidade.

— Bravo! exclamou Leonardo Pires, que seguia de perto os morgados.

Egas de Encerra-bodes voltou-se rapido para o da Maya, e disse mal assombrado:

— Que é lá isso?

— Disse *bravo!* — replicou Pires com serena jovialidade, porque gostei immenso de vêr aquelles bigorrilhas ladearem á esquerda e direita, e comprehendi a razão porque elles pararam contemplando este cavalheiro que eu vi, *mutatis mutandis*, no baile da Assembléa Portuense. Eu honro-me tambem de ser parvalheira, e como tal me apresento, pedindo-lhe que me recebam no numero dos seus conhecidos em quanto me não conhecerem digno da sua amisade. Sou da Maya, da familia dos Pires e Albuquerques, e primeir'annista da faculdade de direito. Tenciono formar-me porque não tenho que fazer, e não me conformo á vida de meus antepassados, que viviam dos galgos e dos cavallos. Abo-

mino cordialmente o Porto; mas ha aqui uma mulher que me tem preso a esta terra pela fibra vingativa d'um coração nobre. Aqui estou esperando a hora de provar-lhe que se não brinca com um homem que tem esculpidas no seio as maximas herdadas de avós.

Pires foi fallando n'este estylo até ao jardim. O morgado de Matto-grosso, scismando com o que seria no *livro dos costados* a familia de Pires e Albuquerques da Maya, escassamente ouviu o enfatuado palavrorio do mettidiço. Christovão ia um pouco desconfiado da bacharelice de Pires, que já o tratava por «vossê» quando entrou no jardim.

Lá estava Silvina. Rodeavam-na alguns cavalheiros do Minho, censurando-lhe a crueldade com que abandonara o morgado de Santa Eufemia. D. Francisca da Cunha chanceava com remoques os patronos da victima do collete-ginja. A fidalga de Freixieiro, esporeada pela prima, fazia tambem riso do morgado, calando os rumores da consciencia que a não louvava. Era, pois, certo que o coração d'esta menina, degenerado acaso do seu bom natural, em poucos mezes de pratica de outra sociedade, se estava doendo de ter desconfessado, no baile, o amor de um homem, cuja mão tres mezes antes apertára com fervoroso amor e esperança de ser d'elle.

Jorge Coelho presenciava de longe, e cioso, a attenção que Silvina dava aos cavalheiros minhotos. Não os conhecia, para afoutar-se a entrar na roda, e interrogar com uma palavra vaga o coração de Silvina. Esta, porém, repellindo com desdenhosa philosophia os pesares que secretamente a remor-

diam, ergueu a fronte desanuviada, poz os olhos nos de Jorge, e fez uma ligeira cortezia, que todos julgaram ser um aceno para chamal-o.

A este tempo chegavam, perto de Silvina, Egas de Encerra-bodes, Christovão de Valladares, e Leonardo Pires. O do Matto-grosso cumprimentou alguns primos que estavam na roda; e o de Santa Eufemia, voltando as costas para as senhoras, respondia, sem saber o que, a algumas perguntas d'um cavalheiro. O inquieto Pires, furando por entre todos, foi apertar a mão a Silvina, e dizer-lhe que estava o ideal da quinta essencia das fadas, com o que D. Francisca se riu, e riso fôra aquelle que abrira na testa de Pires um vinco dos que promettem cataclismos.

— Dá-me novas de Jorge?—disse Pires a D. Silvina. — Eu cheguei hontem da Maya, e não pude ainda encontral-o no hotel. O amor reduzil-o-ia a Sylpho, minha senhora? — proseguiu o estabalhoado, mordendo o charuto ao canto esquerdo dos beiços, e arqueando os braços na cintura.

— O seu amigo, disse Silvina, em voz alta, para desaffrontar-se da grosseira postura do morgado — está defronte de mim.

Pires fez uma pirueta sobre o calcanhar direito, fitou a luneta no condiscipulo, contemplou-o da altura da sua critica, volveu de novo o rosto risonho para a dama, e disse:

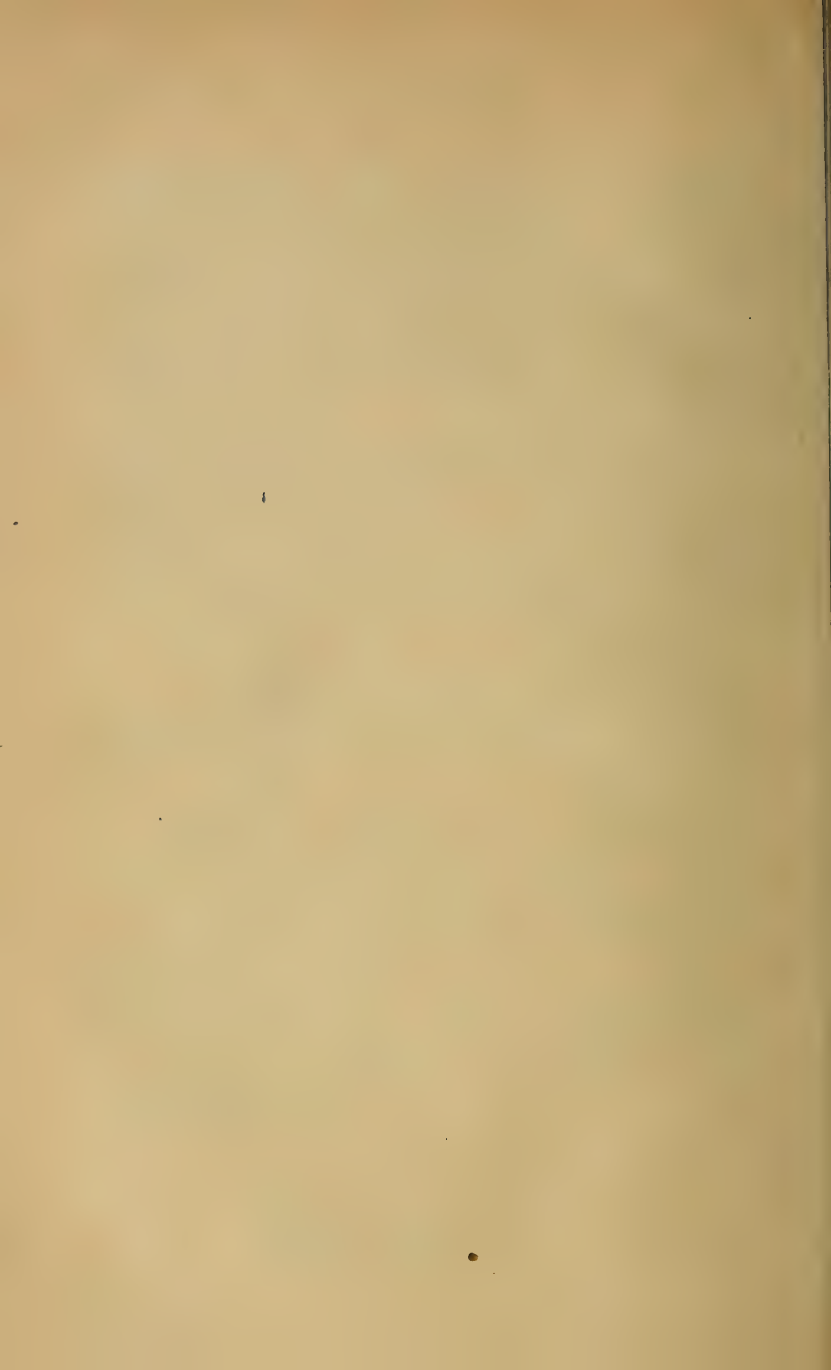
Sobre a pyra fumegante,
Ardem ternos corações.

D. Francisca deu largas a uma risada estridula. Silvina sorriu prasenteiramente á tolice. Alguns morgados receberam o dito como cousa de espirito. Pires, contente do seu auditorio, ia retirar-se quando o morgado de Santa Eufemia, voltando a cara jubilosamente sôez para o grupo, soltou uma cascalhada secca e desafinada que assanhou cruelmente os nervos de Silvina.

Todos estes movimentos foram seguidos de outro mais significativo. Os olhares convergiram todos sobre Jorge, que ficou encarnado até ás orelhas. Alguns dos cavalheiros murmuraram o quer que fosse, e nomeadamente Egas de Encerra-bodes fitou-o insolentemente, e disse a meia voz:

— E' aquelle ?!

— Pelos modos !—respondeu o primo.

— Pobre criança! é preciso dizer ao pai que o mande buscar.

VIII

Tinha Leonardo Pires, á volta com muita pequice, assomos de brios capazes de enganar a gente. Não levou em paciencia que os morgados rissem do seu amigo. Encarou com ferocidade o de Matto-grosso, e disse, estendendo o braço em attitude esculptural para o lado onde Jorge estava:

— Aquella criança, que alli está, tem um dedo de homem, que faz recuar perfeitamente o gatilho de uma pistola.

Os circumstantes algum tempo não tugiram. Se não fosse o melodramatico da postura, a cousa não era para rir; mas a lentidão, com que Pires desceu o braço, fez espirrar uma cascalhada universal, salvo Silvina que arquejava em ancias de raiva.

Jorge conheceu que o escarneciam. Ergueu-se, veiu direito ao grupo, accendeu o charuto no de Egas de Encerra-bodes, murmurou seccamente um *obrigadissimo*, e foi saudar Silvina e Francisca com a desenvoltura desacostumada que lhe dava agora o ciume e a ira.

Silvina, contente da façanha, deu-lhe lugar immediato no seu banco. Porém, o pai de D. Francisca da Cunha, adivinhando tempestade nos olhares coriscantes de Christovão Pacheco, ergueu-se, puxou para baixo as pantalonas que tinham marinhado até meia-canella, e disse :

— Vamos, meninas, são horas de jantar ; vamos ás sopas.

Levantou-se Jorge, sem ter dito palavra ; mas Silvina, estendendo-lhe a mão, de sorte lh'a apertára e sacudira, que fez evidente a intenção de tornar bem reparado o feitio, muito de notar-se em menina de sua idade e educação aldeã.

Mal as damas voltaram costas, o morgado de Santa Eufemia foi bruscamente a Jorge Coelho, e disse-lhe :

— O senhor é um petisco ! Não se me ande a fazer fino, quando não...

Jorge respondeu assim á brutal arremettida :

— A phrase é de carreiro : e, se não é carreiro quem me insulta, deve de ser um embriagado.

Leonardo Pires dá um passo á frente de Jorge, põe a mão no peito, e exclama nem facundo nem irado :

— Eu sou insultado na pessoa do meu amigo ; exigo uma satisfação.

O fidalgo de Traz-os-Montes, fazendo signal de retirada á filha e sobrinha, entremetteu-se no grupo que se ia cerrando, abriu os braços, e tirou do peito estas memoraveis palavras :

— Os senhores estão aqui desacreditando a provincia. Se querem ser o que lá no matto são os

homens de figados, peguem em dous carvalhos cerquinhos, e deem até tocar a quebrado; mas não queiram que os botem ás gazetas ámanhã. A minha opinião é esta..O menino vá para um lado — disse a Jorge, empurrando-o com brandura — e o senhor morgado para outro. Em quanto á rapariga, minha sobrinha, ámanhã eu a porei em casa do pai.

Jorge, tirado pelo braço de Pires, sahiu do jardim, e pôde ainda vêr nos olhos de Silvina, um movimento de radioso orgulho da bravura d'elle.

Na tarde d'esse dia recebeu Jorge a primeira carta de Silvina que resava assim: *E' bello ser amada por um homem de coração e esforço. É bello poder testemunhar a desaffronta do homem que se ama; mas é triste não poder, na presença de Deus e dos homens, dizer-lhe:* TUA POR TODA A VIDA!

O academico da Maya ouvira lêr a carta, e disse, com quanta vehemencia lhe permittiu a posição horisontal n'um canapé, e as pernas sobre as costas d'uma cadeira:

— Essa mulher tem espirito, palavra de honra! Amor e estilo, amigo Jorge, são o alpha e omega d'esta humanidade perfeita em que tivemos a dita de cahir das nuvens. De que diabo serve a rhetorica com que estragamos a memoria em Coimbra, não me dirás?! Se o padre Cardoso, que fez um compendio da arte de fallar, escrever uma carta como essa, diz tu que eu sou um parvo e que me não hei-de vingar da Francisca da Cunha! Diante d'estes talentos brutos, sem mão d'obra, como é o da tua Silvina, os Quintilianos e os Longinos ficam no tremedal da sua protervia explicando a *enallage*

e o *hyperbaton*. Oh! o estilo é muito mais a mulher que o homem! Eu dispensava bem tres partes do coração na mulher que me soubesse acepilhar e lapidar um periodo! Ha lá nada mais lindo? A formosura fenece como as flôres; o estilo fica. Silvina, a eloquente Silvina, quando de pura velhice não tiver aquelles dentes de marfim e esmalte, ficará com a bocca cheia de phrases melodiosas, como o canto do cysne. Tu és feliz, Jorge, mas a mesada deve estar nas vascas da morte. Estás sem vintem?

—Não; meu tio padre mandou-me cincoenta mil réis para eu lhe comprar dez volumes da Encyclopedia Catholica, e eu...

—Já devoraste cinco volumes em *rost beef*, e luvas brancas e charutos, não é verdade?

—E minha mãi encommendou-me duas peças de durante, e não sei que mais, que está esperando ha oito dias... Hontem recebi d'ella uma carta, que me fez pena e saudade...

—Tem estilo?—interrompeu Pires, sentando-se estabalhoadamente.

—Não brinques com cousas sagradas: minha mãi não tem estilo, e n'esta carta o que me diz é copiado do seu livro de orações.

—Ora essa!... Isso é original! Deixas-me vêr a carta-jaculatoria de tua mãi?

—Deixo... Aqui a tens... eu leio.

—Jorge Coelho, commovido, leu o seguinte:

«Abro o meu livro de orações e copio estas palavras para que meu Jorge as leia:—A infeliz mãi, cujo filho começa a frequentar as sociedades põe

toda a sua esperança na protecção de Maria. Começa o joven mancebo por alguns desmanchos que fazem conceber grandes receios ácerca do restante da sua idade. A mãi assim lh'o diz, e dá os mais ternos conselhos; elle, porém, rebela-se contra aquelle tão puro affecto, contra aquella dolorosa previsão de mãi, e assomando-se lhe pergunta porque duvida de sua honra e prudencia, e acrescenta: Parece-vos o meu comportamento reprehensivel, porque não frequentaes a sociedade: eu faço o que fazem todos.—Infeliz!—a mãi exclama—que te deitas a perder por isso que fazes o que todos fazem. — Ri o insensato dos temores maternos, e adianta-se ás cegas n'um caminho semeado de escolhos. Tudo está posto em aventura: a honra n'este mundo, e a salvação no outro. Não sabe a mãi o que faça para salvar o objecto de tantas lagrimas e crueis angustias. Vê perdido o filho, e perdido para sempre. Maria, porém, consoladora dos afflictos se lhe mostra como dôce visão... E a mãi afflicta, de joelhos, com as mãos postas, exclama: «Ó Maria, auxilio dos christãos, salvai meu filho, rogai por elle!» — Jorge, eu orei com estas palavras: a Mãi de Jesus ha-de ouvir-me, e fallar-te commigo ao coração. Vem, vem para nós: teus irmãos chamam-te com saudade, e eu com lagrimas.»

Leonardo Pires respeitou a commoção do seu amigo, e principiava um discurso de molde segundo o caso pedia, quando o morgado de Matto-grosso, e outro dos cavalheiros que entrava na roda do jardim, assomaram na porta.

— Temos duello—disse a meia voz, Pires, entalando no olho direito o aro circular da luneta e esguelhando a bocca. — Queiram entrar — proseguiu elle, adiantando-se para a porta—se é que entende com o meu amigo Jorge a honra da visita dos cavalheiros.

Egas de Encerra-bodes entrou e disse:

— Vem aqui commigo o sr. Theotonio Tinoco Pitta de Lucena, da casa da Trofa, fidalgo tão antigo como o solar dos Lucenas. O sr. Jorge não me conhece. Eu sou primo do morgado de Santa Eufemia: tenho dito de sobra para justificar o meu nascimento.

— Ha-de perdoar-me—disse Pires,—não precisava v. ex.ª dizer tanto para justificar o seu nascimento... — E atalhou logo a ironia vendo que o vulto do morgado se anuviava de mau agouro: — o senhor morgado é tido e havido na conta de muito bom sangue da provincia...

— E do melhor de Portugal — cortou logo Egas — Vamos ao ponto da nossa missão. Christovão Pacheco de Valladares manda perguntar ao sr. Jorge Coelho se algum de seus avós lhe transmittiu o fôro que torna iguaes no campo da honra, nobre com nobre, as pelejas do pundonor aggravado.

Jorge ficou atalhado, com o espavento da pergunta, e ia pedir explicação da linguagem que lhe fez lembrar o tedioso Clarimundo, quando Pires, sacudindo as borlas do seu rob-de chambre respondeu:

— Jorge Coelho herdou de seus avós a honra, é quanto basta. Na sala do palacio de Cintra não

está lá o escudo dos Coelhos, porque o cobre a mortalha da

«.............. *misera e mesquinha*
«*Que depois de morta foi rainha.*»

Jorge por sua mãi, é Sepulveda, appellido que traz á memoria o caso miserando, aquelle naufragio de que por ventura das letras patrias nasceu um poema!...

— Deixemo-nos de lérias!—interrompeu Theotonio Tinoco.

— Lérias! o sr. Pitta de Lucena chama a isto lérias!—acudiu Pires—Então que quer o senhor?

— Queremos que esse amigo dê uma satisfação ao outro a quem elle chamou bebado hoje.

— Mas, primo Tinoco — disse o do Matto-grosso —bem sabes que o primo Christovão não propõe, nem aceitaria desafio, a quem não tiver nascimento.

— Ficamos agora sabendo que este cavalheiro é de familia de bom sangue...

— Eu não sei de que sangue é a minha familia —atalhou Jorge serenamente.—O meu amigo Pires não o sabe melhor que eu, e vv. ex.[as] hão-de ter a bondade de dizer ao sr. morgado de Santa Eufemia que a côr do nosso sangue lá a veremos no campo, quando elle quizer.

— Nomeie os seus padrinhos, para nos entendermos com elles — disse Egas.

— Um serei eu, se derem licença — disse a voz de um homem, que entrou de subito no quarto.

— Meu tio!—exclamou Jorge, beijando-lhe a mão.

Era, com effeito, o padre João Coelho.

Leonardo Pires e os outros olharam com veneração para a figura sublime do velho, que trajava rigorosamente as vestes de sacerdote. Jorge baixara os olhos, em quanto o padre, com as palpebras humidas, e as mãos convulsas, fitava e cumprimia ao seio o sobrinho. Passados instantes, disse compassadamente:

— Tantos annos e trabalho para te aproveitar, Jorge, e tu em tão pouco tempo te perdeste! Ha menos de nove mezes que sahiste dos braços de tua mãi, e venho-te encontrar na vespera de expôr o corpo e a alma com menos desculpa que o salteador que traz o peito á bala e o coração damnado pela perversidade!

E voltando-se para os tres cavalheiros, disse com uns assomos de nobre authoridade e sorriso ironico:

— Quem são estes folgados rebentos de illustrissimas prosapias que vem aqui desenfastiar-se dos tedios da sua inercia, estragando a alma de uma criança? Ouvi aqui nomear appellidos estrondosos que representam varões de grandes serviços á religião e á patria; é lastima que os netos dos Tinocos e dos Pachecos andem pregoando o desafio, o derramamento de sangue, como prova de honradas consciencias e altos espiritos. Melhor lhes fôra que as suas consciencias fossem mais christãs que honradas. Não se illustram memorias de avós derramando doutrinas impias. Se o seculo as aceita, senhores, então reneguem vv. ex.as das virtudes de seus avós, que outros seculos laurearam. Se os costumes barbaros d'esta civilisação, que por escarneo

se chama assim, se conformam com os seus animos, não andem hypocritamente chorando saudades de Sião, os que se atascam nas immundicies da Babilonia. Jorge, eu fui aqui mandado por tua mãi: não quererá Deus que tu desobedeças á voz que te chama. Eu só quero exercitar sobre ti a authoridade do conselho; tua mãi chama-te: deves hoje mesmo sahir do Porto commigo. A vv. ex.as rogo eu mui humildemente que se não afflijam da perda de um noviço na confraria dos heroes do tempo. Costumavam nossos avós, antes de entrarem na cavallaria, velarem as armas no templo do Deus vivo; meu sobrinho vai armar-se cavalleiro, que não é ainda, e depois voltará á arena. Riem se os nobres senhores? Velar as armas é sacramento de tanto ponto, que nem o fidalgo da Mancha se deu por bem posto na sua missão, antes de armar se cavalleiro no curral d'uma bodega, e o mesmo foi dar sova brava nos arrieiros. Tens tu já Dulcinea, meu sobrinho? Claro é que sim. Ora, pois, aguarda melhores dias para as tuas façanhas, e diz aos teus padrinhos que te deixem ser mais algum tempo bom filho, bom irmão, e bom christão.

Egas de Encerra-bodes já não estava muito de bons humores com o padre. Tinoco Pitta não o tinha entendido, e abria a bocca pela terceira vez. Leonardo Pires não se atrevia a despregar da lingua aquellas espontaneas e por vezes graciosas parvoiçadas que lhe vinham á flux da abundancia do coração. Jorge Coelho tinha tão de negro cerrado o espirito que não balbuciou palavra. Era impossivel a desobediencia; mas deixar Silvina, sem levar

comsigo a certeza de que a distancia não mataria n'ella a paixão nascente, isso era uma dôr que o pobre moço desafogou em pranto desfeito, passando ao quarto immediato que era o de Leonardo Pires.

O morgado de Matto-grosso, para evadir se á posição embaraçosa em que se via, despediu se com estas palavras:

— Muito bem: eu vou dizer ao cavalheiro offendido por seu sobrinho, que o offensor não tem imputação, attendendo á sua creancice, e mais ainda ao facto de a mãi o mandar chamar para o seu regaço, como criança que é desmamada de fresco.

— Não, senhor, atalhou o padre com seraphica brandura, diga ao senhor morgado de Santa Eufemia, creio que assim se chama o seu amigo, diga-lhe que seja generoso no perdão das injurias; que não desdoure os seus antepassados barateando o sangue honrado que elles lhes transmittiram; diga-lhe sobre tudo v. ex.ª que seja christão. Lembre-lhe que o desafio é uma ferocidade que nem se quer prova coragem, porque a verdadeira coragem é aquella admiravel abnegação dos louvores do mundo aos impetos da raiva, e valoroso louvavel aos olhos do Senhor é só aquelle que tem mão de suas iras, e desarma com humildade sem baixeza os féros e acommettidas do inimigo.

— Teu tio é grandemente lido nos classicos! — disse Pires, no quarto immediato, a Jorge Coelho, que enxugava as lagrimas teimosas.

IX

«Pobre coração! Tão puras lagrimas não has-de choral-as mais. D'essa grande afflicção de que tu appellas para a morte, has-de lembrar-te sempre com saudade, meu amigo. Na tua angustia ha os prantos do anjo, saudoso do céo. Na mulher que deixas, cuidas que te fica a santa companheira do Eden que a tua candura via na terra, aberto ao amor sem mancha, convidativo de santos gosos. De dez em dez annos pararás, no caminho da vida, peregrino da sepultura; voltarás o rosto para aquelle teu dia dos dezenove annos, e verás em flôres, fenecidas mas ainda graciosas, os espinhos por onde a pedaços te fica, meu pobre Jorge, o coração. Saberás então o que é a saudade; pedirás á desgraça dôres semelhantes ás da tua mocidade para abençoal-as; atirarás com o peito ás sarças das paixões vertiginosas para espertares os pungitivos desgostos do amor contrariado. Não já lagrimas, se não fel

derramará o coração, que devêras ter dado a Deus, desde que o mundo t'o desbaratou a repellões e injurias. Chora, filho da sina maldita dos poetas, chora no seio de tua mãi; bem póde ser que ainda lá te espere o anjo da tua guarda.

Jorge Coelho não proferira uma palavra desobediente ao tio padre. Apenas, quando enfardava a roupa nas malas, enxugando as lagrimas antes de erguer o rosto disse: — Meu tio entende que me é honroso sahir do Porto sem responder ao desafio?... — Padre João, que abria o seu enorme lenço escarlate para se assoar, ficou algum tempo com os braços suspensos, e o lenço pendurado, e assim esteve, como estupefacto cravados os olhos no sobrinho, que esperava a resposta. O nariz, porém, urgia: padre João Coelho levou o trombetear da limpeza até á hyperbole, dobrou o lenço em quadro, depois enrolou-o, deu com elle mais alguns torcegões ao nariz, armou-se de pitada, e disse:

— Não é Deus que os perde: é o demonio que ensandece aquelles que quer aproveitar. Que é honra, Jorge? O evangelho que te diz das injurias, do odio, das affrontas, das injustiças? O filho de Deus dictou e rubricou com o seu sangue a lei, a regra, os deveres da humanidade; não importa ser o evangelho obra de Deus; não importa que alli venham prescriptas as maximas da boa e honrada vida: o evangelho é já inefficaz por que a humanidade inventou uma honra que se prova e sustenta com o duello: a vossa honra, cegos miseraveis dignos de lagrimas, lava-se no sangue, justifica-se pelo homicidio, ao qual a legislação decreta a forca, e a convenção so-

cial o galardão da bravura. Jorge, quem te disse que o assassino era honrado?

O academico apenas respondeu:

— Meu tio, vamos; eu estou prompto.

Leonardo Pires já estava no largo da Batalha, chamando a attenção dos numerosos transeuntes que paravam em magotes para ver o cavalleiro com as esporas cravadas nos ilhaes de uma egua de fina raça que se empinava, e corcovava, e atirava ora couces, ora galões medonhos. E' que Leonardo Pires vira D. Francisca da Cunha n'uma janella do palacio do sr. Manuel Guedes, e de si para si entendeu que lhe ia bem dar-se n'aquelle espectaculo hypico, mesmo com perigo de quebrar a cabeça, como de facto quebrou, e tão desgraciosamente o fez, que Francisca da Cunha, anciada de riso, dizem que cahira extenuada n'uma othomana.

Andava o infeliz Pires atraz da egua espavorida, com ajuda dos gallegos do chafariz, quando Jorge e o tio desceram da hospedaria da Estrella do Norte para a praça.

Apanhada a cavalgadura, indiscreta e desasada para heroismos de amor, Pires montou de salto, e acompanhou até Vallongo o condiscipulo, com evidente desagrado do padre. No caminho, em quanto o egresso ficára atraz compondo os loros do macho fleumatico, o amador infausto de Francisca da Cunha disse a Jorge:

— Que queres que eu diga a Silvina, se o tio a não mandar para a aldêa?

— Diz-lhe, respondeu Jorge commovido, com os olhos marejados de lagrimas — diz-lhe que eu não

posso contar com a minha vida para lh'a offerecer. Diz-lhe que eu não fugi de cobarde; por quem és, Pires, não consintas que me ella ultraje, duvidando da minha coragem. Falla-lhe de minha mãi, que eu sei que ella me amará ainda mais, vendo que eu respeito tanto as lagrimas da que me formou o coração que eu lhe dei, e ella achou digno de si. As minhas cartas mando-t'as a ti para lh'as entregares... Silencio, ahi está meu tio.

— Sr. padre João Coelho, disse alegremente Leonardo, pique o bucephalo cá para a frente.

— Alexandre Magno não montava machos, senhor estudante, respondeu o padre. Andaria mais acertado com a historia se me honrasse antes com as tradições de Sancho Pança. O machinho sabe que leva em cima um engenho velho, que se acerta de inclinar na carga cahe cada peça para o seu lado.

— Mas leva uma grande alma, replicou Pires.

— O macho? perguntou o padre, sorrindo.

— Sim, senhor.

— Lá em Coimbra estuda-se essa psycologia de veterinaria? As grandes almas passaram, pelos modos, dos Aristides e Catões para estes quadrupedes! Se assim é, que nos fica para nós, senhor academico?

— Eu queria dizer ao meu nobre amigo que o macho leva um cavalleiro com grande alma.

— Muito obrigado ao seu favor, sr. Pires. Eu tambem o entendi; mas metti-me a engraçado a vêr se desafiava o riso, do meu pobre Jorge, que vai ahi melancolico, como nunca foi filho algum para os braços de sua mãi e irmãos.

— E' que Jorge Coelho, tornou o estouvado infanção da Maya, está como a avesinha a pairar emplumada, que salta para o rebordo do ninho, e vacilla entre ir para a mãi que a está dentro chamando com o cibo, ou voejar para a arvore em flôr que a está enamorando de longe.

— E' uma bucolica bonita que o senhor vai poetisando — tornou o padre, fechando o olho direito e sorvendo uma canora pitada pela venta correspondente. — A avesinha (se dá licença, eu componho em linguagem chan e fradesca uma estrophe do idyllio) a avesinha deixou piar a carinhosa mãi, e desferiu as tenras azas na pontaria da arvore florida; e, como quer que as forças lhe cançassem do desusado vôo, não teve a avesinha remedio senão abater-se ao chão para pousar. E vai n'isto, andava por alli á caça de ninhos um gato ou uma gata brava, seja gato ou gata; o essencial é que apenas o triste passarinho apegou, o animal damninho fez-lhe o salto d'entre umas balças, e o filho da pobre mãi, que se morria de paixão no ninho, lá foi empolgado pelo gato ou pela gata... Lafontaine não inventou este conto, e merecia a pena; não importa: compuzem'ol-o nós, sr. Pires, *ad usum delphini*, e seja delfim o nosso Jorge.

A allusão desgraciosa da gata foi tão clara quanto desagradavel a Jorge. Era uma injuria á mulher querida, á sombra lagrimosa que o ia acompanhando, e instigando a reagir contra o dominio de parentes, e exhortando a emancipar o coração d'uma tutela que lhe deixava da vida as regalias que bastavam á criança, mas não ao homem.

Azedado, pois, pelo motejo da bucolica do padre João, Jorge disse com vehemencia:

— Meu tio offereça a moralidade dos contos a quem lhe pedir lições.

Padre João, depois de breve pausa, respondeu brandamente e com magoada tristeza:

— Não te envergonhes de pedir-me lições, filho, que as não pedes sómente a um velho; dá-t'as um amigo, que foi homem antes de ser frade, e estudou os homens, depois que o mandaram sahir da sua cella, como cousa inutil á sociedade. Se me não quizeres as lições, de que sirvo eu, Jorge? Já agora irei prégando sempre, quer me ouçam, quer me repulsem, como manda o apostolo. Desagradou-te a allegoria do conto, e convidas-me assim a ser mais natural. Jorge, repara bem no que te diz este velho que, no teu modo pouco respeitoso de fallar a uma mãi, «te premuniu com cabedal de philosophia christã, bastante para defender das tentações todas as nações da biblia exterminadas por causa do peccado.» Sei de cór as tuas palavras, porque m'as entalou na alma o espinho da ingratidão. Deves-me bons desejos de te fazer bom e honrado: não me sejas ingrato. Agora, escuta, filho. Vinte e quatro horas antes de te apparecer, procurei-te, porque do Porto fui avisado dos teus desvios: como te não encontrei, fui colher mais informações; voltei á noite á hospedaria tres vezes, e ás duas horas não tinhas ainda recolhido. No dia seguinte, que foi hoje, procurei-te ás nove horas da manhã: tinhas já sahido. Déste-me tempo de sobra para eu me instruir das miudezas da tua historia de tres sema-

nas. Sei quem é a creatura que te ourou a cabeça. E' uma feia alma n'um formoso estojo; é uma aventureira...

— Meu tio, isso é crueldade e calumnia — interrompeu Jorge allucinado.

— Bate, mas escuta, dizia o philosopho: é uma aventureira de maridos, que engodou o morgado de Santa Eufemia, em quanto julgou desnecessario o consentimento do velho fidalgo para a realisação do casamento que a fazia rica. Desvanecidas as esperanças do morgado, cuja rudeza lhe não desdizia com o espirito arteiro, voltou-se para um rico brazileiro de Cabeceiras de Basto; mas o brazileiro não lhe entendeu os pespontos da eloquencia, e disse que queria mulher com quem elle se entendesse. Chamada por uma prima, professora em armadilhas e casamentos...

— Francisca da Cunha? — exclamou Pires, erguendo-se nos estribos.

— Justamente, Francisca da Cunha, menina matreira que...

— Olhe que eu amo essa mulher, sr. padre Coelho! — interrompeu solemnemente Leonardo.

— Pois faz v. s.ª muito bem: o amor do proximo é preceito divino: sou de parecer que a ame; mas não lhe dou os parabens... Vinha eu dizendo que a tal Silvina já no Porto, de mãos dadas com a prima, não duvidou visitar uma estalajadeira de Margaride que viera a banhos do mar, porque esta estalajadeira tinha um filho que viera do Brazil, com alguns centos de contos, negociados na escravatura. E como o filho da estalajadeira não andava

acostumado a comprar senão negras possantes e trabalhadoras, recusou comprar a compleição melindrosa da fidalga de Margaride. D'ahi veio o saber-se, pelo dizer da sr.ª D. Silvina, que o poderoso brazileiro é filho de uma taverneira, e que fôra para o Brazil com umas soletas e chapéo de Braga que lhe dera de esmola o pai da fidalga. Eis aqui o que eu pude averiguar da pessoa por quem meu sobrinho troca os carinhos de sua mãi, a dôce amisade de seus irmãos, e as lições amoraveis de seu velho tio.

Jorge Coelho ficou enleado, e não replicou; Leonardo Pires, porém, que nunca em sua vida pensára o que dizia, senão meia hora depois de o dizer, exclamou:

— Mas ha-de confessar, sr. padre João, que ellas são boas mulheres!

— Boas!... — murmurou o padre, que não entendeu o sentido do adjectivo—boas... quer-me parecer que não são muito!

— Ora essa! pois não as acha bonitas e elegantes?

— Eu não as conheço; mas creio que são bonitas e elegantes; e d'ahi?

— E d'ahi! *Amor omnia vincit!* o amor tudo vence.

— Agradeço a traducção—disse, sorrindo, o padre, que, a fallar a verdade, tinha uns sorrisos que muito justificavam o dito de ter sido «homem» antes de ser frade. — O sr. Leonardo Pires não tem mãi?— accrescentou o padre, após um curto intervallo, com summa seriedade.

— Tenho, sim senhor; mas não tenciono namorar minha mãi — disse precipitadamente Leonardo.

O padre fitou-o com tristeza e admiração, um momento, e depois disse-lhe com bons modos:

— Praza a Deus que o coração esteja menos derrancado que a linguagem... sr. Leonardo Pires, eu tenho setenta annos; deprava-se um rapaz; mas respeita-se um velho.

D'esta vez, o imperturbavel Pires não teve que responder.

Tinham chegado a Vallongo. Jorge estendeu a mão ao seu amigo, e disse-lhe suffocado:

— Adeus! não sei se te verei mais... Sinto a morte no coração!

O padre fez um frio comprimento ao amigo de seu sobrinho, dizendo-lhe:

— Deus o tenha de sua mão.

Leonardo partiu; e o egresso, com os olhos embaciados de lagrimas, murmurou:

— Jorge! quem te abriu as portas da desgraça foi aquelle homem.

X

Não esqueceram decerto ao leitor attento estas linhas da carta que o morgado de Santa Eufemia recebeu do pai: — *Anda-te embora, logo que esta recebas, que eu dou ordem ao meu amigo brazileiro para te dar para a jornada cinco pintos.*

O brazileiro amigo do fidalgo de Freixieiro era o sr. José Francisco Andraens, natural de Cozelhas, desde 1844 estabelecido no Porto, onde viera tratar do baço, do pancreas, e d'outras entranhas importantes do sr. José Francisco Andraens. Na mente do illustre enfermo estava retirar-se para a provincia do Piauhy, onde tinha a sua feira de pretos, logo que restaurasse o estomago e as mais partes circumjacentes da sua alma. Porém, como quer que um seu amigo velho, e companheiro de viagem para o Brazil, em rapazes, estivesse no Porto com o titulo de visconde dos Lagares, e este o fizesse conhecido por meio das gazetas por uma esmola de cincoenta mil réis ao hospital da Santissima Trin-

dade, o sr. José Francisco viu-se tão festejado, tão requestado, tão necessario ao Porto, que mandou vender os pretos em ser, e liquidar os creditos.

Tentemos um debuxo de José Francisco. Deve estar entre cincoenta a cincoenta e cinco annos, estatura menos de mean, com tres barrigas, das quaes a primeira, começando pela parte mais nobre do sujeito, principia onde o vulgar da gente tem os joelhos, e, depois d'uma arremettida adiposa, retrahe-se na linha imaginaria da cintura, e estreita-se em fórma de cabeça. A segunda barriga pega da primeira, ondeia com tres ordens de refegos por sobre as falsas costellas, ladêa tumida e retesada como os flancos d'um ôdre posto de través, e vai perder-se nos sovacos, mandando para as costas uma corcunda da mesma natureza. A terceira barriga pendura-se da face interna do queixo inferior, amplia-se flacida e lustrosa como um buxo mal cheio de vitella, e assenta sobre a segunda, no ponto hypothetico do esterno. A parte anatomica d'este bosquejo toda ella se libra em conjecturas. O author não assevera senão a existencia das barrigas.

Isto tudo tem uma base caprichosa: são cousas que a linguagem do paradoxo denomina pés. Vacilla a critica no confrontal os com objecto dos tres reinos; uma tartaruga envolta em bezerro dá-nos uns longes de realidade; mas falta-nos o simile para os declivios, gargantas e barrocaes dos joanetes. Os pés de José Francisco são a desesperação dos Gavarni. O marrão do alvanel poderia arrancal-os d'um golpe d'uma pedreira por acaso; mas Apelles

mais depressa pintaria uvas que enganassem o bico sequioso da passarinhada.

No tocante á cara o sr. Andraens é homem, apesar d'outros animaes que lhe não disputam os fóros da humanidade, porque não teem um curso de historia natural. O rubor do tomate desmaia ao pé das papeiras faciaes do brazileiro. O nariz enfronha-se de envergonhado entre as trouxas de tecidos, que lhe debruam os olhos de oppilações carnosas, sebaceas e luzidias.

A menina do olho é rutilante e azougada, posto que as secreções visinhas lhe bezuntem a raiz das pestanas.

O senhor Andraens é commendador da ordem de Christo, desde que o seu amigo visconde dos Lagares foi nomeado trinchante da casa real. Afóra isto, o brazileiro de Cozelhas, na qualidade de accionista do Banco Commercial do Porto, é orador vitalicio d'aquella assembléa, em que não são raros os talentos de maior porte. Tal era o amigo do velho fidalgo de Freixieiro.

José Francisco esperava que o filho de Vasco procurasse os cinco pintos, segundo a ordem que recebera. Decorridos alguns dias, escreveu ao seu amigo, a dizer-lhe que o fidalgo novo não apparecera para receber o dinheiro. Tornou o velho a escrever ao brazileiro, encarregando-o de procurar o filho, aconselhal-o que fosse para casa, e pagar a despeza que elle tivesse feito na estalagem.

Foi o sr. Andraens á *Aguia d'Ouro*, e como não encontrasse Christovão, deixou dito ao criado do quarto quem era e a precisão que tinha de fallar

com o morgado. Já vinha descendo as escadas, e voltou acima a chamar o criado.

— Olhe lá, disse elle, o fidalgo deve muito cá na casa?

— Não, senhor: o fidalgo paga todas as semanas.

— Está bom, está bom, vossê não diga que eu perguntei isto, e pegue lá para matar o bicho ámanhã. — Dizendo, abriu uma bolsa de retroz coalhada de missanga, e tirou trinta réis que deu ao criado com a mão direita fechada, para que a esquerda se não escandalisasse da prodigalidade.

Na manhã do dia seguinte, foi o morgado de Santa Eufemia a casa do brazileiro, e conduziram-o ao seu quarto de dormir, porque José Francisco estava ainda recolhido com a barriga n.º 2 envolta de papas de linhaça.

— Estou aqui emplasmado, senhor morgado — disse José Francisco, arqueando os braços por sobre a esphera abdominal.

— Então o sr. José que tem?

— Mande-se sentar, meu fidalgo. Eu estou aqui com uns calores cá por dentro, que dão que fazer á botica; mas isto, se Deus quizer, não é nada. Pois, meu senhor e amigo, seu pai escreveu-me, como ha-de saber, para eu lhe dar um dinheirito, e depois tornou a escrever-me para eu ir ter aonde a v. s.ª e dizer-lhe que o melhor é ir-se para casa, quanto antes, porque o velho, pelos modos, está lá arrenegado por si. Então, vai ou não vai?

— Por estes dias, irei; mas já já não se me arranja cá a minha vida, sr. José.

— Então o senhor, ainda que eu seja confiado,

que tem cá que fazer? Ahi, por mais que me digam, anda derriço... Eu hei-de saber o que é quando fallar com a fidalga de Margaride que o conhece muito bem ao senhor morgado...

— Então o senhor conhece a D. Silvina de Mello?

— Conheço-a como os meus dedos... — respondeu o sr. Andraens, com um sorriso intencional, que passou desapercebido ao morgado. — E' bem boa estampa, ó senhor morgado, não é? ora diga a verdade!

— E' muito bonita, isso é.

— Rapariga d'uma vez! e bem fallada!? isso então quando calha de fallar, aquillo não despega nem á mão de Deus-padre! Falla em tudo quanto ha! Até em Sebastopool, senhor morgado! Um d'estes dias tinha eu lá ido a troco cá de certa pendencia, e veiu á collecção a guerra da Russia, e ella começou alli a manobrar as batalhas, e se fôr como ella diz o sr. D. Miguel (Deus o traga) não tarda cá. Eu não tenho partidos, e até a fallar a verdade, sou commendador por esta gente, mas em fim, quero-me cá com os velhos, e gente como era a antiga já se não topa. Pois é verdade... eu...

— E a fidalga — atalhou o morgado — nunca lhe fallou em mim, sr. José?

— Fallou, pois então? disse-me até que o senhor queria casar com ella... é assim ou não é?

— Isso é verdade. Paixão de raiz como a que eu tenho por ella não a torno a ter pela mais pintada.

— Ah! que me diz? — acudiu o brazileiro com espanto — pois a cousa é isso? Quer apostar que o senhor está aqui pr'a-mor d'ella?

— Em fim, o coração não mente... Á conta d'ella é que eu aqui estou. Passaram-se uns poucos de mezes sem eu ter carta, desde que ella veiu para o Porto. Arranjei como pude licença do pai, e vim encontral-a cá a namorar outro, um trampolineirito a quem eu queria dar uma escovadela, mas antes de hontem fugiu lá para cascos de rolha.

— Conte-me isso, conte-me isso — exclamou José Francisco com vehemente interesse.

— E' como lhe digo, sr. José. Agora preciso demorar-me alguns dias a vêr o que ella faz.

— Com que então diz-me o senhor morgado — disse meditabundo e detidamente o brazileiro — que ella andava já com o miolo ás voltas por outro sujeito!... As mulheres são o diabo!... Quer o senhor saber?! Mas isto é pedra que cahe em poço, ouviu o senhor?

— Eu não digo nada; póde fallar sr. José.

— Pois então, vou desembuchar... Eu tenho emprestado algum dinheiro ao Pedro de Mello, pai da Silvina, para elle mandar aos rapazes que andam a estudar p'ra doutores em Coimbra. A casa do Mello é boa, mas está empenhada até aqui. — (O sr. José Francisco poz um dedo na barriga n.° 3, que deu de si como um balão de borracha). Ha-de haver tres mezes que eu fui levar á filha umas libras que o pai lhe mandou dar para vestimentas. Eu andava com o olho em cima de uma quintarola bem boa d'elle, que parte com os meus terrões da Lixa, e não se me dava de lhe ir dando aos poucos algum dinheiro até lhe apanhar a propriedade que me faz muita conta. E vai se não quando, meu amiguinho

e senhor morgado, veiu a fidalga á sala assignar o recibo, e p'ra'qui p'racolá, palavra puxa palavra, eu deixei-me estar ao cavaco com ella e com a prima, e jantei lá n'esse dia, e fiquei p'ra a noite. A fallar-lhe a verdade nua e crua, como o outro que diz, eu não sei o que sentia cá no interior! Que diabo é isto que eu sinto? disse eu cá c'os meus botões. Eu andei por lá por esses mundos de Christo, vi muita mulata e branca de encher o olho, tive as minhas rapaziadas, porque em fim, a gente é de carne e osso; mas nunca me buliu cá por dentro mulher nenhuma como esta! Se o senhor morgado ouvisse o palavriado d'ella! Deixe vêr se me lembro... Não encarreiro... Ora deixe estar o senhor... Eu tenho alli uma carta d'ella...

— Uma carta d'ella! — interrompeu o morgado a fumegar.

— Pois então? uma carta d'ella, umas poucas; mas ha lá uma em que ella escreve o mesmo que tinha dito de bocca. Faz o senhor favor de me ir áquella gavetinha do meio da commoda, e dar-me de lá um caixotinho de vidro, que tem uns bordados de papel dourado na cobertoira?...

Christovão Pacheco abriu com a mão convulsa a gaveta, e levou á cama do sr. Andraens a caixinha indicada. O brazileiro tirou um feixe de cartas, cintadas com uma fita de nastro, abriu algumas, regougando palavras soltas de cada uma d'ellas, e por fim acertou com a carta que procurava, e exclamou: — Cá está ella! tal e qual. Ora faz favor de lêr, que eu não estou hoje muito escorreito dos olhos.

O morgado de Santa Eufemia, entalado, enfiado, tremulo e escarlate até á raiz dos cabellos, leu o seguinte:

«Meu bom e muito querido amigo. Tanto eu como minha prima Francisca, ella por amisade reconhecida, e eu do coração affectuoso lhe agradecemos o valioso mimo com que se dignou brindar-nos a sua generosidade...»

— Isso foi, interrompeu o brazileiro, a respeito de umas pulseiras de ouro que eu mandei ás duas, que me custaram dezesete libras e mais uns pósinhos, não fallando na caixota em que foram os estojos que me tinha custado em Paris quarenta e oito francos. Empreguei bem o meu dinheiro, não tem duvida! Ora faz favor de continuar com essa trapalhice:

O morgado proseguiu na leitura acerba, limpando as camarinhas de suor que lhe transpiravam da testa:

«Apreciamos a dadiva já pelo que ella vale, já pelos sentimentos delicados que ella representa...»

— Isso é bem dito, não é, ó senhor morgado? — interrompeu o sr. José Francisco. — Lá que ella tem uma cabecinha como não ha outra, isso pau pau, pedra pedra, a verdade ha-de dizer-se. O que lhe falta é miôlo... Ora ande lá... vá lendo:

«Nunca eu aceitaria — continuava a carta de Silvina — uma prenda de homem, que não tivesse uma explicação honrosa. Esta, que eu tenho no meu pulso, não me faz estremecer a mão de pejo. Os meus sentimentos a respeito de v. s.ª tenho-lh'os dito tantas vezes, que repetil-os seria abusar da sua

attenção, e descer um pouco da minha senhoril dignidade. V. s.ª sabe como eu aprecio as paixões proprias dos meus annos...»

José Francisco Andraens deu dous galões no leito, e clamou:

— E' ahi, é ahi onde está a cousa!

Christovão continuou, já deletreando, porque a raiva lhe nublava os olhos:

«Não creio na duração do amor impetuoso. A violencia da vibração fatiga as cordas da alma...»

— Olhe lá — atalhou o brazileiro — isso que vem a dizer? esse bocado não o percebi bem... *A violencia da vibração fatiga as cordas*... que diabo!...

— Quer dizer, respondeu o morgado com anciado esforço, quer dizer que... sim... eu acho que isto vem a dizer... que as paixões fortes adoentam a gente...

— Ah! sim, senhor, ha-de ser isso... eu cá sinto os estragos no interior... Ora faz favor de vêr o resto.

O morgado leu:

«A minha ambição é encontrar um amigo verdadeiro, um coração sereno, um homem para quem o mundo não tenha abysmos, dos que tem no fundo a desgraça da esposa trahida, e esquecida. Receba no coração estas palavras da sua dedicada e constante amiga, *Silvina.*»

— Que me diz o senhor a isso? — interpellou José Francisco, dando uma palmada no hombro do entorpecido morgado.

— O que eu lhe digo, sr. José!... — tornou o

morgado, atirando a carta para sobre o leito. — O que eu lhe digo é que esta mulher...

— E' uma mulher de pouco mais ou menos — concluiu o brazileiro, atando as cartas com o nastro. — Ora ahi tem... Agora, á vista d'isto, deixe-se andar por cá atraz d'ella...

— E o senhor continua o namoro? — perguntou o morgado com os olhos vidrados de lagrimas.

— Qual namoro, nem qual diabo! O que eu queria era melhorar da barriga!

XI

José Francisco Andraens, mentiste á tua consciencia! Supposto que as tuas barrigas te mereçam quantos desvelos cabem na alçada do oleo d'amendoa dôce e da linhaça, o coração em ti é um musculo cheio de bom e sadio sangue, sangue cruorico que por vezes te borbulha nas arterias, e reçuma á cara em brazumes de ternura lubrica. Mentiste, José Francisco, quando respondeste áquelle pobre morgado, que o que tu querias era melhorar da barriga. Musculo enorme! tu amavas abrasado no lume da faisca electrica em que se estremece cada uma de tuas fibras, rijas de vida, saturadas do boi copioso que assimilas, e das tortas de frango com que pejas diariamente as algibeiras do sobretudo, e das planganas de farinha de pau e araruta que emborcas todas as manhãs. Commendador da ordem de Christo! se o incognito da Providencia, chamado *acaso*, te houvesse dado a faculdade de desafogar

em vociferações contra a fementida Silvina, dirias, no auge da tua angustia, blasphemias contra a fidalga de Margaride, e juramentos, por tua honra, de despresal-a e diffamal-a onde quer que fosse a tua lingua peçonhenta e a dos teus amigos famintos de detracção e escandalo. Os que assim procedem, fariam de ti riso, se te ouvissem o dialogo com o teu amigo de Freixieiro; tu, porém, José Francisco Andraens, que não sabes os quatro epithetos triviaes com que se vingam amantes abandonados, ergueste os alçapões da tua alma, e deixaste romper a torrente represada, com estas palavras: «Qual namoro, nem qual diabo! o que eu queria era melhorar da barriga!»

Ai! se elle a amava!

Não houve ahi cancro de amor que afistulasse, tão no intimo, coração de homem. Aquella propria dôr de estomago, rebelde á linhaça, nos está dizendo finezas do amor de José Francisco, procedida, como é, do uso do chá a que o forçavam successivas noites que passou em casa do tio de Silvina. No principio, o hospede cauteloso recusou a chavena; mas a fidalga teve a impiedade de dizer-lhe que não era extremamente do bom tom rejeitar o chá, a pretexto de ser bebida nociva ao estomago. O brazileiro, no dia seguinte, em vez d'uma tomou tres chavenas, e em sua casa, *para affazer a tripa* como elle dizia, mandava cozinhar grandes chocolateiras de chá, que a moça inexperta chamava o cozimento, e carregava de folha até sahir negro na fervura. José Francisco conhecia o veneno, punha a mão no buxo, e, se não dizia como o papa Gan-

ganelli: «hei de morrer d'isto...» gritava pela cataplasma de linhaça, mitigava a inflammação, e de puro amor continuava a immolar o estomago, como fino amante que não tem mais que dar.

Ha ahi amadores, José Francisco, que cubiçam a pedraria oriental para construirem um nicho para a mulher amada; pedem a Deus estrellas para lhe marchetarem a alcatifa das botinhas; queriam a lua e as duas ursas para o pavilhão do leito nupcial; os coriscos para lhe brincarem aos pés; os jardins de Semiramis, recendentes de nardo e cardamomo, para lhe deliciarem o olfacto; o sceptro do globo para a mão soberana, e o diadema do universo para a fronte inspirada. Farelorio. Homem de Cozelhas! o teu estomago estragado pelo chá, sobreleva em dolorosa realidade a tudo quanto inventaram poetas, invejosos dos bens de Deus, em quanto tu deixas em paz a lua e as estrellas, e compras dezesete libras de pulseiras, ás quaes a propria Diana caçadora te estenderia os seus divinos braços.

Ai! se elle a amava!

Por uma tarde de Agosto, na alamêda da Lapa, se andava José Francisco passeando com o seu amigo visconde dos Lagares. A espaços, o amador de Silvina desprendia uns como gemidos desentranhados com estridor de arroto, e o açafroado das belfas, ora se enrubecia mais intenso, ora desmaiava n'um pardacento, que deu nos olhos solicitos do visconde:

— Que tem vossê, sôr Andraens?!—perguntou o trinchante da casa real, afervorando o zêlo da pergunta com um suave empurrão.

— Que hei-de eu ter, amigo visconde? Vossê bem sabe que eu ando mettido n'uma camiza de onze varas. A minha sina, que me lêram quando eu era rapaz, dá-me que eu hei-de passar por um grande desgosto. Até ao presente, em boa hora o digamos, a cousa não me tem ido mal; d'aqui por diante como o outro que diz, um homem deve estar tem-te não caias.

— Mas então vossê que medo tem? — tornou o visconde, variando a mimica com uma palmada na espadua boleada de José Francisco.

— Homem, vossê casou quando era moço, e deu-se bem com a mulher, e tem vivido sem sustos; mas eu já cá estão os cincoenta, não sou dos rapazes da moda, e tenho ás vezes umas lembranças que me derrancam o coração.

— Ora, deixe-se d'isso, sôr Andraens! Pelos modos a senhora, com quem vossê vai casar, é menina bem comportadinha, e vossê, quando casar, deixe-se de ir muitas vezes ás assembleas, e pouco de visitas, e de theatros; metta-se em sua casa a mais a mulher; trate da sua labutação, e não a deixe pôr pé em ramo verde, sem ir com ella.

— Pois não pozeste!—acudiu José Francisco soltando uma risada aspera de sacões, que valia bem um programma.—Vossê ainda está n'essa?

A minha mulher, quando eu a tiver, é cá para o amanho da minha casa. Comer e beber, e vestidos, e enfeites d'ouro, não lhe ha-de cançar; mas ir a bailes e a comedias... isso, sr. visconde... olhe cá se me vê algum *T* na testa! E' verdade que a minha futura noiva é toda pronostica e está avezada

ao palavriado dos pantomineiros que não tem senão aquillo e a sua miça; mas eu logo que case hei-de pôl-a na lei em que ha-de viver.

A mulher é do seu homem, e casou para tratar-lhe das doenças, e do arranjo da familia. Quem quer andar á tuna nas comedias e nos balancés deixa-se estar solteira; não é assim, amigo visconde?

— Assim é; mas não será bom apertal-a muito, amigo Andraens... Isto de mulheres, olhe que nem o diabo as quiz guardar, e quando ellas entram a desatremar, adeus, minha vida!

— A desatremar! — clamou José Francisco com iracundia.—Então um homem não é senhor de fechar as suas portas, e viver como quizer com a mulher com quem reparte do que tem? do seu dinheiro? do que lhe não custou a ella a ganhar? do seu dinheiro?

— Vossê diz bem, sôr José; mas é que ella a isso póde dizer que estava melhor solteira.

— Homem, vossê nem parece visconde n'isso que diz! — atalhou com ironia pungente José Francisco. — Eu vou já embuchal-o com uma pergunta: — Quanto vale a tal madama?

— Pelos modos, disse o visconde, acho que pouco tem.

— Por tudo que ella tem não dou eu seiscentos mil réis. A casa é do morgado, e os bens livres, repartidos por seis irmãos, nem p'ra pagarem a minha divida chegam. E quanto acha vossê que eu tenho, ó amigo visconde?

— Vossê, cá segundo os meus calculos, ha-de ter

o melhor de cem contos... p'ra cima que não p'ra baixo.

— Aqui que ninguem nos ouve, sr. visconde, disse José Francisco muito á puridade, se não fosse aquella tapona que eu levei na costa d'Africa, podia ter os meus quatrocentos contos; agora, mais cem, menos cem mil réis a minha fortuna ha-de andar ahi por duzentos contos, e se as cousas correrem regularmente, cá nos engajados, escuso de bulir no que tenho apurado. Ora ahi tem vossê. Faz favor de me dizer se a rapariga, que não tem nada, casar commigo, não fica a ser rica e respeitada no mundo! Responda a isto, amigo, se é capaz!

— Sôr José Francisco, tornou o visconde com sisuda gravidade, olhe que eu tenho andado muito mundo, e visto muita cousa. A rapariga, se casa comsigo, é por que quer figurar. Vossê já não é muito moço, e não sei como ha de estar em casa mettido a entreter a mulher. Sabe que mais? se está na teima de a não deixar ter alguma folga, o melhor é deixar-se estar solteiro até lhe apparecer moça mais azada p'ro seu modo de vida. Deixe cá o arranjo ao meu cuidado, que eu conheço muito negociante aqui no Porto que tem raparigaças como castellos, e vossê não tem senão escolher.

— Cale-se lá, homem! — interrompeu com azedume e paixão o de Cozelhas. — Eu gosto de Silvina d'uma vez! E, se quer que lhe diga a verdade, já fiz alguma despeza com ella. Vossê ainda a não enxergou?

— Ainda não á minha vontade; mas na semana que vem vou dar um baile só para a vêr a precei-

to; já a lobriguei de longe, e alvidou-se-me que ella era bem tirada das canellas, e que tinha a cinta muito delgada.

— Isso então! — exclamou o sr. Andraens, com os olhos rutilantes de jubilo, e um sorriso de satyro, que lhe fazia recuar os refêgos das bochechas até ás orelhas, como dobras de cortinas apanhadas. —Bem feita até alli! O pescoço é branco como a cal da parede; os braços parecem de leite, e aquillo hão-de ser macios que nem veludo; os olhos, continuou José Francisco, com precipitada torrente de imagens orientaes, parece que entram no interior da gente, e andam sempre a bulir nos buracos como dous grillos; os dentes são da côr d'essa camisa, e tão iguaesinhos que parece mesmo cousa de fazer crescer a agua na bocca; quando ella anda pela casa, aquillo é um gosto vêl-a! parece que está a casa cheia! E ouvil-a fallar?! Vossê não faz uma pequena idéa! Até falla de Sebastopool! (Vê-se que esta feição do talento de D. Silvina foi a que mais deu no gôto do sr. José Franciso Andraens.) Em fim, amigo visconde, mulher como ella não espero topal-a. Tenho-lhe sympathia cá de dentro; sonho com ella todas as noites; dia em que a não veja, ando como a cobra que perdeu a peçonha; se adrega d'ella ir visitar alguem, e eu a não vejo, vou zangado p'ra casa, e já me tem acontecido não ceiar! As cartas d'ella tenho-as na cabeça, e já comprei um livro muito grande, chamado... chamado elle... assim uma cousa a modo... de... vossê ha-de saber? Aquillo que ensina a escrever direitas as palavras!...

— Uma pauta, ha de ser pauta...

— Qual pauta, nem qual diabo! é um livro que ensina a escrever com as letras todas... Já me lembra: um breviario.

— Ha-de ser isso, ha-de ser isso... — disse o visconde, que apreciou o ensejo de saber que o breviario ensinava a escrever com as letras todas — mas, a fallar verdade — continuou ingenuamente o brazileiro — não me ageito com o tal livreco, e vou-lhe escrevendo como sei. Aqui trago eu na carteira uma carta, respondendo á d'ella de hontem, a vêr se lh'a entrego esta noite. Quer vossê vêr, amigo visconde? Eu p'ra si não tenho aquellas. Ora escute lá; mas o mais acertado é lêrmos primeiro a que ella me escaeveu. Vossê vai ficar pasmado; ora ouça.

José Francisco sentou-se n'um dos bancos de pedra da alameda da Lapa, e leu correntemente o seguinte:

«Meu caro amigo.

«Soube que hontem me procurou. Quiz o meu infortunio que eu não estivesse em casa. O tio anda a pagar visitas, e ordenou que eu o acompanhasse. Passei uma noite insipida, lembrando-me que podia passal-a no remanso d'uma dôce paz e contentamento d'alma ao lado do homem cujas tão amantes como paternaes palavras me embalam o somno para os sonhos d'um delicioso futuro...»

Aqui José Francisco sacudiu na mão o papel, e exclamou radioso:

— Olhe isto, amigo visconde! *os sonhos d'um delicioso futuro!*... Pelos modos, quer dizer que o que ella quer é uma vida socegada para, em vez d'andar em visitas, dormir na sua cama á sua vontade. Não é isto?

— Pois elle que ha-de ser senão isso? — disse o visconde gostoso da modestia consultiva do seu amigo, e ia continuar reflexões a proposito, quando José Francisco, menos jubiloso, continuou, lendo:

«Estará ainda longe o dia suspirado, meu amigo? Não tem já do meu caracter um profundo conhecimento? Não se demore a confirmar o destino que minha alma anceia, porque desgraçadamente a minha vontade não é de todo livre, e bem póde ser que meu pai, antes da resolução de v. s.ª, tome outra, contraria aos nossos intentos. Sua do coração, *S.*»

— Á troca d'estas linhas do fim — disse o brazileiro um pouco recolhido e melancolico — é que eu hoje tenho andado azoado, e a suspirar cá de dentro. Ora escute lá a resposta:

«Meus amores!!! (Na pontuação guardamos a fidelidade que descuramos na orthographia, cuja liberdade concedemos a José Francisco e pedimos alternativamente para nós). As vossas letras recebidas ao fazer d'esta até ao meio consolaram o meu coração saudoso!!... mas as que vem no cabo da vossa carta penetraram qual duro ferro no meu coração saudoso!! Se vosso pai não levar a bem o nosso casamento, ó céos!!! tanto faz querer como não querer o arranjo ha se de fazer, ainda que eu vá ás do cabo; estai descançada, joven Silvina ama-

da!! Logo que eu tenha a nossa casa da Lixa arranjada (que andam lá os estucadores e os pintores) estamos casados e arruma-se d'aqui o pensamento!!! D'este vosso idolatrado até á morte, J. F. Andraens, vosso futuro esposo.»

— Que tal? — murmurou com certo ar de pudica modestia o erotico compositor de cartas incendiarias.

— Onde diabo aprendeu vossê tanto, ó sôr José? — disse o visconde com sincero espanto.

— Isto que aqui vê fil-o de fio a pavio, sem ir ao breviario, amigo visconde. Ponto é ter cá dentro o amor a puxar pelas memorias.

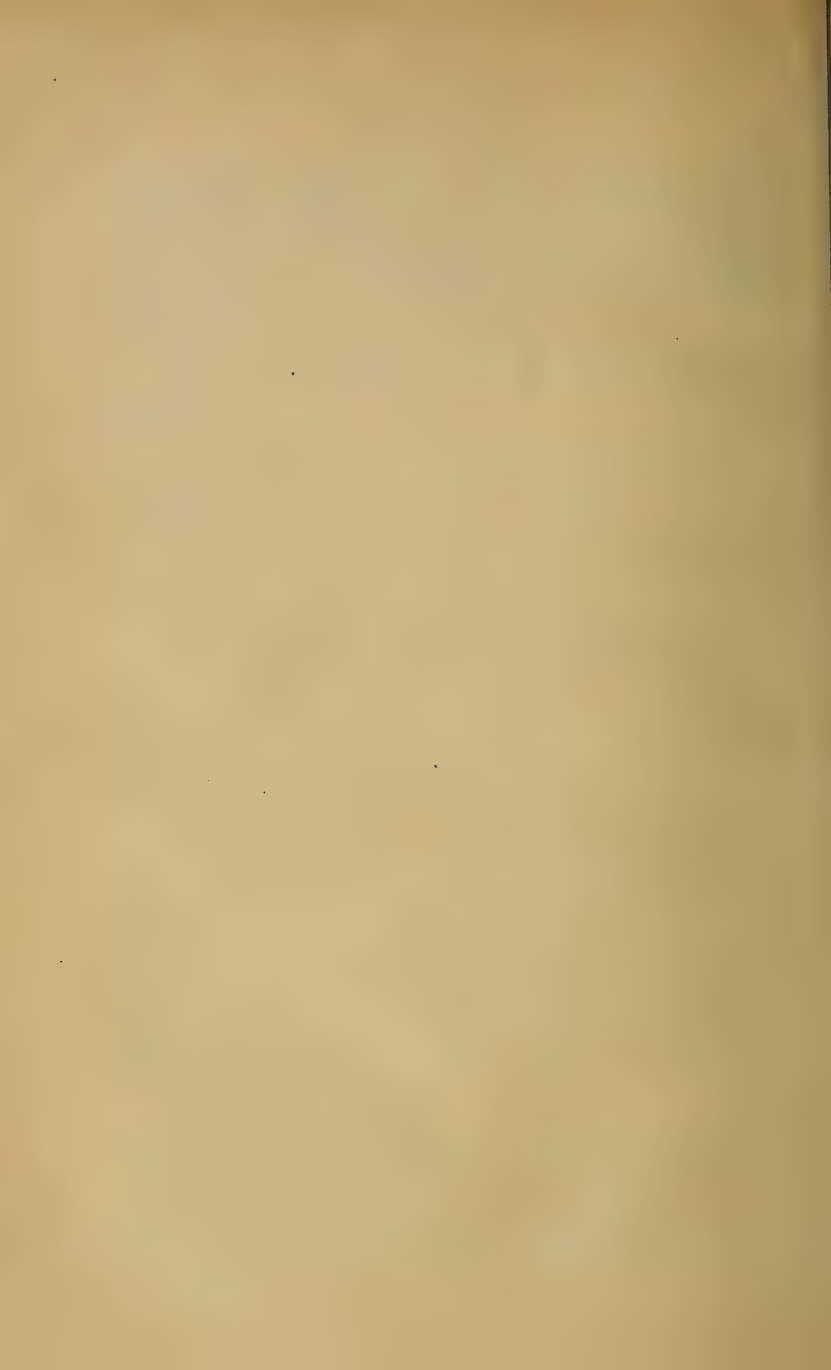
José Francisco ergueu-se triumphante com miraculosa agilidade; deu alguns passeios floreando a bengala, e rindo a revezes do espasmo do visconde, que, em sua consciencia, suspeitava de que fosse a carta apocripha; mas, por delicadeza, calou as duvidas.

José Francisco tinha desafogado. O arroto já não vinha acompanhado do suspiro. As tres barrigas funccionavam em toda a sua plenitude phisiologica. O jubilo doudo da sua esperança sorria aos arreboes que cintavam o horisonte do oceano; a viração da tarde, brincando na folhagem dos alamos e acacias, rumorejava um soido mellico aos ouvidos d'alma d'aquelle amante feliz.

Ai! se elle a amava!

Este expansivo dialogo fôra anterior quarenta e oito horas áquell'outro que ouvimos entre o brazileiro, e Christovão Pacheco de Valladares.

Quem te ha-de crêr agora, José Francisco An-

draens! Que se te dá a ti da barriga, se tu amas tanto a mulher predestinada?! Descança, anjo do amor, no teu céo de duzentos contos, que as filhas dos homens lá irão buscar-te!

XII

Ai! como elle a amava!

Quantos Paulos, e Romeos, e Othellos mettidos n'aquella côdea grossa de José Francisco Andraens! Que requebros de namorado, e que furias de cioso! Aquella é verdadeira paixão que ora se refrigera com orvalhos do céo, ora se calcina nas labaredas do inferno. A paixão de José Francisco era assim. Ha pouco vimos aquella alma a derramar-se em blandicias de Petrarcha; agora arripia o vêl-a a espirrar coriscos da cratera que lá referve dentro.

Mal Christovão Pacheco sahira, galgando atordoado as escadas quatro a quatro, José Francisco arrancou de si a cataplasma d'um impeto que faria lembrar Catão arrancando o proprio redenho. Saltou para o chão, calçou as mouras escarlates que lhe serviam á farta de tapete, lançou sobre as espaduas um capote de camelão de quatro cabeções,

enfiou as mangas do mesmo, e sentou-se á escrivaninha, resfolegando vaporadas pelas ventas, que nem javali monteado por lebreus. A criada entrava n'esta occasião com a terceira camada de linhaça, e fez pé atraz, enfiada de puro horror.

— Que queres tu, moça ?—mugiu José Francisco.

— São as papas... — balbuciou a espavorida criada.

— Não quero mais papas. Vai chamar o meu compadre Amaro, e que venha já de marcha para ir com uma carta a Margaride.

O brazileiro escreveu na pojadura da veia. O traslado da carta, com a authenticidade do de todas as outras, não pude havel-o, apesar de suadas canceiras que este paiz tão sovinamente remunera aos indefessos obreiros das suas glorias. O que pude tirar a limpo foi ser a carta dirigida a Pedro de Mello, pai de D. Silvina. José Francisco lembrava ao fidalgo a sua divida de um conto oitocentos e vinte e cinco mil e setenta réis que lhe emprestára sobre hypotheca da quinta da Lixa. Dizia mais que não podia continuar a remetter as mezadas para os academicos da universidade. Instava pelo prompto pagamento do seu credito, ou trespasse da quinta hypothecada. Ameaçava-o com o poder judiciario, e terminava com estas quatro linhas, unicas authenticas :

Pr'ámor da sua filha é que é tudo isto. Se ella andasse direita comigo outro gallo lh'avia de cantar. Assim o quiz, assim o tenha. Comigo não se manga, e está arrumada a pendencia.

Ai ! se elle a amava !

A carta partiu, e José Francisco, aplacado o maior afôgo da convulsão, chamou a moça, pediu uma tigela de tapioca, e comeu á tripa fôrra.

Cotejemos agora com os do negreiro os ciumes do morgado de Santa Eufemia. Egas de Encerrabodes esperava o primo no hotel, curioso de saber o fim a que o chamára o brazileiro. Christovão contou lealmente o acontecido, já barafustando furioso, já enternecendo se a lagrimas. O de Matto-grosso descompunha-se em gargalhadas, e nem os prantos do primo lhe embargavam as guinadas de riso. Começava a desconfiar o de Santa Eufemia, quando Egas, composto o gesto e a postura, fallou assim:

«Um Pacheco Valladares a correr parelhas com um José Francisco na conquista d'uma mulher! Um neto do governador de Cochim a disputar meças de merecimento com um chatim de negros! um moço no mais florido dos annos, gentil de sua pessoa, sacrificado á mazorral caricatura, que ahi está symbolisando uma fortuna tão besta quanto assignalada das vergoadas do látego com que o infame de Deus e dos homens fazia espirrar sangue das costas dos escravos!... Primo Christovão, torne sobre si, peje-se d'essas lagrimas que ahi derramou, e que eu escarneci para não tomar ignominioso quinhão da sua dôr aviltante para evos e para vindouros! Que mulher é essa, a neta do sargento-mór d'Amarante, que anda ahi a chafurdar nos chiqueiros da sua cubiça um appellido que usurpou? *Mello!* Quem lhe deu a ella *Mello!?* Seu visavô era Antonio Gonçalves; seu avô era Francisco Antunes Gonçalves; quem enxertou no pai esse pom-

poso appellido? Silvina Antunes é como ella se chama, essa farrapona que mendiga para uma carruagem e seis vestidos o preço dos ultimos doze pretos que José Andraens mandou acorrentados ao mercado. Primo Valladares, neto de Heitor Valladares, bisneto de D. Mafalda Pacheco e Alvim, açafata illustre da côrte do sr. D. Pedro 2.º, descendente dos Alvins de Braga, onde casou o condestavel D. Nuno Alvares Pereira! primo, lembre-se de quem é, e esmague debaixo das solas das suas botas o coração, se sente que uma gotta de seu nobre sangue se ha degenerado no vilipendioso affecto que prodigalisou á esposa promettida de José Francisco!»

Este aranzel fez bem ao coração do morgado. Entrou em si, coçou-se com ambas as mãos algumas vezes, estirou os braços convulsivos com os punhos cerrados, e exclamou de golpe:

— Que a leve o diabo!

Egas estreitou o primo ao coração com vehemencia, levantou-o tres vezes em peso, e bradou por fim:

— Reconheço o meu sangue!

Sem embargo d'isto, o morgado de Santa Eufemia precisava de ar, abriu a janella, sorveu tres grandes haustos, e repetiu a phrase que provára ao de Matto-grosso a identidade da sua estirpe:

— Que a leve o diabo!

N'este comenos, vinha atravessando o largo da Batalha Leonardo Pires.

— Lá vem aquelle!—exclamou Egas—Vou chamal-o para lhe dar a noticia que ha-de ser muito

agradavel ao seu amigo Jorge. Olé! sr. Albuquerque! *Psio.*

Pires fez uma continencia militar com o chicote.

—Suba cá—tornou o fidalgo de Entre-ambos-os-rios—temos que contar-lhe.

—Viram aqui passar a Francisca da Cunha?—perguntou Pires.

—Não.

—Ando-lhe na pista, como galgo que perdeu a lebre, que eu desconfio bem que seja gata, que a minha paixão me dá por lebre.

—E' muito possivel...—redarguiu a rir o de Matto-grosso—Suba, e verá que não está longe da verdade.

O da Maya circumvagou com a luneta em torno da praça duas vezes, e subiu.

—Então que temos?! Dou-lhe parte que o meu amigo Jorge Coelho não tarda ahi, e que o duello, se os cavalheiros insistirem, ha-de consumar-se.

—Quem falla aqui em duello?—acudiu Egas—Escreva ao seu amigo, e diga-lhe que se deixe estar com a mãi e com o padre lá na sua aldêa, se não quizer vêr Silvina, o anjo de candura, de braço dado com as fronhas carnosas de José Francisco Andraens...

—Quem é José Francisco Andraens?—interrompeu Leonardo.

Egas de Encerra-bodes compelliu o primo a contar a historia, que, d'esta feita, não sahiu com intermittentes de lagrimas. Era de vêr com que graça soez o amante ultrajado ia já apimentando os sarcasmos detraidores de Silvina, e os projectos de

cynica desforra que elle offerecia ao parecer dos seus amigos, projectos que, realisados, collocariam José Francisco n'uma situação tão irrisoria como bemquista do siso commum, o qual é uma cousa muito ao envez do que por ahi nos grandes alcouces da opinião publica se denomina senso-commum.

O programma do morgado de Santa Eufemia foi applaudido com razões pouco para se estamparem. Leonardo Pires disse que não avisava o seu amigo para não perder occasião de o ter no Porto alguns dias, e cural-o mais facilmente com a vista do espectaculo hediondo. N'isto, como estivessem os tres á janella, viram assomar no topo da rua de Santo Antonio Silvina, e Francisca da Cunha, seguidas de um criado de farda.

— Ellas ahi vem!—disse Pires, e sahiu a encontrar-se com ellas. O morgado de Santa Eufemia, a rasoavel distancia, quando as damas vinham com os olhos postos n'elle, fez recuar o primo, e fechou-lhes a janella na cara. Silvina ria tanto como a prima, quando Pires, com o chicotinho em arco, e quasi aos pulinhos como funambulo que vai fazer a sorte, se lhe atravessou no caminho, dizendo:

— Criado de vv. ex.^as^

— O sr. Pires! — disse Francisca toda graça e affabilidade ironica—Faziamol-o no seu *chateau*... Que é feito de si?

— Agoniso, minha senhora, agoniso.

— Ai! que funebre vem!—disse Silvina—póde-se agonisar com esse rosto tão de vida, e rubicundo?

— Póde-se padecer muito, minha senhora, com o rosto rubicundo—replicou Pires—Eu sei de crea-

turas, metaphoricamente chamadas humanas que soffrem muito, sem impedimento das massas de toucinho que as envolvem. Darei a v. ex.ª um exemplo. Conheço uma metaphora chamada José Francisco Andraens... (Silvina córou e franziu a testa) monstro cevado em sangue humano, que elle distilla em banha e asneiras, o qual monstro, — ninguem o ha-de crêr, minha senhora — neutralisa o combustivel da paixão com o refrigerante das cataplasmas de linhaça. Ahi tem v. ex.ª um exemplo que justifica de sobra a minha agonia.

— Vamos, prima, que são horas—disse Francisca da Cunha, condoida do enleio desacostumado de Silvina.

— Pois sim, vamos—disse esta, corrida de modo, que incutiria compaixão em homem que não fosse Pires.

— Dão-me as suas ordens, minhas senhoras? — disse elle, ladeando—Ah!—continuou Pires de sobresalto—esquecia-me dizer á sr.ª D. Silvina que o nosso Jorge vem ahi...

— Ah! vem?—disse machinalmente Silvina.

— Vem, sim, minha senhora, a requerimento meu, por que lhe conheço grande curiosidade de naturalista, e desejo mostrar lhe José Francisco Andraens, a hyperbole de enxundia, monstro, de quem eu tive a honra de fallar a vv. ex.ᵃˢ, e que até ouso recomendar-lhes, para que vv. ex.ᵃˢ admirem não só o bruto, mas o effeito prodigioso da linhaça.

O enleio de Silvina redundou em colera.

— O senhor, disse ella, está-me insultando por que eu e minha prima, confiadas na cortezania da

sociedade em que vivemos, sahimos sem um homem, cujo desforço nos desaffronte com honra.

— Dizes bem, prima—acudiu Francisca, tambem colerica por contagio—Deixemos o villão.

Pires, quando lhe voltaram as costas, deu dous passos em seguimento d'ellas, e tomou-lhes o passo.

— Continua a petulancia?—disse Silvina irada—olhe que eu trago um criado!

— Com libré emprestada, minhas senhoras?—disse o imprudente fidalgo da Maya, que trazia os ouvidos cheios das diffamações geanologicas d'Egas de Encerra-bodes.—Sr.ª D. Silvina, eu fui quem lhe apresentou a nobre alma de Jorge Coelho, que v. ex.ª quiz estragar. Empeçonhou-lh'a, mas não ha-de enlameal-a. Quem vinga Jorge sou eu. Leonardo Pires de Albuquerque. Saiba v. ex.ª que José Francisco Andraens é meu. Aquelle problema de carne hei-de desatal-o eu com o escarneo, e v. ex.ª ha-de ficar submersa nas avalanches d'aquella montanha de cebo. Agora nós, sr.ª D. Francisca da Cunha. V. ex.ª, que só sabe lêr as cartas do linheiro das Hortas, e que tem tido o indiscreto recreio de me andar ridicularisando *no boudoir* das suas dignas amigas, ou se castella com o linheiro das Hortas lá no seu burgo de Traz-os-Montes, ou tem de esconder-se nas rimas de estopa em que seu futuro esposo lê de pernas ao ar as suas epistolas. Sem mais.

Pires, vibrando no ar estalinhos com o chicote, entalou a luneta no olho esquerdo, e foi expandir o jubilo em folgada palestra com os morgados, que o espreitavam.

Silvina, quando entrou n'uma casa nobre de Traz da Sé, soffreu um insulto nervoso que desabafou em gritos. Queria Francisca da Cunha consolal-a; mas estava esperando de instante a instante ser assaltada tambem do mesmo insulto. As senhoras da casa á competencia desfaziam-se em desvelos; mas Silvina respondia apenas: «hei-de vingar-me!»

Desiderio Erasmo, como sabem, escreveu a «Apologia da tontice.» Eu não me afouto a encarecer a de Leonardo Pires; porém, assim como os regedores das republicas nobilitam com mercês e titulos não só a estupidez—isso é o menos—mas a infamia soberba d'uma opulencia cevada e medrada em cruezas e deshumanidades, que muito se aventurarmos um voto de louvor a alguns selvagens da civilisação, doudos providenciaes que atiram a vaza do insulto a caras já de si tão sujas, que não ha medo de enferretal-as?

Alguns homens, como Pires, seriam muito proveitosos n'uma sociedade como esta. Houve-os sempre com differentes nomes e appellidos. Na antiguidade, chamaram-se Aristophanes, Diogenes, Marcial e Plauto; na meia idade eram os prophetas, os padres da igreja, e, com menos caução de suas prerogativas censorias, os histriões palacianos. Na correnteza d'esta geração por excellencia policiada, mas de todas a mais gafa do que ahi se chama «ridiculo» e do que mais é para chamar-se lastima, ha muito quem tire a campo de zombaria os «ridiculos» do mundo; mas ninguem se vê copiado n'elles, e os copistas de modo o fazem que

fique salvo o orgulho de cada azêmola que fita a orelha ao ornejar da copia, mas não responde. A isto é o que ahi dizem «guardar as conveniencias»: á mesma cousa, chamavam d'antes «guardar as costas.»

Seja o que fôr, a satyra assim não vinga fructo de servir á geração que está nem á porvindoura.

Satyta prestadia, se alguma houve, é a de Leonardo Pires. Eis ahi um doudo, que tolos e sisudos lançarão de suas casas com horror; e todavia qual de nós não sente um Pires, na consciencia, a travar-se de razões e murros com a nossa soberba? Seis Leonardos activos no Porto purificavam o ar pestilencial que para alli veiu das terras de Santa Cruz. Na idade media, os tabardilhos, as pestes fulminantes; no seculo 16.º o verme roedor que desmedula os ossos através de vinte gerações que hão-de lembrar-se sempre de Colombo pelo mimo; no seculo dezenove, mais que nunca, a peste do Brazil, de que adoecem espiritos empinados em seu orgulho como o de Silvina e Francisca da Cunha.

D'um lado Leonardo Pires; do outro lado José Francisco Andraens, e o linheiro das Hortas. Quem levará a melhor? E' tola a pergunta. Ha-de ser o linheiro das Hortas, e José Francisco.

XIII

O apostolico e dicasissimo padre João Coelho, desde Vallongo até Amarante, excedeu-se a si proprio prégando ao sobrinho o melhor e a maior parte do que disseram philosophos, santos padres, moralistas e causistas ácerca do amor mundanal e da mulher. Jorge não replicava, por que o não escutava. O egresso, tomando o silencio como victoria, tirava dos corollarios theses novas, que ia defendendo com tamanha profusão de tiradas latinas que, a ser verdade o que elle disse abordoado a Seneca, Santo Agostinho, Euzebio cezariense, e Bredembachio, o amor mundanal e a mulher são cousas muito peores do que pensa o vulgar da gente. Padre João não era erudito que sómente fizesse praça dos exemplos que authorisa a historia. O pulso rijo da engenhosa memoria d'elle entrou nas idades fabulosas e trouxe pelas orelhas certos heroes que os poemas orphicos e os homeridas nos encamparam

como sujeitos apresentaveis na boa sociedade. Marte, segundo o padre, era um adultero; Apollo um valdevinos que se andava lamuriando na piugada de Daphne; Hercules um maricas que fiava de cocoras na roca de Omphale; as heroinas da odissea, da iliada, e das tragedias de Eschylo um femeaço impudico e deslavado. Do Olympo desceu padre João aos antigos imperios, e poz pelas ruas da amargura Xerxes, Ciro, Dario, Holophernes, Absalão, Sichem, Salomão, Herodes, Marco Antonio, e muitos outros que pelos modos não deram boa conta de si, ou as mulheres não deram boa conta d'elles.

O leitor de certo se convertia ouvindo o egresso; mas Jorge Coelho ia tão dentro em si, tão lacerado pelo abutre da paixão sem esperança, que as palavras do douto velho lhe eram como esponja de fel e vinagre espremida nas chagas. Pernoitaram na Amarante, onde chegaram ao fim da tarde do segundo dia de jornada. Em quanto o egresso entrou no velho templo a fazer oração a S. Gonçalo e visitar os cubiculos onde viveram santos varões da sua creação, Jorge foi sentar-se á beira do Tamega, e ahi rompeu em pranto desfeito, com os olhos postos nas ondulações das serranias para além das quaes lhe ficava o Porto. O padre sahiu indignado do mosteiro praguejando, menos evangelicamente que de seu costume, contra o governo que permittia á municipalidade amarantina que as vivandeiras do destacamento aquartellado nos dormitorios do mosteiro dançassem ebrias e meio nuas a canna verde e a sirandinha no refeitorio e na claustra. E'

de crêr que as mulheres recebessem com galhofa o egresso venerando, cujas botas de borla e chapéo tricorne deviam de parecer cousa de entrudo ás bacchantes que a onda da civilisação revessou no remanso dos monges, em quanto outra engolfou os monges no porto suspirado da sepultura.

Ahi me vou eu sahindo com o impertinente vêzo de lastimar os frades! D'esta vez hei-de represar a piedade com que n'outros livros tenho desdourado, no conceito de muita gente, os meus altos espiritos de operario que trabalha á candeia do seculo XIX. Que me importa a mim que nos cubiculos do mosteiro de S. Gonçalo se alojem as vivandeiras do destacamento, e que na claustra sobre as cinzas dos frades vão ellas, repletas de vinho e despejo, dançar a sirandinha e a canna verde? Se eu disser que no tempo dos frades não se viam semelhantes desacatos, hei grande medo que me ponderem que outros desacatos mais attentatorios da religião de Jesus ahi se viram no tempo em que os frades comiam no refeitorio, e medravam nas cellas, onde agora coze o seu vinho o mulherio da tropa. Se o padre João Coelho quizesse, esse é que podia responder a preceito; mas, para bem do leitor, ninguem n'aquella hora se lhe atravessou com argumentos, estando elle na estalagem da Amarante, sentado no escabello, a dizer cousas de sorte magoadas, a respeito da profanação do convento, que todo o auditorio chorava, sendo tres das carpideiras as mais lubricas bailarinas da claustra.

Entretanto, Jorge escrevia a Leonardo Pires, dizendo-lhe que resolvera não escrever a Silvina, em

quanto lhe durasse a impressão amarga que recebera das revelações do tio, impressão immorredoura, dizia elle. Recommendava-lhe que se informasse da verdade d'aquellas revelações, e sem piedade lhe transmittisse o excesso de peçonha que havia de matal-o.

Ajuntava elle que já não amava Silvina; mas que não podia despresal-a; e que entre o amor e o despreso estava o odio, serpente insaciavel que se lhe enroscara no coração.

Esta serpente de que se queixa Jorge Coelho é uma alimaria a que os poetas de animo socegado chamam cupido, deus de Gnido, de Paphos, e Amor em estilo chão. Permitte a rhetorica aos amadores enraivados denominar serpente a cousa que d'um dia para outro se transforma em rôla gemedora. Não é raro encontrar sujeito que tem aninhado no seio um viveiro d'estas serpentes, as quaes, depois de cuspirem a peçonha, n'uma carta arrufada, em meia duzia de adjectivos azedos como malagueta, metamorphoseam-se em pombal de candidissimas pombinhas que se catam e beijam umas ás outras com langorosos requebros. Da metamorphose o que fica é a peçonha instillada e derramada na circulação sanguinea. Na correnteza do tempo, vem esta peçonha a consolidar-se no coração, e d'ahi procedem as postemas, que degeneram em aleijões, commummente denominados scepticismo, cynismo, devassidão, libertinagem, impudencia, e outras molestias pegadiças. As rôlas e as pombas, desde que o coração inficionado as afugenta, passam para o dominio do estilo, e concorrem para que no ban-

quete d'um amor revelho, gotoso e glutão hajam sempre aves.

Vem a pêllo fallar da gorda gallinha que padre João trinchou na estalagem da Amarante, em quanto Jorge Coelho, recolhido ao seu quarto, se atirava vestido sobre o leito abafando contra o travesseiro os soluços da afflicção, que o egresso, tão de boa fé como crente na efficacia da historia, julgára minorada com a quarta dissertação que fizera ácerca do amor, segundo a carne, e nomeadamente do amor em Roma na época dos Cezares.

Citou versos de Marcial e Juvenal, como prova de que o amor era mau em toda a parte; e, sem elle querer, tambem provou que nas livrarias dos mosteiros entravam livros de moralidade muito equivoca. A ultima these de padre João Coelho assentava n'esta proposição de S. Paulo: «Quem não ama está na morte;» mas tão engenhosamente o erudito frade torceu o bico ao prego que as conclusões eram todas contra o baixo amor terreal, e pregoeiras do amor divino, que elle orador por sua parte cumpria á risca, sem embargo de se pascer em delicias na choruda gallinha, em quanto o sobrinho abafava de dôr no quarto. Esta é a grande vantagem dos que andam empinados em amores do céo, que nunca deixam de comer ás suas horas, e de digerirem em regalados somnos a materia bruta que lhes não pesa na consciencia.

Não ha pois duvidar de Montesquieu (parece que foi) que disse — que a religião christã, depois de nos felicitar n'este mundo, nos segurava a felicidade do outro.

Padre João dormiu nos coxins macios da sua limpa consciencia; Jorge, apenas o tio se fechou com o breviario, e adormeceu ao quarto psalmo penitenciario (um egresso repleto de gallinha cozida a resar um psalmo penitenciario! parece um paradoxo! Tomára eu saber se David compoz aquellas lastimas antes que as caricias de Bethsabé o enfastiassem!...) Estas incisões intermittentes hão-de perdoar-m'as os leitores que souberem o que é escrever um romance n'um carcere, onde já não ha carrasco, mas existe o espirito do carrasco identificado a uma cousa que nós cá os assassinos e os salteadores denominamos as *authoridades*, que medram no cêvo do erario, uns chamando-se procuradores do rei, outros carcereiros, outros chaveiros, outros guardas, a mesma familia representando o rei de theor e modo que fazem odiosa a palavra do symbolo que lhes legitíma a crueza, a barbaridade que lhes tem ladrilhado o coração, e muitas vezes a infamia que se abona com a justiça, essa divina irmã dos anjos, que os cafres trazem tão nusinha e pustolosa por sobre os esterquilinios d'elles.

Agora é que me eu perdi de todo... Perdido devéras andava aquelle pobre Jorge Coelho, pelas ruas da Amarante em quanto o padre dormia o somno do justo. Chegou á celebrada ponte, curvou-se no parapeito, e teve tentação de precipitar-se. Foi instantaneo o accesso de loucura. Jorge viu a imagem de sua mãi no scintillante reverbero da lua que se espelhava no Tamega.

Levantou os olhos para o céo, e disse:

«O' Providencia Divina! leva esta dôr ao cora-

ção de minha mãi, para que ella, a santa, peça por mim!»

Eram onze horas d'aquella formosa noite de Setembro. Soava apertada nos rochedos a torrente, que scintillava em escamas de prata. De longe vinha a toada soidosa d'uma flauta que tocava a chacara popular dos «Dous renegados.» Jorge amava desde os doze annos os versos maviosos e truculentos d'aquella canção de amor que chora como anjo e obsecra como demonio. Proferiu a letra cadenciando-a com a flauta, e rematou chorando, já não em ancias, mas suavissimamente, como se o espirito de sua mãi lhe alcançasse do céo a mercê das lagrimas que desopprimem.

Um vulto entrou na extremidade direita da ponte: era uma das mulheres que padre João vira com santa indignação, a tripudiarem sobre as ossadas dos monges na claustra. Veiu direita a elle, e pediu-lhe uma esmola. Jorge deu-lhe tudo quanto tinha. A mulher viu bastantes moedas de prata, e, estupefacta ou douda de jubilo, nem se retirava nem agradecia.

— Vá-se agora, embora, mulher — disse Jorge, sem enfado, mas desejoso da solidão que tão suave lhe estava sendo.

— O senhor dá-me este dinheiro todo?! — disse a mulher, que os homens chamam perdida, e que não o estava, nem o podia estar aos olhos do seu Creador.

— Dou, sim.

— Bem haja, meu senhor! — tornou ella, com lagrimas na voz — já tenho com que ir para a minha

familia. Eu sou uma desgraçada, que vim do Algarve, ha tres annos, fugida a meus paes, com um rapaz meu parente, para casarmos onde podesse ser. Elle requereu ao commandante; mas não teve licença para casar commigo; eu depois fui lançar-me aos pés da senhora do commandante, e consegui licença. Quando estavamos muito contentes, mandei buscar a minha certidão e mais papeis á terra; mas disseram-me de lá que nós eramos primos, e não podiamos casar sem dispensa. Não tinhamos dinheiro para ella, e fomos vivendo até vêr se Deus dava remedio. N'este entrementes, o meu primo namorou-se de outra, e deixou-me a morrer á fome. Agora com este dinheirinho vou já ámanhã para o Porto, e de lá vou n'um hiate para Tavira, e vou botar-me de joelhos aos pés de minha mãi.

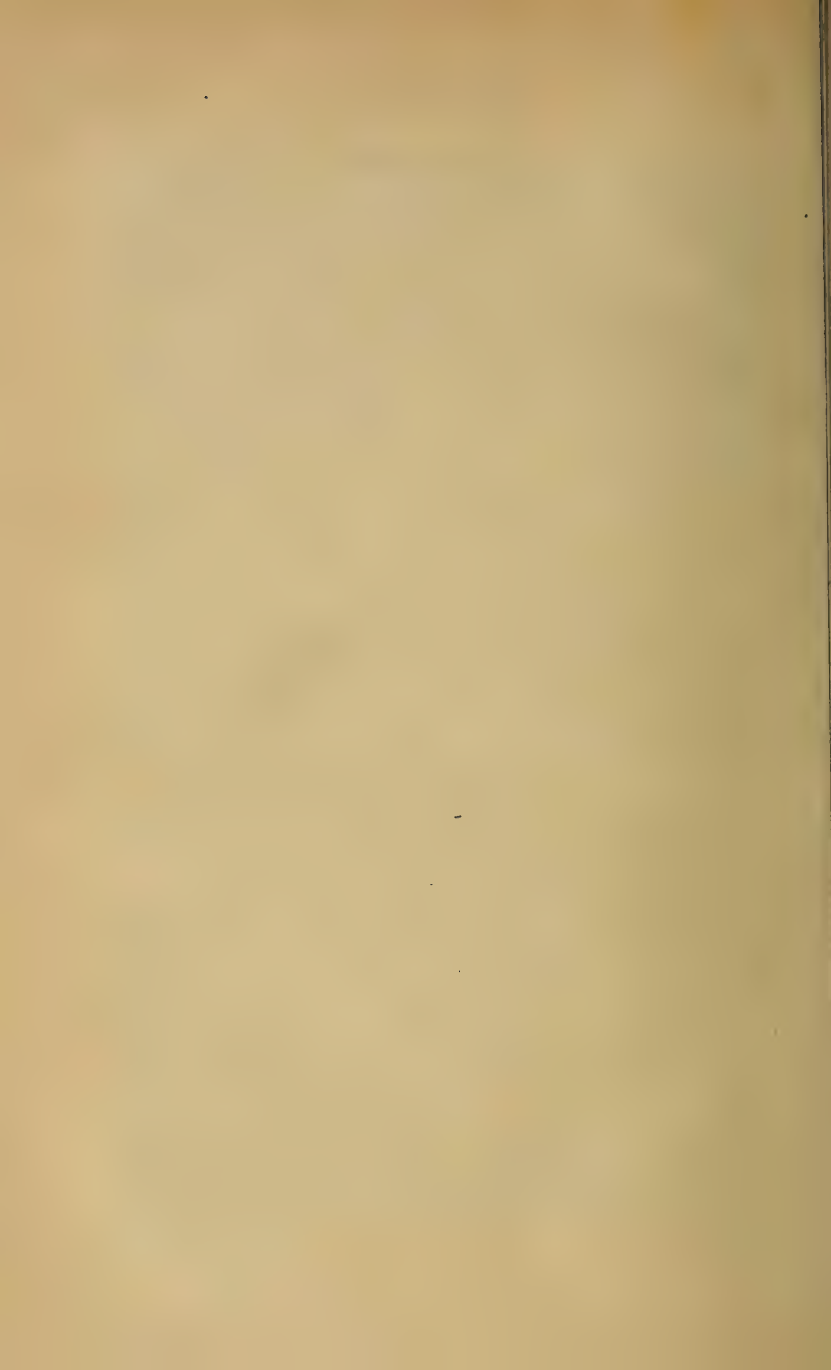
— Pois vá, não mude de resolução, e faça por ser boa filha — disse Jorge com maviosa caridade.

— O senhor será um anjo do céo? — disse a feliz creatura lavada em lagrimas.

— Não sou anjo do céo, não... Vá com Deus.

A mulher retrocedeu, e foi ajoelhar diante de um antiquissimo retabulo de granito em que na fachada do templo de S. Gonçalo sobresahem os grosseiros relevos de uma Senhora com Jesus morto no regaço. Jorge viu, ao clarão sereno da lampada que pende sobre a imagem, a mulher ajoelhada. Banhou-se-lhe o espirito de um contentamento, que não poderia existir na terra, se acima d'este tremedal, não velasse um Deus as acções do homem que póde erguer-se do seu rasto até hombrear com os anjos.

Entre Jorge e aquella peccadora que resava, avultou ainda a imagem da mulher pura, a mãi, a santa, onde chegára talvez a revelação das penas do filho. Silvina, n'esse momento, nada era na vida de Jorge. Nem a poesia da paixão pôde disputar o espirito do mancebo á poesia da caridade.

Entretanto, o varão justo, o padre João Coelho, acordava com a digestão consummada, voltou-se para o outro lado, e reatou a nota quebrada de um beatifico ronco.

XIV

As prelecções de historia antiga que padre João fizera, desde o Porto até casa, não tocaram o juizo nem o coração de Jorge; mas as singelas palavras da indulgente mãi, e as caricias dos irmãos, acalmaram algum tanto a febril paixão do academico. D. Antonia, de proposito, passou com o filho no adro da igreja rural, quando, ao fim da tarde, se celebrava dentro um baptisado. Entraram na modesta igrejinha, e foram ajoelhar no arco. A viuva, depois que orou, foi sentar-se n'um banco tosco da capella-mór, e chamou para junto de si o filho.

— Senta-te aqui, Jorge; — disse ella — quero fallar com o meu filho ao pé da sepultura de seu pai. Não a esqueceste ainda, pois não?

Jorge desceu a vista sobre uma das lages que formavam o estreito pavimento da capella-mór. D. Antonia continuou:

— Tenho fé em que o meu coração n'este lugar,

onde ha cinco annos venho chorar todos os dias, te saberá dizer o que teu bom pai te diria, filho. Se Deus me não fizer o milagre de ajuntar ao teu espirito mais dez annos, serão perdidas as minhas consolações, e tu as tomarás como conselhos importunos...

— Não, minha mãi... — atalhou Jorge, commovido pelo terror santo do local, e pela imagem de seu pai, em cuja fronte morta elle dera um beijo cinco annos antes — os seus conselhos...

— São conselhos de mulher, conselhos de mãi, que quer desterrar da tua alma lembranças d'outra mulher que me rouba o coração de meu filho. Deus levou-me teu pai, Jorge; e Deus me não podia enganar quando d'aquella tribuna, estando eu ajoelhada sobre esta lousa, me dizia que a compensação da boa alma que chamou para si, eras tu. Lembras-te d'uns beijos fervorosos que eu te dava, quando erguias as mãos ao pé de mim n'este mesmo sitio? Não te deixava eu a face molhada de minhas lagrimas, Jorge? Lembras-te?

— Lembro-me, minha mãi... E porque está chorando agora? — disse compadecido o moço.

— Parece-me que é saudade das dôres de então, filho... As de hoje são inconsolaveis... Nunca tive orgulho peccaminoso, Deus sabe que não; mas orgulho do meu dominio no teu animo, Jorge, tinha-o muito grande; e agora vejo que pequeno valor tem o dominio de mãi, logo que um acaso infeliz depara aos dezoito annos de uma criança os affectos verdadeiros ou simulados da mulher que nunca se viu, nem conheceu nos brinquedos da in-

fancia. Isto é triste! A natureza poderá justificar este vulgar infortunio; mas a piedade e o dever choram-se, e não ha razão que convença uma mãi a conformar-se com a desvalia em que tu tiveste os meus rogos durante tres mezes.

— Eu não desvaliei os seus mandados, minha mãi — disse Jorge em tom de carinhosa submissão — Havia uma corrente invencivel que me prendia á desgraça...

— E partiu-se essa corrente, filho?... O teu silencio diz me que não... Olha, Jorge... se essa mulher fosse digna de ti, eu dizia-te que me trouxesses para casa mais uma filha; se ella fosse virtuosa e pobre, seria um thesouro, na nossa casa onde sobra o necessario; se fosse rica e creada nas regalias da sociedade, aconselhava-te que a não sacrificasses á nossa solidão e pobreza comparativa; mas, filho, essa menina, que te enganou o coração, não tem virtudes que suppram a riqueza, nem a riqueza que possa compensar o coração estragado e sem escrupulos do homem, que não és tu, mercê do Senhor! Antes de teu tio ir ao Porto, já eu sabia, meu filho, quem era Silvina. Nada disse ao padre do que sabia, quando lhe pedi que fosse em meu nome pedir-te que viesses para nós, que te choravamos. Tu sabes que eu tive uma companheira no convento de Braga, menina de muitas virtudes, que mereceu a Deus casar com um negociante do Porto. Foi a ella que eu escrevi pedindo-lhe informações da tua vida, e não se demoraram. O marido d'esta senhora procurou-te varias vezes, e nunca pôde encontrar-te. Andavas perdido na tua

cegueira, meu pobre filho! Abre os olhos da tua alma, e attenta nas lagrimas da pobre mãi que não póde contar com o amparo de tres meninas, nem ellas contam com outro amparo senão o teu. Não achas tanta gente boa a pedir-te amor, filho? Tudo nos queres tirar a nós para o atirar aos pés de uma mulher que d'aqui a um anno será na tua memoria apenas um remorso, senão fôr antes uma vergonha?

—Uma vergonha!... atalhoü Jorge, mais ferido na vaidade que surprehendido da qualificação.

—Pois qual é o nome que dá o mundo ás paixões que humilham os que as soffrem, e mortificam uma familia que não espera d'ellas senão amarguras, desgraças, e abysmos?! Jorge, meu querido filho, faz um esforço de vontade! Vence-te, que podes. Ajuda a efficacia das minhas orações. Em nome d'estas cinzas queridas, peço-te em nome de teu pai, que tantas vezes me disse, quando te via triste, aos quatorze annos; «não tires da tua vista este menino, que ha de perder-se, se entrar no mundo, d'onde me eu salvei com o teu amor»; é teu pai que te pede pela minha bocca, Jorge, esquece essa mulher; não lhe escrevas; os teus amigos que te não fallem d'ella; absorve-te no meu amor; folga com a innocencia de tuas irmãs: volta a Coimbra quando o desejo do estudo renascer no teu animo socegado; entrega-te de novo aos teus prazeres da caça; restaura a tua saude, que trazes tão quebrantada; eu pedirei aos amigos da nossa casa que a frequentem mais a miudo; teu tio ha-de saber conversar com o teu espirito instruido; compra os li-

vros que quizeres; satisfaz todos os caprichos que te não arruinem a saude nem a alma; tens a duas leguas d'aqui uma villa onde ha sociedade, e familias que te estimam. Lucta, filho, deixa triumphar tua mãi do prestigio d'essa mulher, que nunca te deu uma lagrima, nem sabe o travor das que tu me tens feito chorar...

— Basta, minha mãe — murmurou Jorge, levando aos labios a mão tremula da magoada senhora — Luctarei, e... morrerei, se não vencer.

— Vences, filho, vences! exclamou D. Antonia com a vehemencia da sua fé e da sua razão. — Vences, porque Deus não dá ás más paixões o poder de matarem uma creatura, que póde desafogal-as nos braços de sua mãi. — E erguendo as mãos para o altar, disse com a voz convulsiva — Graças, meu Redemptor!

Anoitecera. Padre João, que era o vigario da freguezia, andava discretamente passeando no adro, e entretendo os sobrinhos para não interromperem a pratica, cujo assumpto elle adivinhara. D. Antonia ergueu-se, tomou a mão do filho, e sahiu da igreja. No adro, estavam brincando as tres irmãs de Jorge, a mais velha das quaes tinha nove annos, e o irmão mais novo que nascera depois da morte de seu pai. Saltaram os mais novos aos abraços á mãi, e as duas meninas ao pescoço de Jorge, com grande alarido. Sentou-se elle nos degraus do cruzeiro do adro, e tomou para sobre os joelhos as duas meninas, que á fina força queriam ennastrar-lhe nos cabellos as suas rozas brancas. D. Antonia contemplava o grupo com o semblante banhado de alegria.

O egresso, debruçado sobre a parede baixa que contornava o adro, fallava com o mordomo da festa de S. Sebastião ácerca do numero de padres e do prégador que devia chamar. Os meninos mais novos já tinham largado a mãi para apedrejarem as andorinhas que chilreavam em redor do campanario, cuja sineta unica era movida debaixo por um cordel, que os pequenos a muito custo respeitavam por alli estar o tio padre.

Resolvido o negocio da festividade do orago, padre João tirou pela corda, e tocou as nove badaladas das Ave-Marias. Todos ergueram as mãos, e resaram em voz alta. «Ora, Deus nos dê boas noites.» — Disse o padre. Rodearam-no os meninos a beijar-lhe a mão, e Jorge tambem depois que sua mãi lhe deu a fronte.

Terminando este lance, cuja poesia santa não ha pedil-a a corações que deram com ella no pégo da lama brilhante onde dizem que a poesia está, Jorge Coelho fitou os olhos no occidente, e reconheceu o anoitecer dos seus dias passados; viu o boleado pardacento das serranias longiquas que lhe estavam redizendo os pensamentos da sua infancia; ouvia ainda as vibrações do sino que repicava no baptisado de seus irmãosinhos, e dobrára na morte de seu pai, reconcentrou-se; sentiu uma secreta amargura que não era angustia de saudade, nem pavor de previsões afflictivas... Que era, pois, esse vulto lá muito ao longe, ao pé d'aquella myriada de estrellas que repontava na cumieira da montanha? Era a imagem de Silvina ainda perto do céo, porque de lá vinha cahindo, bella como os

anjos que lá nasceram; e, rebeldes á piedade, á virtude, á suprema graça, aqui se despenham, e despenhados vencem ainda disputando ao Senhor as almas immaculadas. Era Silvina, toda de festa e risos, reptando-o á lucta com um sorriso affrontoso, e esgares de escarneo ao protesto santo jurado sobre a sepultura d'um pai, e assellado com lagrimas de mulher sem macula. Era a visão maldita, a fada inexoravel dos que vem a esta hecatombe, predestinadas victimas, que o mundo sacrifica e cospe.

Era Silvina, sempre Silvina, a dizer-lhe:

«Que mulher viste mais linda que eu!? Quem te deu philtros de mais saborosa peçonha!? Vê se te sorriem uns labios com mais dôces favos de phrases que assignalaram a mais bella hora da tua vida!»

Meu pobre Jorge Coelho! Tua mãi não te salva d'esse captiveiro. Teu pai, esse resgatava-te, se te désse um lugar no seu leito!... *É intransitivo o calix!*

XV

A primeira carta de Leonardo Pires ao condiscipulo dizia que Silvina ia todos os dias á Foz de carroção, e almoçava bifes e fiambre no hotel inglez. Ajuntava a isto o picaresco informador que a menina usava de anquinhas no vestido de banho, e fazia de nereida saracoteando-se na agua, requebrando-se em risos e ditos galanteadores aos tritões de baeta azul que a rodeavam, e sahindo dos braços de Neptuno mui peneirada aos saltinhos pela praia, que eram umas delicias vêl-a. Dizia mais, que Francisca da Cunha, ao sahir do banho, era uma cousa desazada como perua que saltasse de um tanque a escorrer agua. Este era sempre o estilo do fidalgo da Maya. Rematava dizendo que o morgado de Santa Eufemia fazia todos os dias a Silvina o sacrificio de se lavar no oceano, dando grandes urros, e devorando bois assados no hotel da Boa-Vista.

Jorge Coelho tragou este veneno, e odiou o amigo que sem piedade lh'o vasava no coração. O innocente esperava que Leonardo lhe enviasse, senão uma carta, ao menos palavras consolativas de Silvina, incentivos apaixonados á esperança, lagrimas de saudade e protestos de firmeza eterna.

Na segunda carta dizia Leonardo Pires que tendo elle azo de encontrar-se com Silvina na calçada dos Clerigos, na loja do sr. Antonio das Alminhas, lhe fallara de Jorge, contando-lhe o motivo da sua repentina partida para a provincia, com o que a boa da menina se rira grandemente, dizendo que seria muito de receiar que o tio padre trouxesse uma palmatoria debaixo da sotaina. A isto respondera Leonardo—e não duvidamos acredital-o—que Jorge devéras merecia meia duzia de palmatoadas, quando sahiu do baile da assemblea, apaixonado por um anjo que fizera presente das suas azas á gravata do morgado de Santa Eufemia. E como quer que Silvina redarguisse com voltar-lhe as costas, Leonardo fôra fallar a Francisca da Cunha que estava á porta do sr. Antonio das Alminhas, conversando amores com um linheiro das Hortas, o qual linheiro lhe estava dizendo que o dia estava muito bonito.

Jorge Coelho respondia a estas cartas sem fallar de Silvina, e dizendo pouco de si. Divagava por assumptos tristes, dissabores da vida que em seu começo tropeça na desgraça; rebates de saudade d'um tempo que mais não voltaria; os encantos perdidos do céo, das arvores e das montanhas que elle amara tanto; a magia do viver em familia despoetisada; o coração desaffeito das caricias mater-

naes e já insensivel ao sabor d'ellas; longos dias, sem um sorriso, encadeados a noites desveladas sobre livros em que elle, como Hamlet, não via senão *palavras*, *palavras*, *palavras*.

Na terceira carta dizia Jorge ao seu amigo que talvez não fosse a Coimbra, porque a saude lhe minguava com a vontade, e a perspectiva da morte era a visão mais risonha que o visitava ao cahir da folhagem dos seus bosques, onde elle passava os dias com um anjo de nove annos, a sua irmã Angela.

D. Antonia não entendia o filho. Via-o triste; mas triste o vira sempre desde creança. Espreitava-o de noite no seu quarto, e achava-o sempre com os cotovêlos na mesa de estudo, o rosto entre as mãos, e um livro aberto. Se o interrogava ácerca da sua saude, Jorge respondia sempre que não soffria senão o mal-estar da sua doentia imaginação. A mãi, fiada em suas orações, esperavao melhor, e agradecia já a Deus a cura completa de seu filho.

Padre João, porém, via mais de perto o fio ás cousas.

— O rapaz come muito pouco!... — dizia o sagacissimo egresso á cunhada — Não nos fiemos n'aquelle exterior pacifico, mana. Alli ha amargura secreta enfronhada n'uns ares de serenidade, que não é d'aquelles annos. Jorge está magro, macilento, e não dorme. Debaixo da janella d'elle encontro a miudo muito papel rasgado. Já pude concertar uns pedacinhos, e lá encontrei o nome da fada má, que nos ha-de perder Jorge.

— Perder!... não diga tal, mano João! — excla-

mou a viuva, estorcendo os dedos, e já com as lagrimas, a fio.

— Perder, sim!... Mana Antonia, eu já tive vinte annos, e entrei no mosteiro aos trinta e dous... Vou aconselhal-a. Quer resgatar o seu filho das ciladas da sereia?... Olhe que só Ulysses venceu uma vez sereias. Que me conste, desde Ulysses até nós, as vencedoras são ellas sempre, quando as victimas as não podem examinar de perto, e vêr que ellas escondem na agua a metade monstruosa do corpo. (A erudição mythologica do padre nem D. Antonia poupava!)

— Então que conselho me dá, mano?—atalhou a senhora.

— Quando Jorge der signaes de doença grave, quando uma ponta de febre lhe accender as faces, mande-o para o Porto.

— Para o Porto?! Que desproposito é esse!?

— Deixe-o ir examinar de perto o monstro. Deixe-o cahir na conta da sua indigna paixão Deixe-o ir ouvir o descredito da tal mulher. Ha mulheres como a lança de Pélias: curam a ferida que fazem. Eu já me arrependi de obedecer aos rogos da mana. Jorge devia deixar o Porto espontaneamente. Logo que eu sube que mulher era a tal Silvina, devia abandonal-o a elle á miseria da sua illusão. A esta hora estava elle talvez desenganado. Sabe porque? Aqui tenho uma carta do negociante Ferreira, casado com a sua amiga do convento. Diz-me que Silvina arranjara a final um brazileiro millionario, tão monstruoso em corpo como ella é monstruosa na alma. Se Jorge estivesse a esta hora no

Porto, cercado de homens que fazem zombaria das affeições serias e das ridiculas, curava se. Aqui, se lhe eu annunciar as baixezas da Circea que o bestificou, não me acredita; e, se me acreditar, não temos balsamo que lhe feche a chaga; verá que elle a rasga mais com as suas proprias unhas. Mana Antonia, o meu parecer é este. Não me argumente, que não sabe, nem póde. Se a sua vontade fôr outra, lavo d'ahi as minhas mãos...

D. Antonia foi direita ao quarto do filho, e entrou de sobresalto. Surprehendeu-o a escrever. Jorge fez um gesto machinal para entremetter n'outros papeis a folha em que escrevia.

— Escondes de mim o que escreves, filho? — disse D. Antonia, com magoada brandura.

— Não, minha mãi, não escondo...

— Pois eu não vi?! — tornou ella, sorrindo tristemente.

— São cartas para os meus condiscipulos.

— Deixas vêr-m'as, Jorge? Que poderás tu dizer aos teus amigos, que não dissesses a tua mãi?! Fallas das tuas amarguras? Conta-m'as tambem a mim.

— Eu não fallo de amarguras, minha mãi — disse Jorge, erguendo-se, para afastar a mãi da banca. — Communico a um amigo os meus estudos, as minhas impressões de leitura, cousas que não podem recrear uma senhora...

— Assim será, Jorge... Tu nunca me mentiste, nem mentirás, pois não?

Jorge guardou escrupuloso silencio, respondendo com um tregeito, que valia tanto como a supplica de perdão.

N'este momento, apeava no pateo um cavalheiro da villa proxima, que vinha visitar o academico. Jorge foi logo á sala, a mãi acompanhou-o até fóra do quarto; e retrocedeu a examinar os papeis, logo que o viu entretido. Foi facil estremal-o dos outros pela frescura da tinta. No alto da folha, leu estas palavras: «Ao anoitecer da vida.» Depois seguia assim:

«Vou d'este mundo, quando custa morrer aos que se estorcem entre uma saudade e uma esperança. Saudade! de que hei-de eu tel-a?! E que posso esperar? Quem me dera já as trevas! Esta luz, que me alumia, é ainda a d'aquelle clarão infernal do baile. Queria fugir de mim proprio, como de um inimigo. Não me has-de tu matar, paixão! Morro porque não podia viver. Se não fosse aquella mulher, era outra. Eu vejo e palpo a morte ha muitos annos. A fugir da morte, refugiei-me no coração de Silvina. Porque me disse ella: «no mundo deve existir a imagem da mulher digna de senhorear-lhe a alma com a de sua mãi, cuja face eu beijaria com respeito e ternura de filha?» E como Deus póde crear no coração humano para zombaria pensamentos assim! A' mulher infame devia morrer a memoria das palavras com que se exprime a virtude... Sinto-me tranquillo... A compensação dos affrontados é esta. No mal e no bem te reconheço, Providencia Divina!... Mas o mal para que é? Se é necessaria na ordem do mundo a ignominia, a crueza, a infamia, a desgraça, fôra digno da perfeição divina deixar ás almas inculpadas o galardão de não sentirem a absurda justiça do Creador.

«Que és tu, bem? que és tu, virtude?... que és tu...»

Aqui fôra interrompido Jorge pela subita entrada da mãi.

D. Antonia quasi não entendera o escripto; mas algumas palavras, as do titulo só, bastaram a compenetral-a de consternação e terror. Ouviu os passos de padre João, chamou o anciada, e mostrou-lhe o papel. O egresso leu, e respondeu risonho:

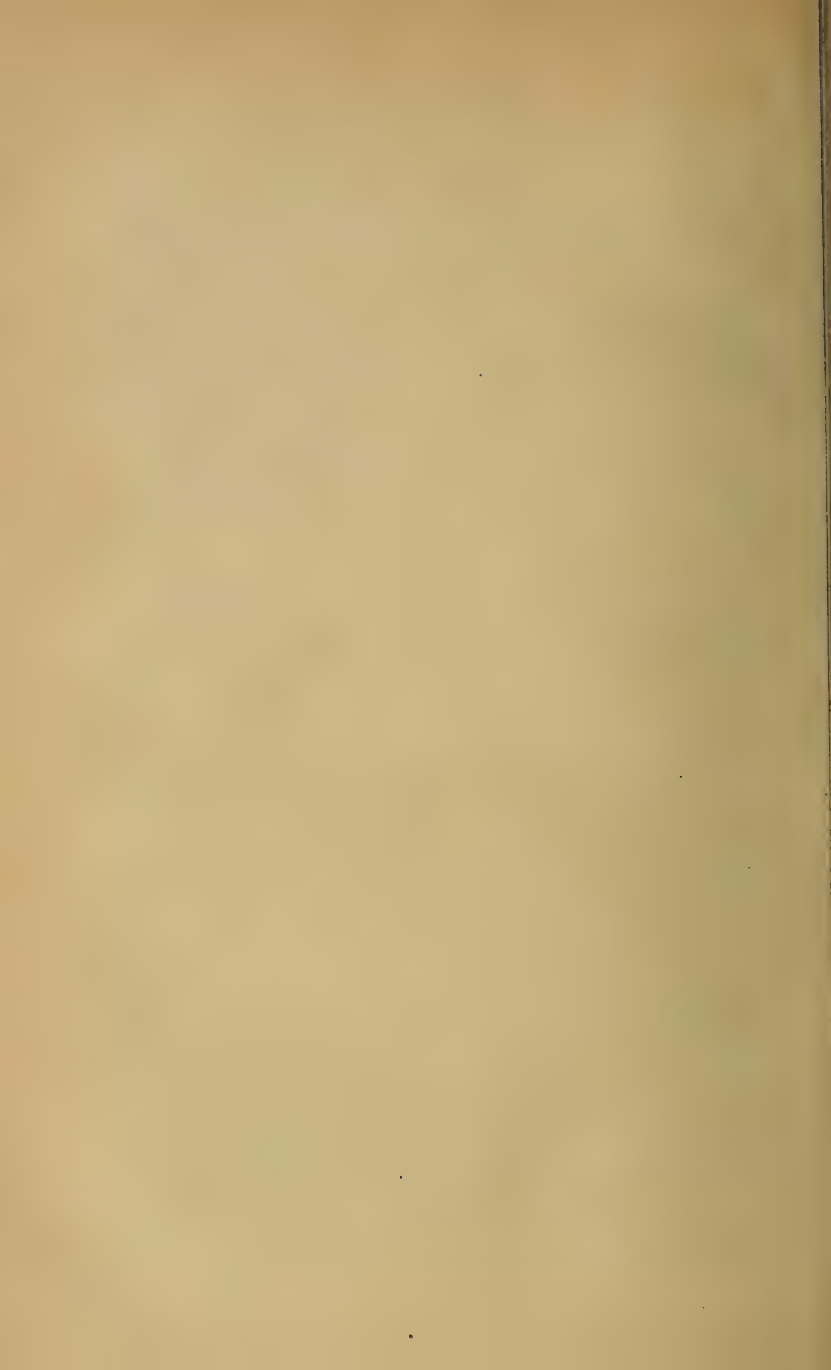
— Não tem de que se lastimar por em quanto, minha irmã. Isto é um accesso de febre; mas não me assusta; o que eu receio é a outra que não interroga a Providencia, e obriga o enfermo a inclinar a face para o seio, e esperar resignadamente a morte. Vá á sala, que o hospede quer comprimental-a.

D. Antonia sahiu, e padre João escreveu o seguinte no papel que lêra:

«O pucaro pergunta ao obreiro porque o fez quebradiço. O oleiro responde: porque eras barro antes de seres pucaro.»

«Virtude é o diamante em que se pulverisam os raios da desgraça. Aquelle é virtuoso que olha em torno de si, e vê prostradas as calamidades.»

«O reino de Deus não está em palavras sonoras; mas em virtudes. (S. Paulo — aos impacientes de Corintho).»

«Coração apoucado, sossobra, se não podes com a tua miseria; mas não abandones a tua memoria a uma piedade vã, que é quasi uma zombaria.»

XVI

Traslado fiel de uma carta de Leonardo Pires a Jorge Coelho:

«São 6 horas da manhã. Venho do baile do visconde dos Lagares. Tenho o coração a trasbordar de amargura! Deixal-o trasbordar, que é uma gotta de absintho n'um oceano de champagne. Um bago de uva matou Anacreonte. Eu sinto-me triplicar de existencia na uva. *Evohé!* Como a vida é linda! que vergeis de flôres recendem á tona d'este lamaçal! Vem cá, Fortuna! Schakspeare chamou-te prostituta. Linda, vem cá, que eu bem te vi no baile, como o poeta inglez te via nos paços e nas tavernas! Senta-te aqui nos meus joelhos, impudica! Solta d'essa larynge recozida de alcool um dithyrambo! Ri-te commigo, e não me venhas dizer que és filha da Providencia, infame blasfema!...

Cançou-me o folego, Jorge! O meu vinho nunca foi para grandes apostrophes. O descriptivo é o meu forte.

Fui ao baile. Pude lograr a causa da moral publica. Deves presumir que estou desacreditado no Pórto, e em vesperas de um duello. Sou o varão justo a braços com a adversidade: *vir fortis cum mala fortuna compositus* — a maravilha que punha Seneca em extasis! O champagne do visconde é litterario como as aguas da Aganippe. Que abundancia de pegasos eu vi beber na sala da ceia, e apparecerem Homeros na sala do baile!

Pedi a quatro conhecidos que me arranjassem convite. Era impossivel. O visconde respondia que eu era um *bolas*, que descompozera no largo da Batalha uma menina, noiva de um seu amigo. Eis que encontro o João da Thereza da Cancella! Este João é meu caseiro ha cincoenta annos. Vê-me, corre a abraçar-me, e exclama: «Fidalgo, o meu Francisco chegou!» — «Quem é o teu Francisco, amigo João?» — «O meu Francisco — tornou elle — que estava no Maranhão! pois não sabe?» — «Não sabia... Vem rico?» — «Rico como um burro!» — «Está bom; estimo; é barão de...?» — «Não, senhor; barão ainda não é; mas está aquartelado em casa do sr. visconde dos Lagares.» — «Sim?!» — «E' como digo, fidalgo, e, pelos modos casa-lhe com a filha; é arranjo tratado já lá do Brazil.» — «Fazes-me um favor, João?» — «E' pedir por bocca.» — «Teu filho será capaz de me arranjar que eu seja convidado para um baile que vai dar o visconde ámanhã?» — Que remedio tem elle, senão arranjar?! Quem foi que lhe pagou a passagem para o Rio senão o paisinho do fidalgo?!» — «Vai depressa, e volta aqui com a resposta.»

Meia hora depois, voltou João da Thereza da Cancella, com a carta, e disse-me : «Olhe que o homem não queria dar o officio ; foi preciso eu dizer que dava duas libras por elle, sendo preciso ; o meu Francisco chamou-me bruto, e depois lá se mexeram como poderam, e aqui tem.»

Dei um abraço democrata no meu caseiro ; procurei os meus quatro conhecidos, mostrei-lhes o cartão, e fiz o elogio do seu valimento d'elles.

Apenas entrei no baile, fui cumprimentar a viscondessa, que fallava com Silvina. Esta, quando me viu, resfolegava como se eu fosse uma grande botija destapada de vinagre de sete ladrões. Retirei-me a rir, e, na reviravolta impetuosa, bati n'uma grande esponja : era José Francisco Andraens. — Perdão ! — disse lhe eu. José Francisco grunhiu, e enviezou-me um olhar sanhudo — Perdão ! tornei eu. O cerdo poz as mãos na linha hemispherica do seu globo, constitui-se vaso etrusco, e regougou : «O senhor anda a embarrar pela gente ? !» — Foi uma *embarração* inopinada, sr. Andraens ! — repliquei eu — Se lhe offendi os tecidos, desculpe-me. — «Estes meliantes. . .» disse o brazileiro, e foi-se embora.

Adiante encontrei os morgados de Santa Eufemia, e de Matto-grosso.

— Que ha de novo ? — perguntei eu.

— O casamento de Silvina com o brazileiro está definitivamente tratado — disse-me Egas de Encerra-bodes.

— Com o brazileiro ?

— Com o brazileiro. Veiu ahi o pai d'ella ; expoz

á filha as vantagens do casamento, e ella poz os olhos no céo, e disse: — cumpra-se a vontade do Senhor,... e a de meu pai!

— E cá o amigo Christovão Pacheco que diz a isso? — perguntei eu, voltando-me para o de Santa Eufemia, em quanto Egas ria estrondosamente.

— Eu digo — respondeu elle — que já cá botei as minhas contas, e que hei de tourear o tal José Francisco!... Estou civilisado; — cá o primo tosqueou-me o pello.

— Vi-te n'aquelle momento, meu caro Jorge. Vi a tua candida alma, n'esse ermo, a penar, em quanto a vil, que te mentira e apunhalara, se andava alli glorificando de que a indigitassem como futura quinhoeira dos duzentos contos do negreiro. Fervia-me o sangue em borbotões de raiva. Jurei tirar alli uma vingança em teu nome, a vêr se me assim despenava da culpa de te apresentar, de te immolar aos rasos instinctos d'aquella mulher. Busquei ensejo de fallar-lhe; mas ella evadia-se, não largando nunca o braço de um ou outro homem. O millionario, filho do João da Thereza, levou me á casa da ceia, e serviu me tres copos de um vinho que tinha um nome barbaro. Abrazou-me as arterias; mas a minha raiva medrava nas chammas como a salamandra. Tornei ás salas, encontrei Francisca da Cunha pelo braço do linheiro das Hortas; parei diante d'elles, e disse, com a solemnidade do estilo: — Boccacio e Fiammentta! Bettina e Goethe! Fornarina e Rafael de Urbino!

O linheiro, voltou-se para Francisca e murmurou: — Não conheço este sujeito.

Eu continuei: Beatriz e Bernardim!

— O senhor está enganado comnosco — disse o linheiro na sua boa fé de linheiro. Francisca, tirou-lhe pelo braço com força, e afastaram-se. Não sei o que lhe ella segredou. O homem, pouco depois sahiu-me de cara, e disse-me:

— V. s.ª parece-me que, ha bocado, me quiz insultar.

— Eu não o quiz insultar ha bocado, senhor... como é a sua graça?

— Eu chamo-me Antonio José Guimarães.

— Pois senhor Antonio José Guimarães, como passou?

O linheiro açafroou-se, mediu-me tres vezes perpendicularmente, e disse:

— O senhor ha-de dar-me uma satisfação.

— N'esse caso, satisfaça-se, e, quando estiver satisfeito, avise-me, sr. Antonio.

— Na rua nos encontraremos.

— Pois sim, repliquei eu, na rua nos encontraremos. O sr. Antonio quer duello a todo o trance e sem misericordia? Eu não me bato com armas brancas nem pretas. O sr. Antonio, como tem a materia prima de casa, leve uma corda, que o hei-de enforcar.

O linheiro ficou chumbado ao tapete, e suava como uma abobora porqueira em manhã de orvalho.

Tocou á ceia. Entrei na sala. O champagne estalava. Os crystaes retiniam. Os talheres tilintavam. Eu tinha no craneo a musica das espheras. José Francisco Andraens ia atamancando um empadão

de pombos, cujos arcabouços lhe pendiam das belfas em fragmentos. Silvina defrontava com elle, e comia a duodecima sandwich. Estavam tres perús, ou seis, ou não sei quantos perús intactos na mesa. Fui collocar-me atraz de José Francisco Andraens, e chamei um servo agaloado de prata. O sr. commendador Andraens — disse-lhe eu a meia voz — quer que vossê leve um d'estes perús de mando d'elle áquella senhora que tem uma grinalda de flôres brancas. Disse e fui collocar-me a pouca distancia de Silvina.

Chegou o criado com a travessa, e disse: — Minha senhora, o sr. commendador Andraens manda isto a v. ex.ª

— Isto a mim! — tartamudeou ella entre admirada e vexada.

— Sim, minha senhora, a v. ex.ª — teimou o criado.

Silvina pregou os olhos abraseados em José Francisco, que lhe abria um sorriso apaixonado por entre o costado d'um pombo. Ao sorriso respondeu ella com um tregeito de colera. Cheguei ao ouvido de Silvina, e segredei-lhe:

«Minha senhora, José Francisco envia-lhe um suspiro d'alma; e como a alma de José Francisco é uma ucharia, os suspiros de José Francisco são perús.»

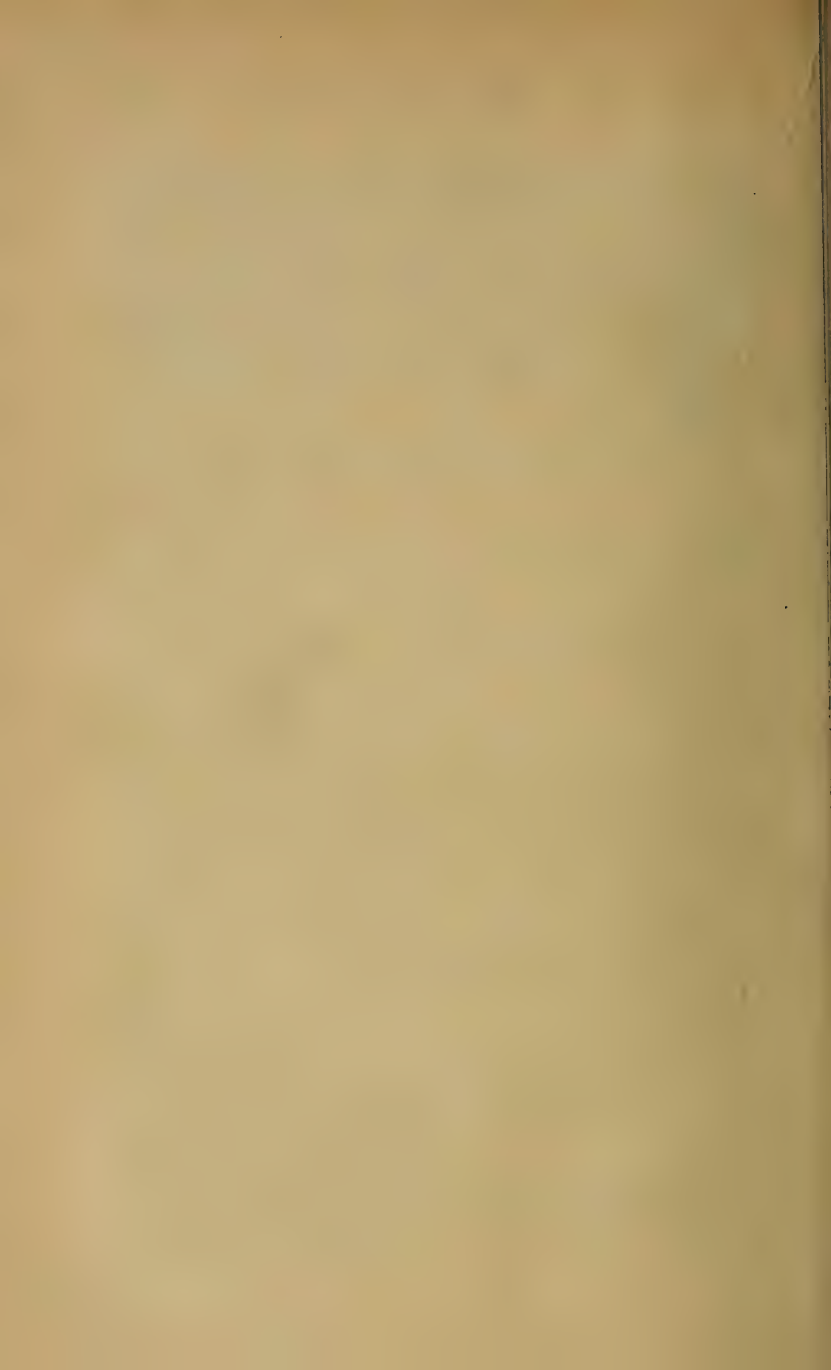
Quando Silvina volvia os olhos fuzilantes, tinha eu desapparecido. Fui ao ouvido de José Francisco, e disse-lhe á puridade:

— A sua noiva está indignada de o ver comer assim! Sacrifique a Cupido o oitavo pombo, amigo José.

O que decorreu depois d'isto, não sei dizer-te meu caro Jorge. A minha cabeça não podia já com encargo da chronica até final: sahi. O ar fresco da madrugada, que aspirei até ás cinco horas, restituiu-me á bestial vida commum. Não posso mais.

Resta-me dizer-te que, se choraste uma lagrima por Silvina, envergonha-te de chorar segunda.

Adeus. Teu

L. Pires.»

XVII

Verificaram-se os presagios do padre João. Jorge, depois da ultima carta d'aquelle singular e diabolico Pires, quiz reanimar-se, e já não pôde. Debil de compleição, quebrantado de insomnias, sorvido incessantemente na funesta scisma de que não havia ahi na terra voz humana que o chamasse ao amor da vida, nem no céo misericordia que o remisse da immerecida pena, Jorge, sem um queixume, sem uma lagrima, sem dar de si incentivo á piedade dos seus, desculpou-se com um ligeiro incommodo, e ficou um dia no leito. A pobre mãi alvoroçou-se, e com ella toda a familia, que via chorar. Veiu logo a sciencia que trata magistralmente dos achaques do estomago, e d'outras visceras nobres, e declarou que a molestia do doente era cousa moral, paixão, hypocondria, ou romance. O facultativo capitulou assim a enfermidade com um sorriso supicaz, e disse á viuva que não era

nada aquillo, e ao padre, piscando o olho, acrescentou que era aquella uma das feridas que se curam com o pello do mesmo cão. Chiste de cirurgião de aldêa.

D. Antonia recobrou-se do seu desmaio; mas o egresso entrou em maiores cuidados.—Para o Porto, e sem demora, o rapaz — disse o padre á cunhada.

— Mas o cirurgião não receia, nem Jorge se queixa...— acudiu D. Antonia, temerosa da separação.

— Deixe fallar o cirurgião, senhora. Seu filho morre sem se queixar.

— Não me diga isso!...— exclamou a mãi consternada. — Pois as suas palavras tão persuasivas, mano, e a religião não hão-de poder nada?

— A religião póde muito: se elle fizer uma confissão contricta, e morrer com sincera dôr dos seus peccados, a religião encaminha-o para Deus; mas o que nós queremos é que elle viva. Que me responde a isto, mana Antonia?

— Eu antes o queria com Deus, que perdido no mundo — disse ella suffocada pelos gemidos.

— Respondeu acertadamente; mas a supposição de que Jorge se perde no mundo, acho-a exagerada. Deixe-o ir onde elle se envergonhe de padecer, que eu lh'o dou por salvo. Torno a repetir-lhe, mana, que eu fui homem antes de ser frade, e a senhora foi sempre o que é — uma alma cheia de innocencia, de bondade, e de ignorancia.

— Pois bem, meu amigo, faça o que entender, mas salvem-me o meu filho.

— Aceito o encargo com uma condição: a mana não chora mais uma só lagrima na presença de seu

filho; finge acreditar que elle precisa de banhos do mar; exige que vá já para o Porto, e de lá para Coimbra, se fôr vontade d'elle ir a Coimbra este anno. Conforma-se com isto?

— Com tudo que de mim quizerem — murmurou ella enxugando as lagrimas.

— Agora trate da bagagem de Jorge, que eu vou fallar-lhe.

Jorge Coelho estava sentado na cama, lendo a *Nova Heloisa* de J. J. Rousseau. O egresso foi de mansinho ao pé do leito, tirou pausadamente os oculos d'um enorme estojo escarlate, montou os na ponta do nariz, abriu e arredondou os beiços, pendido o queixo, e examinando o livro, disse:

— Era um grande homem esse Saint-Preux, ó Jorge!...

— Pois o tio conhece Saint-Preux?!

— Relacionei-me com esse cavalheiro e com outros da sua estofa ha bons quarenta annos. Nunca t'o apresentei, quando praticavamos litteratura, por que sempre entendi que o ias encontrar a Coimbra, de parçaria com os muitos filhos que elle gerou para amparo de muitas Heloisas novissimas, de que está inçado o mundo, graças ás novellas, e ao descredito a que baixou a roca e o fuso. Que carta lês?

O egresso levantou o nariz com os oculos á linha horisontal dos olhos, e leu algumas linhas da pagina.

— Ah! — continuou elle — trata do suicidio... Está mui atiladamente debatida a questão por uma e outra parte. O Rousseau era mestre em parado-

xos; e sabia bastante de musica; mas os paradoxos dava-os de mimo á humanidade, e para elle guardava a vida com todas as suas paixões villãs, mal resguardadas por uma côdea de soberba e orgulho. Ensinava o mundo a educar os filhos, e mandava os d'elle para a roda. Atassalhava a impudicicia do seu confrade Voltaire, e escrevia as suas *Confissões*, com esqualido recheio de desvergonhamentos, para prova de que até o impudor tem a sua soberba. E depois, meu sobrinho, o philosopho, a luminaria do seculo, vendo que a ulcera, aberta no coração da sociedade pelas más doutrinas, ia lavrando, defendeu de concerto com os seus tresvalios, uma these apologetica da ignorancia... Vou-me alongando, e já receio de ter dito de mais. Isto são reminiscencias das minhas leituras de ha quarenta annos. Quando orçares pelos sessenta, Jorge, has-de abrir a tua *Nova Heloisa* n'essa pagina, e has-de rir da impressão que te magoava, quando a lêste, aos vinte annos.

— Não me sinto magoado por impressão alguma, meu tio — disse Jorge, sorrindo, e depondo o livro.

— Não mintas, meu sobrinho — tornou o padre com branda severidade. — Faz quanto em ti couber por salvar dos teus temporaes desfeitos do coração, o melhor thesouro d'elle, a *verdade*, filho. Soffres, e soffres muito, Jorge. Pensas em morrer, e dás de bom grado a tua vida a Deus, se é que a Divina Providencia transluz nas tuas imaginações negras. Não te culpo, rapaz de vinte annos. O mesmo seria culpar-te e reprehender o naufragado que não soube salvar-se. Nem de fraco te accuso. Se eu qui-

zer que uma tenra vergontea, dobrada pelas minhas mãos, se levante commigo, não hei-de molestar-me se me chamarem insensato. No mais verde dos annos, não responde o mancebo de suas fraquezas: a sociedade que responda por elle, e o temperamento tambem. Isto do *temperamento*, digo-t'o aqui muito á puridade, que nós cá, os theologos, não queremos ceder nada aos temperamentos. Ora vamos, Jorge, a pé d'essa cama!

— A pé! — disse Jorge — e poderei eu?!

— Pódes porque queres. Hoje e ámanhã de convalescença; depois de ámanhã para banhos do mar.

— De que me servem banhos de mar, meu tio?

— A resposta é do fôro da medicina. Vaes para o Porto. Hospedas-te em casa de D. Marianna Ferreira, a amiga da creação de tua mãe. Vaes do Porto á Foz tomar o teu banho. Se, no fim do mez, quizeres ir frequentar o primeiro anno juridico, vai; se não quizeres, fica o inverno no Porto, e vem para casa em Maio, caso tenhas saudades nossas e da primavera dos teus arvoredos.

— Peço licença — disse Jorge com amargura sincera — para contrariar a vontade de meu tio.

— Teu tio não concede a licença pedida.

O moço fitou os olhos nas mãos cruzadas sobre o seio, e não respondeu. O egresso lançou-lhe sobre o leito o fato, e sahiu, dizendo:

— Vou mandar pôr o teu talher na mesa.

Jorge disse entre si: — Morrer aqui ou lá... que importa?

Na passagem do seu quarto para a casa de jantar, Jorge recebeu d'um criado duas cartas. Uma

era de Leonardo Pires; o sobrescripto da outra fez-lhe uma convulsão: era de Sylvina. Abriu, e leu o seguinte:

«Não sei que mal fiz a v. ex.ª para merecer-lhe uma vingança tão baixa! Collocou ao meu lado um insultador petulante que me vexa em toda a parte. Que fiz eu ao sr. Jorge Coelho?

«Aceitei os seus galanteios com amor, e aceitei o seu abandono com paciencia. Que queria que eu fizesse para não ser insultada pelo seu amigo? Diga-me se é necessario pedir-lhe perdão de ter sido abandonada. Não hesitarei em fazel-o com tanto que v. ex.ª me garanta a certeza de que não serei injuriada nas praças e nos bailes. De V. ex.ª — eu muito respeitadora, *Silvina de Mello.*»

Jorge cahiu extenuado n'uma cadeira: a orla roixa das palpebras fez-se negra; apanharam-se-lhe as faces, como se a doença, em poucos minutos, progredisse mezes. D. Antonia vinha chamal-o, e encontrou-o assim, com a carta na mão tremula.

— Que tens, meu filho? — clamou ella ajoelhando diante d'elle, e abraçando-o.

— Nada, minha mãi, é fraqueza... não chore, por piedade, não chore, que eu estou bem.

E, erguendo-se com vacillante esforço foi para a mesa. Forcejou por comer; mas as lagrimas cahiam-lhe das faces no prato, e a violencia não conseguia desentalar-lhe a garganta.

— Que é isto? — disse o egresso.

— Foi uma carta... — respondeu D. Antonia.

— Não é nada, meu tio. Recebi uma carta que me fez mal. A impressão gasta-se e eu d'aqui a

pouco estou bom. Agora pedia licença para me erguer da mesa, e dar um passeio ao jardim.

— Vae — disse o padre.

— Eu vou comtigo, meu filho — acudiu a mãi levantando-se.

— Não vai, mana; deixe-o ir sosinho.

Eram imperiosas as palavras do padre: D. Antonia sentou-se. Jorge desceu ao jardim, e foi sentar-se n'um banco de cortiça encostado a um maciço. Abriu a carta de Pires, que resava assim:

«A Providencia não é uma mentira. José Francisco Andraens apanhou uma indigestão de pombos, salame e salmão no baile do visconde, e está em risco de rebentar. Eu estou de atalaia a vêr quantos Jonas saem d'aquelle bojo! O morgado de Santa Eufemia veiu dar-me a noticia, jubiloso, como quem espera empalmar Silvina, extincto o bruto. O qual bruto já se confessou, a vêr se a gente se persuade que existe uma alma n'aquellas cavernas de sebo!

Parte o correio.

Teu do intimo

L. Pires.»

«*P. S.* O linheiro das Hortas ainda não appareceu com a corda.»

Se a carta de Silvina fosse uma dorida invocação ao amor de Jorge, simulando razões e desculpas, ou accusando o silencio do desleal amante, que a despresara sem motivar o menospreso immerecido, é de presumir que o brioso moço nem respondesse á carta, nem se doesse dos hypocritas

queixumes de uma caprichosa estouvada. Porém, o estilo, assim magoado como arrogante d'aquella carta, turvou de tal sorte a cabeça, e o coração do academico, que já elle a si mesmo se accusava de indiscreto, de ingrato e de extremamente facil em acreditar o tio. E — o que é mais é — sentiu rancor áquelle leal amigo da Maya, que, por conta d'elle, se andava expondo no Porto a ser expulso de todas as casas!

Quantas idéas lhe occorreram todas advogavam a innocencia de Silvina. Absolvida e amada eram a mesma cousa. Agora já a esperança de ir vêl a ao Porto lhe era um desafogo, e não sei mesmo se contentamento. O pobre moço, como nem sabia se quer contrafazer-se, denunciou nos exteriores de inquieto regosijo quanto a resolução do tio lhe era grata. A mãi, compondo a roupa no bahú, chorava sempre; os irmãos choravam ao pé d'elle, e elle fugia de todos para que o não vissem alegre.

XVIII

O leitor é uma pessoa de juizo limado e occupações sérias. Estou que não lê romances de ninguem, e muito menos os meus, que são escriptos em lingua portugueza e modelados em cousas de Portugal, onde é sabido que não ha imaginação que invente a novella, nem modos de vida que saíam bem no romance. D'onde vem que o romance portuguez, se não é copia do estrangeiro, e aborrecida inverosemelhança, orça por cousa peor, que é a semsaboria.

Eu tenho escripto alguns volumes de semsaborias: creio que são vinte e tantos. Entre estes, mergulharam de cachapuz no rio

do negro esquecimento e eterno somno

tres livros denominados: ONDE ESTÁ A FELICIDADE. — UM HOMEM DE BRIOS — e a VINGANÇA.

N'estes tres romances figura um homem, ao qual eu nunca puz nome. Umas vezes chamei-lhe poeta, outras jornalista, outras litterato, e assim fui aguentando com embaraços da composição, mas venci a minha. Custava-me a falsificar o nome d'um homem que copiei com esmeros de rigorosa fidelidade; figurava-se-me irreverencia o que em si não era senão escrupulo banal. Ainda agora me deixo levar da criancice, e não acabo commigo dar um nome qualquer ao homem. Quer-me parecer que ha uns longes de poesia n'este segredo. Diga o leitor que é tolice, e saldemos assim as contas amigavelmente: eu dou-lhe a troco da injuria esta revelação da minha crendice, e guardo as chimeras como o homem de boa fé guarda o tôco de cera benta para se alumiar á hora da morte.

Pois é verdade. Aquelle poeta era o amigo de Guilherme do Amaral e de Augusta.

Espectros sombrios, memorias queridas e amargas da minha alma em infancia de illusões, passai um instante luminosos na escuridade d'esta recamara da sepultura, onde até a lampada da esperança se vai extinguindo na mão do anjo do conforto! Vinde a mim, corações amigos, cujas lagrimas eu vi, e contei uma a uma, quando apenas tinha a intuscepção da alma, predestinada ao vosso fel, para lhes avaliar o travo. Na vossa mortalha foi o melhor da minha vida, o crêr nas promessas do coração, nos levantados desejos do espirito que não caiam á terra sem se infamarem; foi comvosco a fé na religião da poesia, que era a minha fé unica, porque não havia crêr nem sentir em mim em

que não estivesse Deus, que eu convidava, sem temor sacrilego, a gosar se das delicias que eram d'elle, creações suas, umas sujas, outras empestadas pelas mãos dos homens! Comvosco foi o meu ultimo dia de oração, a minha ultima acção de graças, a palavra final da profissão de fé, que devia, a meu vêr, remontar-me ao céo, e que, ao revez das, mais espirituaes theorias de Platão, de Socrates, de Jesus, e de todos os Messias da redempção das almas, deu commigo em baixo n'um golfão de lama, onde ha o ranger de dentes d'estas bestas féras, que até na lama sustentam o egoismo da sua propriedade!

O' visões immorredouras, que me ensinastes o amor e o sentimento, e levastes comvosco o segredo de morrer antes do longo paroxismo do tedio da vida, vós bem vistes com que saudosa uncção eu vos offertei dous livros e um ramo de perpetuas, que valiam mais que os livros, e menos que esta pagina em que bem vedes com que fervor me atrevo á prosa d'estes annos, á mofa d'estes industriaes, que me estão perguntando se a apostrophe ha-de ser muito comprida, para tomarem folego, e accenderem o seu charuto.

Pois accendam o seu charuto, e retirem-se as almas evocadas, e mais os romances, que não tem que vêr com elles o leitor, que tanto conheceu as almas, como se lhe dá dos romances.

Veio isto a ponto de estar aqui já comnosco o amigo de Guilherme do Amaral e d'aquella Augusta por quem choram as flôres do Candal, e as almas desamparadas d'aquelles que... Lá ia já sahindo

outra tirada de sentimento. E' enguiço, que me ha-de retirar a protecção de muita gente boa, que não precisa de ler um folhetim para convencer-se do seu direito de espriguiçar-se, e voltar a gazeta de costas, e calcular prespicuamente as relações economicas que podem dar-se entre a alta do cravo dito girofe e a baixa do cacau

Ora ahi vai agora o conto direito. O antigo jornalista, amigo da defuncta baroneza de Amares, estava no Porto de visita em casa de Bernardo Joaquim Ferreira, ahi nos ultimos dias de Outubro de 1855.

D. Marianna, esposa do sr. Ferreira, e suas quatro filhas, e dous meninos, e varias outras pessoas, estão sentadas em roda de uma grande mesa jogando o quino. O jornalista está sentado n'um sophá, conversando com o dono da casa, sobre cousas do Brazil, d'onde o primeiro tinha vindo depois de cinco annos de ausencia. A conversação foi interrompida pela entrada de uma filha do sr. Ferreira, que a mãi e irmãos receberam com muitas vozes de alegria, ás quaes ella respondeu dando um beijo na fronte da mãi, e outro nos labios das irmãs. Com a bemvinda entrou tambem o marido. O litterato, já de pé, deu dous passos, e disse á dama que entrára:

— Quero vêr se me conhece ainda, minha senhora.

— Se o conheço — exclamou Rachel. — O mesmo que foi para o Brazil; o mesmo que era ha cinco annos. . Não se admire da nenhuma surpreza com que lhe fallo porque eu já sabia que o

vinha encontrar. A mãi, quando o senhor chegou, mandou-m'o dizer para a quinta, e deu-me sempre noticias suas. Agora pertence-me a mim perguntar-lhe se me acha muito mudada.

— Quando, ha cinco annos me despedi de v. ex.ª — disse o poeta — se bem me recordo, tive a honra e o prazer de ser propheta, dizendo-lhe que a viria encontrar, cinco, dez, ou vinte annos depois, bella como a deixava, minha senhora. Noto-lhe apenas uma differença sensivel.

— Qual? — perguntou D. Marianna com solicitude de mãi.

— Acho-a mais bella — respondeu o poeta.

Por entre os dizeres usuaes que vem sempre depois de um dito feliz como aquelle, ouviu se a voz aspera do sr. Mannel Pereira, marido de Rachel, dizendo:

— Então, vamos a isto? — e escolhia cartões do quino.

Queria dizer na sua o sr. Manuel Pereira que bastava já de comprimentos, em que a formosura de sua mulher era encarecida por um homem da antipathia d'elle.

As senhoras sentaram-se, e Rachel, obrigada, pela indicação do marido, ficou com as costas voltadas para o jornalista.

— Não vem jogar? — disse Rachel ao hospede.

— Vou, sim, minha senhora.

As damas deram-lhe lugar immediato a Rachel. Manuel Pereira estorcegou machinalmente um cartão entre os dedos convulsos, e fez-se escarlate, cravando os olhos no rosto descuidado de sua mulher.

O jornalista viu tudo isto, e riu-se para dentro.

Agora descreve-se Rachel; depois Manuel Pereira; por fim alguns traços geraes d'esta familia, e fechará o capitulo.

Rachel tem vinte e quatro annos. E' encorpada, mas a robustez não desdiz da gentileza. Não tem attitude alguma de estudo, e parece esculptural em todas ellas. Nos mais communs movimentos ostenta graça, e garbo que vem de seu natural, e ninguem o dirá se o não tiver visto em toda a sua desaffectada singeleza no recesso das suas occupações caseiras. Quando Rachel está n'um baile... N'um baile foi que eu a vi pela primeira vez. Era ella solteira, e teria quinze annos. Isto já lá vai ha quinze. Se eu me não lembrar do que ella era então, melhor me será despedir de mim esta bruta alma que nem para a saudade já serve. As minhas reminiscencias dão-me Rachel vestida de branco. Não lhe hei-de aqui chamar anjo, porque não foi essa a impressão. Era tudo magestade, tudo estatuario n'aquella criança; não a vi a descer do céo, onde os poetas teimam em ir buscar tudo que é excellente, como se o céo não fosse um puro congresso de espiritos que valem de certo lá muito mais do que pesam, mas que passariam desapercebidos nos nossos bailes, se não tivessem a esperteza de entrarem em corpos como o de Rachel. Eu quando a vi lembrou-me a Grecia, as artes, em requintes de pompas, a numerosa familia das Venus, todos esses marmores eternos, que hão-de sobreviver á mythologia dos anjos, dos archanjos e dos seraphins. Os olhos de Rachel... estou-os vendo; nem as franjas se-

dosas e longas das palpebras m'os escondem; poderiam as arcadas espessas e travadas do sobr'olho quebrar a luz d'aquelles olhos; mas nem assim! Como tu olhas, Rachel! Diz a antiguidade que na Scythia havia umas mulheres que matavam olhando se o rancor lhes fuzilava nas pupillas; porém tu que paixão tiravas da alma toda amor, para a lançares de ti como um incendio que te abrasaria, se eu, se todos, que te viam, não tomassem de joelhos um quinhão d'esse fogo! Que haverá alli de mysterios n'aquelles olhos, se o fluido electrico não basta a dizer o que é que vem de lá como corpo estranho que vos entra no seio, e vos não cabe na alma, e quer fugir ás ancias do coração que o aperta, e vos leva do amor ao transporte, do extasis ao phrenesi, do rir ébrio da felicidade ás lagrimas incessantes de noites desveladas! E, depois, porque não eram só os olhos o condão d'esta mulher? Diante de Deus todos somos iguaes! Na alma se quizerem, e o Creador lá se avenha com os que o injuríam assim; mas que desigualdade diante do divino artista! Lembra-me que a um lado de Rachel estava uma menina de olhos vesgos; do outro lado uma senhora com um nariz impio; mais longe outra menina em torturas para esconder quatro dentes enclavinhados; além aquell'outra franzindo os labios, e exercitando uma laboriosa mechanica do sorriso para corrigir a natureza que lhe dera uma bocca limitrophe das orelhas. E ella, Rachel, toda primores, a estremecida creatura, com uma luz serena de céo n'aquella face em que se espelhava o seu Creador, o Deus que nos fez para a adorarmos, a

rever-se n'ella! Abençoada sejas tu de todas as venturas, que tão perfeita és, tão cheia de tua belleza, tão digna dos thronos da terra, já que o Creador, o teu Pygmaleão, te não arrebatou para si! Onde está, ó Senhor Deus das maravilhas, o homem digno d'aquella obra tua, aqui posta entre nós que apenas temos thronos, imperios, talentos, epopeas, as riquezas da Asia, e o sangue das nossas veias para lhe offerecer! De que barro, ó mão divina, fizeste o homem que ha de primeiro embriagar-se nos aromas que recende aquella virgem? Onde está o homem que...

O homem elle aqui está. E' o senhor Manuel Pereira. Já quinou tres vezes. Feliz no jogo, infeliz no amor; é certo o proverbio... até com elle!

Manuel Pereira tem cincoenta e cinco annos! estatura mean, cabeça quadrilatera, e plana como um queijo do Além-Tejo desde o occipicio até á cisura do coronal. As arcadas zygomaticas (vejam um compendio de anatomia comparada) entestam com o rebordo esponjoso dos olhos arrastando cada uma para o seu lado a venta correspondente que termina em fórma de fava. O nariz não tem cannas; parece que é formado de parafusos. Começa do centro da testa por uma verruga, transforma-se em lobinho, ladea em pequenos abcessos escarlates, e pega no beiço superior, repuxando por elle de modo que o dono não póde exercitar as funcções olfactorias sem enviezar o beiço. Este nariz ha-de ser lithographado e distribuido aos assignantes, concluido o romance. O nariz é o homem. Quem o vir organisa o complexo de Manuel Pereira, como

Cuvier recompunha o reptil iguanodo, e o megaterio.

Temos á roda da mesa a sr.ª D. Marianna e quatro filhas. E' de notar em Rachel o typo perfeito d'aquella familia. A mãi, senhora de quarenta annos, é bonita ainda. Se a perfeição das raças é admissivel, nunca mais sensivel foi a gradação do aperfeiçoamento como entre D. Marianna e Rachel. Das outras filhas, uma é formosa, se bem que já ferida da tisica, que d'ahi a mezes a levará para o lado de uma sua irmã que a mesma enfermidade matou, quando lhe sorriam duas primaveras, a das flôres, e a dos prazeres da vida. Outra é uma linda criança de doze annos, com os olhos de Rachel. A que porfia em belleza desvantajosamente com a mais bella é já casada, e tem vinte annos. Ha uma outra de aspecto vulgar, posto que o não pareça entre outras que não sejam suas irmãs.

Bernardo Joaquim Ferreira, o pae d'estas lindas meninas, tem uma agradavel physionomia de homem de cincoenta annos, e maneiras polidas, sem embargo do trafego commercial em que labuta desde rapaz. Revela a esperteza ordinaria na sua classe, temperada pelo uso da boa sociedade em que desbravou as rudezas congeniaes, e as adquiridas nos seus primeiros annos.

A'cerca d'esta familia, outras miudezas seriam intempestivàs agora.

Saudemos com lagrimas a entrada de Rachel n'esta historia, que principia desde hoje a tomar as proporções d'um escandalo monumental.

XIX

— Não sabes quem hoje me escreveu? — disse D. Marianna a Rachel, terminada a partida do quino? — A minha Antoninha do convento.

— Sim? que novas lhe dá ella do filho? A mãi disse-me que a pobre senhora vivia muito consternada com a paixão do rapaz pela tal Silvina.

— Segundo me ella diz, continuou D. Marianna, o pobre Jorge está enfeitiçado, e cuida ella que a maneira de o desenguiçar é mandal-o para aqui, a fim de elle, á vista do comportamento de Silvina, se desenganar. Acho exquisito o remedio.

— O remedio é efficacissimo, sr.ª D. Marianna — disse o litterato. — O que a mim me espanta é ser uma senhora quem o receita. O fim da sua amiga é fazer com que o filho se sinta aviltado por amor de uma mulher ridicula. O amor rompe todos os tropeços, transige com muitos defeitos e mesmo vicios da pessoa ou... cousa amada; mas

da mulher escarnecida é que não ha cegueira que o aproxime.

— Conhece a tal Silvina de Mello? — disse Rachel.

— Já a encontrei em algumas partidas na Foz, minha senhora.

— Que idéa faz d'ella? A sua apreciação deve chegar-se muito á verdade.

— Pareceu-me, respondeu o poeta, que era galante, e até mesmo esperta. Ouvi-a declamar acrimoniosamente contra uns folhetins que denomina *Felizardas* as senhoras provincianas, e pasmei da imprudencia com que desprimorou as damas portuenses, chacoteando-as por um lado que é justamente a meu ver, o mais vulneravel da fidalga do Minho...

— Qual é?—interrompeu Rachel com vivacidade.

O jornalista, reconhecendo a inconveniencia da resposta ajustada, fez, como por disfarce, esta pergunta:

— Não é certo estar tractado o casamento da tal senhora com um commendador fulano de tal Andraens?

— Assim dizem — respondeu D. Marianna — pelo menos cuido que...

— Parece-me que não é anno de fortuna para ella... atalhou o sr. Manuel Pereira, coçando a verruga media da aza esquerda do seu nariz,

— Por que? — disse Rachel olhando de travez o marido.

— Por que o meu amigo commendador, desde que foi o baile do visconde dos Lagares, nunca

mais se levantou, e vai cada vez a peor. O homem já soffria molestia interior, e comeu tanto á ceia, que esteve a rebentar-lhe a tripa... Ainda ha quem queira bailes!... Se elle estivesse em sua casa...

Rachel, prevendo que seu marido aproveitava o ensejo para uma enfadosa e desconchavada diatribe contra os bailes, cortou-lhe logo o fôlego comprido das tolices com esta fina ironia:

— Nem toda a gente leva aos bailes as tripas dos teus amigos... Com que então — continuou ella, voltando-se para o jornalista — o amor não será capaz de vencer a indigestão do noivo?

— Segundo ouço ao sr. Manuel Pereira — respondeu o litterato em tom lastimoso — a gentil menina está em risco de vêr o coração, que tão caro lhe era, romper-se, batido pelas explosões do estomago que rebenta, deixando a seu dono a gloria de morrer como Tito.

Rachel e uma das irmãs sorriam; Manuel Pereira desconfiou do riso da mulher, e disse mal encarado, com o nariz já roixo:

— Se elle quizesse mulher tão bonita e mais rica que ella, não lhe faltavam por ahi ás duzias.

— Ninguem contesta o dito de v. s.ª — redarguiu o escriptor.

— Mas o senhor parece que está caçoando com o meu amigo... — tornou Manuel Pereira.

— E' injusto o cavalheiro. Eu se tivesse quatro irmãs dar-me-ia por ditoso se o seu amigo quizesse casar com todas quatro, e lamento não saber o segredo de um tal Lucius que Plinio viu transformar-se em mulher; por que se me eu podesse fe-

lizmente mudar em mulher, havia de galantear o amigo de v. s.ª, e morrer de amores por elle se uma indigestão rival m'o arrebatasse.

Rachel soltou uma risada contagiosa: riram todos, salvo Manuel Pereira, cujo nariz reluzia ao reflexo da luz, em differentes côres desde o açafrão até ao talo da couve lombarda.

O jornalista continuou, fallando para D. Marianna:

— Tive tambem occasião de conhecer no hotel da Aguia d'Ouro o filho da amiga de v. ex.ª Fallei com elle, e fez-me bem o perfume d'aquelle coração em flôr. Que candura, que adoravel innocencia a dos vinte annos de Jorge... creio que se chama Jorge! E, ao mesmo tempo, que singularissimo typo de rapaz eu conheci com elle, e todos os dias encontro por ahi atraz de uma prima de Silvina, e de um tal Guimarães, linheiro, ou pregueiro, ou cousa que o valha... Que homem se fará d'alli, se o céo o não leva d'este mundo e d'esta sociedade que tanto precisa de um cenaculo d'aquelles apostolos! V. ex.ªs de certo não conhecem Leonardo Pires de Albuquerque, fidalgo da Maya, descendente de D. Martim Pires da Maya, que gerou D. Pedro Pires, que gerou D. frei Martim Martins, mestre da ordem do Templo no seculo XIII? De certo não conhecem...

— Nem é preciso conhecerem — exclamou Manuel Pereira — E' um patife, que concorreu muito para a doença do meu amigo Andraens!

— Eu não pensava — replicou o poeta — que Leonardo Pires era um alimento indigesto!... Se bem

me recordo, v. s.ª disse ahi que a enfermidade do sr. Andraens era uma indigestão!

— Como de facto; mas, pelos modos, o tal brejeiro insultou-o no baile, o homem atrigou-se, e sahiu cá para fóra afflicto, e nunca mais foi bom.

— Não sabia isso; apenas me disseram que elle recommendára ao sr. Andraens que não comesse tanto; e quer-me parecer que este conselho, longe de ser insultuoso, tendia a prevenir a indigestão fatal que se deu.

— Deixemo-nos de contos... — instou o marido de Rachel.

O sorriso d'esta era já forçado por vêr que o jornalista não tinha a cortez caridade de conter as ironias que Manuel Pereira não percebia.

— E D. Antonia que diz, mãi? — interrompeu Rachel.

— Diz que Jorge Coelho vem para esta casa.

— Para esta casa?! — acudiu Manuel Pereira abrindo a bocca, e arregaçando o nariz até á testa.

— Não tenho n'isso duvida nenhuma — respondeu Bernardo Joaquim Ferreira, que tinha sahido e voltára momentos antes. — E dou-te parte, Marianna, que Jorge já está na hospedaria, e não sei se será dever meu ir já buscal-o esta noite. Aqui tenho um bilhete d'elle, pedindo-me que o desculpe de não vir directamente aqui.

— Como ainda é cedo, disse D. Marianna, podes ir buscal-o. O quarto está preparado. A mãi descreve-m'o n'um estado tal de amargura que eu tenho pena de o deixar sósinho na hospedaria.

— Mas ha um inconveniente — redarguiu o sr.

Bernardo. — Tenho gente no escriptorio á minha espera para liquidar umas contas, e não posso deixal-as para ámanhã, que os negociantes são da provincia, e partem de madrugada. Se o sr. Pereira tivesse a bondade de ir á Aguia de Ouro...

— Homem, eu a fallar-lhe a verdade — disse Manuel Pereira — tenho aqui n'este pé direito uns callos que me não deixam dar passada; se não da melhor vontade; mas, sempre lhe direi o que penso com respeito á vinda d'elle para aqui. Eu não sei o que me parece metter n'uma casa onde ha meninas novas um peralvilho que não gosa dos melhores creditos, e que de mais a mais é amigo do tal Pires, que ha de cá vir onde a elle, e o mundo pega logo a fallar pr'aqui, pr'acolá, e ás duas por tres... Em fim, meu sogro lá sabe o que faz...

D. Marianna replicou com vehemencia:

— O sr. Pereira não ouviu dizer aqui a este senhor que o filho da minha amiga era um moço muito digno?!

— Todos elles são muito bons, mas em minha casa é que elles não põem o pé. — Disse Manuel Pereira, e fez menção de procurar o chapéo.

Rachel relanceou sobre o marido um olhar severo. O escriptor fazia figuras geometricas com as marcas do quino. As meninas olhavam-se entre si com sorrisos rebeldes á prudencia. O bom Ferreira, apesar da sua superioridade relativa de sisudeza e bom senso, não deixou de vacillar ao choque das reflexões do genro. D. Marianna, porém, voltando-se com energia para o jornalista, disse-lhe:

— O senhor faz-me um favor dos que se pedem sem embaraço a um amigo antigo?

— Faça-me a honra de mandar-me, minha senhora.

— Tem a bondade de ir á hospedaria, e acompanhar o filho da minha amiga, o filho d'uma senhora a quem eu devi na minha mocidade o que não posso pagar-lhe d'outro modo?

O jornalista ergueu-se, e disse, tomando o chapéo:

— Se elle estiver doente, ou na cama fatigado, mandarei um bilhete para que o não esperem. Até já, ou muito boas noites, minhas senhoras.

Sahira o jornalista, e D. Marianna enxugando lagrimas que não tinham na apparencia muito cabimento alli, fallou assim:

— Eu nunca disse a minhas filhas os favores que devo á mãi do meu hospede; escutem-me, e depois dirão se o filho de tal anjo não será digno de ser recebido como seu irmão. Eu fiquei orphã e pobre aos onze annos. Entrei nas ursulinas de Braga, entregue á caridade da prelada, que me achou com habilitações para ser uma simples criada grave de convento. D. Antonia de Sepulveda tinha tambem entrado, n'essa occasião, e era rica. Tratei-a com respeito, e ella a mim com familiaridade, para chegar ao fim de me offerecer metade da sua mezada, e habilitar-me a ser senhora entre as outras, que me olhavam com desestima, e com a falsa piedade das ricaças do convento. Aceitei os favores da minha amiga, e tão suave era o dever-lh'os, que nunca me julguei devedora, se não depois que vim a esta so-

ciedade conhecer o valor dos beneficios que recebi de Antonia. Vivi cinco annos á sombra da generosidade d'ella: prendei-me á sua custa, instrui me com ella d'essa apoucada educação que nos davam no convento; e já depois que a minha amiga sahiu para casar obedecendo ás ordens de seus paes, continuei a receber as mezadas e os presentes que ella recebia. Casei tambem passado um anno, fui feliz, enriqueci, presenteei-a, mas a cada lembrança de amiga que eu lhe mandava, respondia ella com os mais valiosos mimos de sua casa. Penso ha vinte e quatro annos no modo de ser util á minha querida Antonia; a Providencia depara-me agora occasião de velar as commodidades do filho d'ella. Haja ahi uma pessoa de boa fé a dizer-me que devia ser outro o meu procedimento...

— Ninguem se atreve a tanto, — disse Rachel com enfado. — Eu, se minha mãi, por desgraça nossa, não existisse, levaria para minha casa o filho da nossa amiga, da protectora de nossa mãi. Se eu tivesse um marido que me quizesse roubar o prazer da gratidão em tão pequeno serviço, amaldiçoaria a hora em que meus paes me subjugaram a tal homem...

— Não te irrites assim, Rachel... — disse Bernardo Ferreira, ferido pelas palavras da filha, que lhe apontavam direitos á consciencia, onde as fibras do remorso doiam sempre.

Entretanto, Manuel Pereira, franzindo o nariz, dilatava as ventas hediondas, por onde vaporava a zanga.

O incidente, passados minutos, foi cortado por

um bilhete do escriptor, dizendo que Jorge Coelho pedia desculpa, agredecia extremamente a delicadeza, e convalescia da fadiga para no dia seguinte cumprir as ordens de sua mãi.

XX

O jornalista encontrou Jorge Coelho na cama, e Leonardo Pires sentado á banca. No semblante de ambos eram visiveis os signaes da altercação, que fôra interrompida pela chegada do terceiro. O filho de D. Antonia estava escarlate de febre, e anciado; o da Maya, se bem que de má catadura, esboçava distrahidamente, a lapis, uns perfis de narizes caprichosos. Jorge conheceu o litterato, e maravilhou se da visita; Leonardo Pires, mais familiarisado com o sujeito, ergueu-se, abraçou-o, e exclamou:

— Aqui está o teu medico, Jorge! o teu Christo, Lazaro!

— Temos *ecce homo*?! Dar se-ha caso que o sr. Pires — disse o jornalista sorrindo — me prepare algum calvario?... Como está o sr. Jorge Coelho? O aspecto denota inquietação...

— Não é inquietação; — atalhou Pires — é a sina

maldita d'este desgraçado que nos tortura a ambos...

— Todos temos o nosso demonio familiar, sr. Pires — tornou o escriptor — Socrates queixava-se do seu, e eram nada menos de dous os demonios do divino philosopho, sendo o peor dos dous uma tal Xantippa... Querem vêr que o sr. Jorge é energúmeno d'alguma Xantippa ideal, que... (O jornalista escreveu, e entregou a um criado o bilhete que foi recebido em casa de D. Marianna). Jorge entretanto, sorrindo contrafeito, respondia:

— Não, senhor. Eu sou apenas victima das loucuras do meu condiscipulo.

— O' cavalheiro — clamou Pires irritado — diga ahi a esse ingrato quem é Silvina de Mello. Não se trata aqui de desfolhar lindas chimeras, e matar illusões queridas. A paixão de Jorge é uma nodoa que eu quiz delir-lhe do coração, á custa mesmo do meu descredito e abominação n'esta sociedade devassa. Tenha vossê a franqueza de dizer a esta criança o que eu tenho sido, já que eu tive a boa sorte de lhe referir ao senhor as minhas acções e palavras.

O romancista achou de riso a gravidade da appellação de Pires para o seu testemunho; mas perseverou-a na seriedade que o proposito pedia, e disse:

— O sr. Leonardo Pires tem dado provas exuberantes de amisade ao sr. Coelho, verberando com prosperos sarcasmos uma menina em tudo respeitavel, menos na sua virtude.

— E' de mais! — atalhou Jorge — Póde ser que

Silvina mereça censura como inconstante, sem com isso...

— Deixar de ser virtuosa?... — interrompeu o poeta...

— Justamente.

— Não julga bem, sr. Coelho. A deshonestidade não póde ser virtude. A mulher que enfeira o coração, e o põe á concorrencia, mirando ás vantagens do pedido, poderá ser uma sagaz professora de economia politica applicada ás mercadorias do coração, mas virtuosa é que ella de certo não é. Para mim tenho que a virtude póde co-existir com a miseria da mulher perdida que não tem a hypocrisia de expôr o coração á venda; porém, quero eu que não prostituamos a palavra, que é santa, cedendo-a á que cuida cobrir as suas ulceras com o amicto de virgem. A sr.ª D. Silvina de Mello, que eu vim, depois de cinco annos de ausencia, encontrar occupando a vagatura d'outras aventureiras que eu cá deixei, é uma senhora aleijada.

— Ainda mais essa! — atalhou Pires — eu nunca dei pelo aleijão de Silvina!

— Aleijada de espirito, quero eu dizer. sr. Albuquerque. Que outro nome se ha-de dar á lamentavel enfermidade moral d'uma menina que desperta das suas illusões de infancia, esfrega os olhos, e começa a procurar em redor de si um homem com alguns saccos de dinheiro? Ha ahi nada mais torpe, mais nauseabundo na face da terra! A mulher que assim faz tem alluido a sua virtude pela base, que é a vergonha. D'ahi ávante o pudor é uma mentira, as côres que sahem ao rosto são irrupções de san-

gue como as empigens, é um mechanismo da materia que o observador encontra mesmo nos prostibulos. Que é o que bate no peito d'essa mulher, desde que a ancia do dinheiro fez d'ella um estimulo de sensações? Quando ella fallar nos affectos da sua alma, qual é de nós o que voluntariamente se immolará ao escarneo da sua propria consciencia, respondendo ás Silvinas com expressões de candura e boa fé? O sr. Jorge Coelho tem a sinceridade de me dizer se me entende?

— Entendo; mas não creio que Silvina seja a mulher que o senhor qualifica.

— Eu não a qualifiquei ainda: o que eu quiz foi a certeza de que o meu joven amigo me entendeu a theoria: agora pertence á pratica o qualificar Silvina. Está o sr. Jorge Coelho no Porto. Fez bem em vir. Isto é uma questão de tempo. Faça as suas experiencias desde ámanhã em diante; mas tenha a condescendencia de me ir communicando os seus descobrimentos. Entretanto, restitua ao sr. Leonardo Pires o bom conceito em que o tinha, que estes amigos são raros. Outro objecto. A minha commissão não era vir discutir Silvina. Eu fui aqui enviado pela sr.ª D. Marianna Ferreira e seu marido a fim de conduzir o sr. Jorge a casa d'elles, onde foi recebida uma carta de sua mãi.

— Oh! bravo! — exclamou Pires. — Temos homem!

— Não atino com o seu enthusiasmo, sr. Albuquerque! — disse o escriptor.

— Que mulheres, que mulheres tu vaes vêr, ó Jorge! — continuou bracejando o da Maya — As Fer-

reiras! a nata, a quinta essencia das mulheres bellas do Porto! E a Rachel! ai! aquella Rachel, casada com o nariz mais indecente que fez o acaso estupido, a quem o Creador entregou a repartição dos narizes! A Rachel! a mulher dos olhos de antilopa! As mais bellas carnes que ainda vestiram uma alma, se é que uma mulher d'aquellas precisa de ter alma para ser perfeita! O' Jorge, tu estás curado! Quando vires Rachel, sentirás um coração novo, um coração caldeado nas fraguas dos olhos d'ella! Eu vi-a uma vez, e creio que se a visse segunda...

—Iria á missa dos Clerigos vêl-a terceira, não é assim?—interrompeu o poeta, rindo, com Jorge, dos transportes sinceros de Pires.—Rachel é uma bella senhora, e uma nobilissima alma—continuou o escriptor gravemente.

—Mas, segundo a sua theoria—atalhou de golpe Jorge Coelho—essa Rachel é uma das muitas aleijadas que por ahi ha. Não a conheço; mas sei que ella casou com um brazileiro hediondo e rico.

—Aquelle nariz!—disse Pires.—Tambem me quer parecer que a mulher pouco vale na alma, quando contemplo o nariz de Manuel Pereira!

—E eu creio que a sociedade—tornou Jorge—não desconsidera Rachel porque ella escolheu um homem rico, podendo ter aceitado a desinteressada pobresa e o coração opulento de muitos rapazes que a cortejavam. Já se vê que a opulencia d'um sordido não desluz aos olhos da sociedade a virtude d'uma senhora que se deu por ella.

—São contos largos...—disse o romancista.—

Custa-me que o cavalheiro confunda Rachel com Silvina. Creia que offende uma martyr, sr. Coelho. Rachel supporta o supplicio de Mezencio, com a resignação que santifica a baixeza, se ella tivesse existido, e as culpas futuras, se ellas podem existir. Não levo em paciencia o aggravo feito á pobre menina. Vou contar-lhe em quinze minutos a historia do casamento de Rachel. Bernardo Joaquim Ferreira conhece o valor do dinheiro, e duvida da existencia d'umas paixões, que podem vingar e prosperar sem dinheiro.

A's filhas chama-lhe suas, e não exclue d'esta propriedade o coração. O seu pensamento fixo d'elle é casar ricas as filhas. Rachel era querida de alguns amigos meus, espiritos dignos d'ella, que lhe teriam dado a ventura, se os encontros predestinados dos espiritos não fossem o mentiroso poetar de infelizes que nunca se encontram. Um d'esses amigos, fui procural-o ao hospital de alienados, quando desembarquei ha cinco mezes em Lisboa. Conheceu-me ainda, e as primeiras palavras que me disse foram: «Morreu Rachel! A minha alma foi com ella.» Pobre moço! bem sentia elle que já não tinha alma! Depois de dous annos de loucura, por ignorados motivos, esquecido de tudo que fôra, tinha uma só reminiscencia, como se todo o seu passado se concentrasse n'ella... Vamos ao ponto, e desculpem-me d'estas intercadencias melancolicas. Os senhores não sabem ainda o que é olhar para o passado aos trinta e cinco annos, e vêr uma longa fila de espectros uns gotejando sangue, e outros lagrimas...

O poeta dissera isto tão do intimo amargurado, que nem Leonardo Pires deixou de o escutar com magoa. Jorge, já dorido de suas tristezas, não era para espantar que désse em lagrimas uma prova de sympathia á dôr alheia.

Proseguiu o romancista:

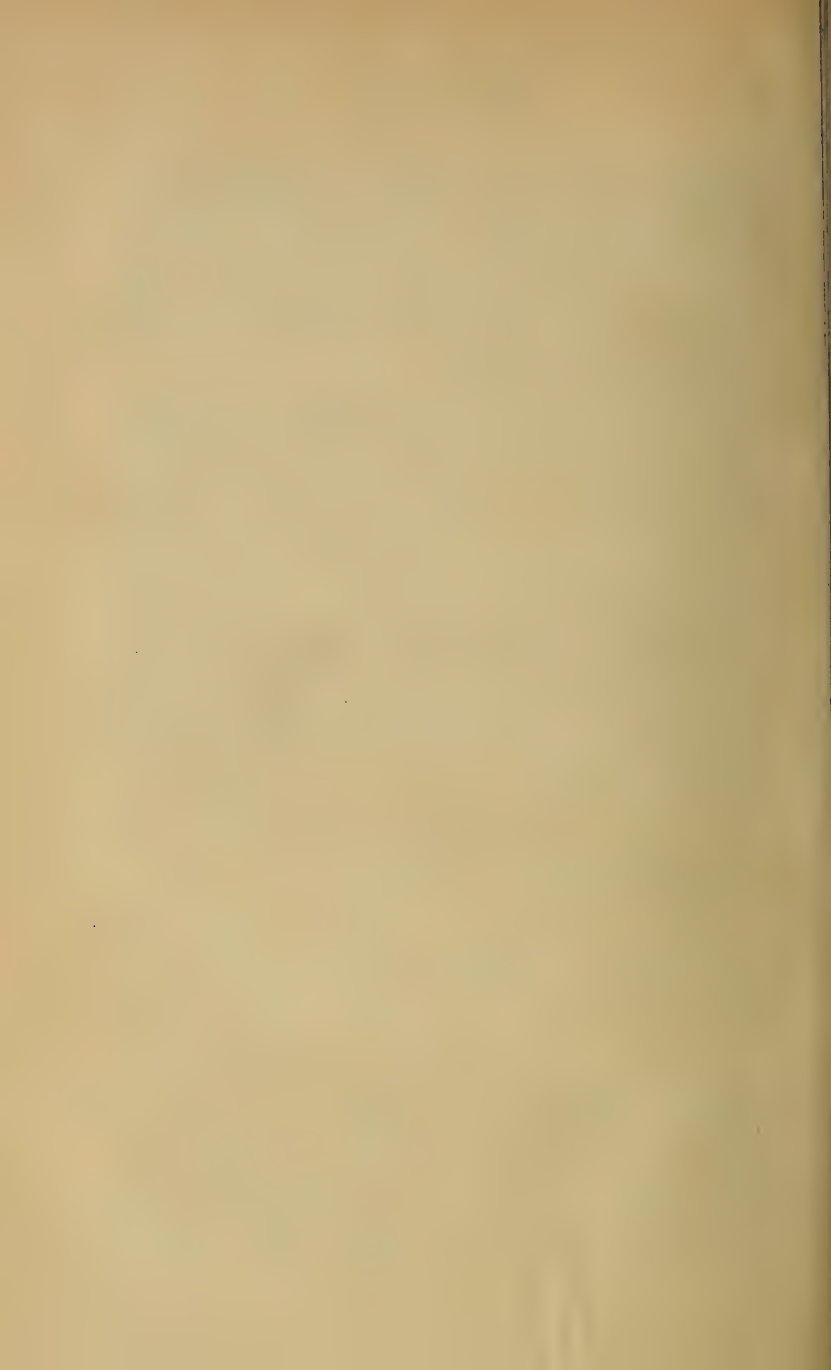
Ha seis annos eram dous os homens indicados para maridos de Rachel. Quem os indicava, e negociava com ardis, e negaças ignobeis, sobre serem immoraes, era o pai. Rachel detestava-os ambos. Manuel Pereira era um; o outro era brazileiro tambem, menos repulsivo, melhor alma talvez, e amigo do primeiro. Desde que se toparam a amar a mesma mulher, odiaram-se, intrigaram-se e depreciaram mutuamente os seus haveres, porque bem sabiam que Ferreira tinha a filha em almoeda. O primeiro que a pediu foi Manoel Pereira, abonando-se com cem contos. O segundo não dizia o seu valor. Foi o primeiro preferido, sem ser consultada a victima.

N'este tempo, Manuel Pereira entra em transacções com o governo, e perde cincoenta contos. Ferreira, sabedor da perda, acolhe de novo o outro concorrente e cede-lhe a filha. Este carecia de ir liquidar o seu negocio ao Rio de Janeiro. Mas, como a liquidação se detivesse mais d'um anno, Manuel Pereira aventura-se em especulações mercantis, estas prosperam-lhe, restaura-se das perdas, e rehabilita-se para esposar Rachel. O negogiante, que sabia o anexim do passaro na mão, receia que o outro não volte, e quebra pela terceira vez o contracto. Rachel ignorava estas asquerosas mercado-

rias. Annuncia-lhe o pai que ella é esposa promettida de Manuel Pereira. A pobre menina quer defender-se primeiro com razões, depois com lagrimas. Tudo lhe é rebatido com indifferença, ou com palavras violentas de soberania paternal. Desde o dia em que se fizera definitivamente a operação commercial dos quinze annos d'um anjo formoso, como a esperança d'uma alma pura, com um homem de cincoenta annos, sem o desconto d'alguma feição boa do corpo ou da alma, Rachel era perseguida pelo seu porco demonio de todas as horas. Se acontecia Manuel Pereira estar na sala, e a lagrimosa criança e demorava no seu quarto para encurtar as horas do supplicio, ia lá o pae buscal-a; e se as grosserias a não compelliam a aligeirar o passo, não era raro ameaçal-a de pancadas, e mesmo fazer executiva a paternal justiça. Quantas vezes Rachel entrou na sala, com as faces escarlates das bofetadas que o pae lhe dava como incentivo para saber aproveitar-se da fortuna caprichosa! Era esta a lastimosa situação de Rachel quando eu fui para o Brazil. Recordo todas as palavras que a formosa criança me disse a ultima vez que fallamos.
— Tenha animo para a obediencia — disse-lhe eu — Bem póde ser que Deus a remunere d'essa virtude com imprevistas felicidades.

— Eu dou por terminada a minha vida — respondeu-me Rachel com os olhos enxutos. — Tenho quinze annos, e ha tres mezes que olho para a minha existencia, como se ella fosse já longa de trabalhos. Os paroxismos hão-de ser rapidos. Sei que nem eu nem alguma de minhas irmãs podemos

sobreviver á mocidade. Estamos todas feridas da mesma morte. D'aqui a pouco lançarei o coração em golfadas de sangue, e meu pae não terá remorsos de ter cooperado para a minha morte, por que elle já viu dous irmãos meus cahirem no verdor dos annos na sepultura onde cahiremos todos. Vá, que não me torna a vêr...

Eu sahi de ao pé de Rachel, com o coração opprimido, mas contente de mim porque chorava as primeiras lagrimas, depois d'outras que eu julguei serem as ultimas... Rachel casou. Não morreu. Mentiu-lhe o anjo que fallava áquella sua innocentissima alma. Vive. E' uma agonia sem nome... O quarto d'hora já lá vai. Agora, meus amigos, não venha mais o nome de Silvina como um escarro á face de Rachel. Até ámanhã, sr. Jorge. Depois d'estas reminiscencias, eu tenho um singular coração que se brutifica, e uma alma que detesta a sociedade. Boas noites.

XXI

Cuidava o leitor que estava livre do sujo José Francisco Andraens; do estouvado Leonardo Pires; do nariz de Manuel Pereira; da erudição mythologica de fr. Antonio; do mettediço jornalista; da fidalga de Margaride, adeleira fraudolenta do seu roto coração; da Francisquinha da Cunha, promettida esposa do linheiro das Hortas; do morgado de Santa Eufemia, rival do Andraens; do Egas de Encerra-bodes, illustrissimo sangue neogothico; de Jorge Coelho, alma pura e candida e apaixonada até enfastiar o bom siso de quem nos atura, a elle e a mim; e, finalmente, de Rachel...

Ai! não me digam que estavam enfastiados de Rachel!... As lindas mulheres só enfastiam os seus maridos, e desagradam ás mulheres feias. Parece que a propria moral, severa como a directora d'um collegio, se compraz ás vezes de as vêr louquinhas, se o ellas são. A belleza é o poder moderador dos

delictos do coração. Uns lindos olhos são a mais commovente rhetorica em defeza das culpas que a intolerancia lhes assaca. Um braço gentil, que descuidosamente se denuncia nu, abala o animo do juiz austero com mais vehemencia que a mimica de Hortencio e Mirabeau. O sorriso discreto, se não é bem despreso nem expressão de orgulho da culpa, abranda e enternece mais o peito abroquelado de indifferença, que a lacrimosa peroração dos que vingam apertar com os cilicios da piedade o coração de um jury.

Mas a que proposito cahe esta especie de defeza de Rachel?! Peccou ella, por ventura? Não, minhas senhoras. Rachel tem um só peccado de fraqueza; foi optar pelo marido, entre o marido e o suicidio. Desceu ao plebeismo das outras, que lhe haviam dado o exemplo da renuncia de si proprias, podendo afidalgar-se e ser unica pelo heroismo de se entregar á justiça de Deus, fugindo ás injustiças do mundo. A morte moral, que a sociedade inflige ás malfadadas, que a cupidez de um pae acorrentou a um marido abominavel, se o coração em phrenesis rompeu o grilhão, é mais dolorosa que o suicidio tantas vezes, quantas são os repellões que a sociedade lhes dá até as engolfar no abysmo sem sahida.

Querem dizer-me que Rachel, se tivesse aceitado o beijo da morte, e fugisse ao beijo marital de Manuel Pereira... (um beijo de Manuel Pereira, com aquelle nariz na vanguarda... santo Deus!) ninguem se lembraria do seu heroismo a estas horas? Dizem mais que o desdem da gente séria, e a cen-

sura da gente religiosa, e a irrisão da gente parvoa, e o contentamento de outra que Manuel Pereira iria escolher, entre mil, n'esta grande feira, fariam do suicidio de Rachel assumpto de reprovação e de affronte á sua exquisitice? Tambem o penso assim. Estou que ninguem já hoje se lembraria do pobre anjo que fôra queixar-se a Deus de o terem querido despir de suas pompas, de suas flôres, de sua aureola, de sua virginal pureza, para o prostituirem aos regalos d'um satyro revelho, que perdeu alma e coração no grangeio da riqueza, com a qual vem mercar um recreio para a sensação do corpo, abrazeado na vida ociosa! Ninguem se lembraria da nobre alma, que preferira deixar as graças do corpo aos vermes, para o não dar ao cêvo de uma besta-féra. Assim é; porém, se uma vez Rachel voltar o rosto de enojada do cadaver a que a prenderam; se a força, que o coração lhe fizer, tiver comsigo a força do exemplo bem succedido e quisto da sociedade; se o seu fragil batel de virtude, forçada e violenta, se desconjuntar e abrir, rebatido pela tempestade das paixões; se em fim, aquella honra, a constrangimento, e não de vontade aceite, se fôr a pique, a sociedade que dirá?

A sociedade — replica o leitor que a conhece e se conhece — a sociedade faz-se desentendida por cortezania: por conveniencia; porque sabe a historia do olho com trave, que se abria espantado de vêr uma aresta no olho alheio. A sociedade fez uma convenção tacita, de que é fiador a civilisação. Em substancia, este contracto social dá os seguintes resultados:

1.º Respeitar a liberdade do coração humano, sem prejuizo do soalheiro das salas, em que é preciso entreter o tempo, e fingir a gente que não conhece senão as pessoas que estão fóra das salas.

2.º Fingir, outro sim, a gente que está convencido da tolice dos outros, para que os outros nos tenham em conta de boçaes de boa fé, e não de espertos sem pudor. Dá-se um exemplo em hypothese: tal marido sabe que o mundo o lastima ou moteja; mas como a lastima e a irrisão cauterisam, sem curar, a chaga do vilipendio, o lazaro finge-se de optima saude, e aproveita occasião de gemer pela molestia do seu amigo, gafado da mesma lepra. Estes dous homens, se se topam, e fallam da corrupção social, voltam as costas a rir um do outro, e vão cada qual por seu lado, espalhando a risada contagiosa.

3.º Não perdoar o que se chama «escandalo.» Escandalo é não ter a sagacidade da hypocrisia, e o despejo de injuriar o senso publico, tratando-o de nescio. Escandalo é tomar a serio as brincadeiras do coração, e vir dar alguem á sociedade uma prova de que despresa o contracto social. Escandalo é cahir da prostituição legal á honra do coração, que cuida ennobrecer-se e regenerar-se, victimando o nome, o estado, e o que a inveja chama fortuna, ao goso de conhecer a liberdade na miseria. Escandalo, a final, o escandalo maximo e abominavel e imperdoavel é a mesma miseria.

A sociedade sabe que o crime é um dos elementos da ordem das cousas, e julga-o um mal necessario, sem o qual não haveria bem-aventurança nem inferno, nem anjos, nem demonios, e Deus seria

inutil por não ter que fazer, visto que os theologos lhe não attribuem occupação que não seja julgar, premiar, condemnar, e perdoar, segundo lhe pedem, ou conforme a sua espontanea misericordia quer. Ora, sem o crime, este complicadissimo funccionalismo, cujo presidente é o Creador do céo e da terra, do mar e do sol, da avesinha que regorgeia nas moitas, e do leão que atrôa os desertos, do homem como Alexandre e Napoleão e do homem como José Francisco Andraens, e Manuel Pereira... dizia eu... eu! eu não dizia nada: quem dizia que o crime é necessario era o jornalista, amigo de Guilherme do Amaral, conversando na «Aguia d'Ouro» com Jorge Coelho, alguns dias depois do encontro em que os vimos no capitulo ultimo da primeira parte d'estas biographias.

Vamos agora á historia.

Achou Jorge em casa de D. Marianna Ferreira o seu quarto e sala adornados com muito aceio e selecção. Melhor que isto, era o gosto de se vêr acolhido sem estranhesa nem demasias de cerimonia. Os filhos e filhas de D. Marianna, logo ao segundo dia, o tinham como pessoa da familia, e porfiavam em divertil-o d'aquelle geito de tristeza, que era natural, e das abstracções penosas, que tinham a sua razão de ser na dôr do coração.

D. Marianna, senhora algum tanto despreoccupada do artificio, que tão preciso é, chamado delicadeza, logo que Jorge lhe deu uma aberta, fallou na paixão, que o seu hospede tinha por Silvina, e nos desgostos, nascidos d'esse louco amor, para a sua querida Antonia.

D. Marianna, em termos desabridos, disse de Silvina o que era notorio, e talvez lhe exagerasse os defeitos. Jorge escutou-a respeitosamente, e ao mesmo tempo admirou-se de ouvil-a assim fallar na presença de suas filhas, que todas estavam presentes, salvo Rachel, a quem elle não tinha ainda visto.

Lembrado está o leitor de ter sahido Manuel Pereira zangado de casa de sua sogra, porque a maioria lhe rejeitára o parecer de não ser recebido Jorge em casa d'aquella. Como Rachel sahisse então da sua paciente annuencia aos votos irracionaes do marido, este, mal afeito a ser contradictado, protestou convencer a mulher e a sogra de que não queria relações com tal sujeito.

No dia seguinte, ao abrir da manhã, mandou preparar alguns bahus, entrou n'uma carruagem com Rachel, e foi conduzil-a a uma quinta, seis leguas distante do Porto, nas immediações de Barcellos. Quizera a submissa senhora despedir-se de sua familia; mas Manuel Pereira, franzindo as verrugas do nariz, e enviezando o beiço na sua ordinaria expressão de zanga, atalhou as intenções da saudosa Rachel, dizendo que a mulher casada não tinha familia senão seu marido. E Rachel, fitando os olhos coruscantes de raiva no nariz do esposo, disse com o fel do coração nos labios, que sorriam sardonicacamente:

— Deus te livre que eu alguma hora me esqueça de que tenho uma familia, que não é meu marido... Se lhe eu perder o respeito a ella, se os estimulos de minha exemplar mãi me faltarem, tu verás então que eu não tenho outra familia.

O marido, arregaçando os musculos businadores, e as azas nasaes com elles, regougou:

— Põe lá essas doutorices em miudos, que eu não te entendo.

— Se me tu entendesses — redarguiu Rachel — nunca me forçarias a fallar assim á tua ignorancia.

Manuel Pereira cascalhou uma risada de velhaco, e coçou-se atraz da orelha esquerda.

Não se trocaram palavra no decurso de seis leguas. Rachel ia linda pelo escarlate da sua colera; e Manuel Pereira bufava, quando não cabeceava de somno jogando contra o hombro de sua mulher.

A gentil senhora, a espaços, encarava no marido, e dizia entre si:

«Que destino o meu! Este é o homem, que me deram para a vida! Querem que seja d'este homem o meu coração! Ter uma só existencia, e curta como ha-de ser a minha, e hei-de sacrifical-a toda a esta cousa que vale duzentos contos de réis!

«Que aproveitou meu pai d'este monstruoso enlace? Que lucrou este homem em se aviltar para me chamar sua, se elle mesmo conhece que lhe obedeço abominando-o? Mas eu não devia soffrer, porque Deus bem sabe que fui levada de rastos, e que me perdi por ser boa filha, e me tenho atormentado para ser uma victima obediente dos calculos de minha familia! Calculos! quaes, e de que serviram? Quem foi feliz com elles?!...»

Estes mentaes soliloquios eram cortados por algum ronco pavoroso, ou espertar estremunhado do negociante de couros, quando não era uma pancada

da mão esponjosa que algum sonho sacudia ao peito de Rachel.

Chegaram ao seu destino, e pouco depois as cargas da bagagem, e as criadas de Rachel. Manuel Pereira passou na quinta aquelle dia e o seguinte; ao outro, voltou para o Porto a fim de fazer uma carregação de couros, e activar uma leva de escravos brancos para o Rio de Janeiro.

Rachel, á hora crepuscular da noite d'esse dia, foi sósinha sentar-se nas escadas do cruzeiro, que defrontava com o portal da quinta, e então chorou as lagrimas represadas em tres dias de exasperada angustia.

Como tu serias linda alli de uma formosura do céo, Rachel! Qual Magdalena mais linda inventou o buril aos pés da cruz misericordiosa! E se anjo tu eras de purissima alma; se as mesmas lagrimas te depuravam de intenções culposas, que alegria não seria a do teu Creador, vendo-te assim incontaminada, com menos ventura que muitas que não tinham no coração uma fibra incorrupta!

Se a essa cruz voltares, n'outra tarde, a pedir perdão da queda, hão-de os anjos chorar-te, ó Rachel; mas pedirão a Deus que te leve para si e para elles, como se houvesses cumprido immaculada o teu desterro do céo.

XXII

José Francisco Andraens venceu a morte, que lhe entrára no buxo, disfarçada nos dez pombos, que elle ceiou, em casa do visconde dos Lagares.

Das recahidas é que ia sendo impossivel salvar-se. Quando a medicina lhe empunha um caldo simples com meia onça de pão esfarelado, José Francisco desfazia meia gallinha na tigella. A inflammação gastrica reaccendia-se-lhe nas cavernas, e a morte voltava de novo a espremer-lhe os succos das tres barrigas até descorçoar rebatida pela brutal compleição. A final nem a medicina pôde acabal-o!

Ergueu-se José Francisco algum tanto abatido, um pouco pallido, quebrado de vista, e mal seguro das suas pernas zambras. Deu um passeio de carroção até á Foz, e almoçou com appetite. Voltou no dia seguinte, e almoçou duas vezes. Cubiçou pescada, por que a viu sahir das redes, e mandou cozer uma com cebolas e batatas. Depois de jantar,

dormiu um somno de justo, com a barriga repleta, (cousa que não succede muitas vezes aos justos) — e sahiu de tarde a tomar a fresca em Carreiros, onde a fortuna lhe deparou uma vendedeira de manjares brancos e pasteis de Santa Clara, que lh'os vendeu todos a olho, e elle comeu, empinado sobre um penedo sobranceiro ao mar.

Tomada a refeição, José Francisco limpou o suor da papeira, e lambeu os beiços pulverisados do assucar dos pasteis. Depois descobriu a cabeça á bafagem fria do oceano, cruzou os braços em postura de quem medita, e pensou assim:

— Como isto é tamanho! Como se faria o mar? Por que será que o mar cresce e minga? Quantas pescadas haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca se acaba!

Entrava José Francisco na solução d'estes problemas, quando a linha do seu horisonte foi cortada por um barco a vapor. Topetaram então com o sublime do engenho humano as suas meditações:

— E o vapor!? — dizia elle — Sempre os homens tem idéas! Pelos modos o que faz girar as rodas é o fumo do carvão! Uma cousa assim! E como a gente come boa carne a bordo d'um vapor inglez! Bons tempos eram aquelles em que eu viajava, e comia tanto, sem me sentir enfartado como agora que qualquer cousa me trabalha cá no interior!...

Estas considerações entristeceram José Francisco, e o espectaculo do oceano enfastiou-o. Ergueu-se, desceu do seu throno de caranguejos e algas, e foi dar alguns passeios na lingueta de pedra, onde então passeavam muitas familias.

Entre estas estava Francisca da Cunha conversando com Antonio José Guimarães, o linheiro; e Silvina de Mello procurando conchinhas na praia.

O linheiro foi comprimentar o commendador, e D. Francisca chamou a attenção da prima.

José Francisco, logo que viu Silvina, perdeu a cabeça.

E' preciso explicar o que o leitor já devia saber, se esta historia fosse contada com mais arte.

Quando Andraens cahiu doente, Silvina mandou saber do seu estado, e teve quem lhe assegurasse que o illustre enfermo succumbiria ao typho, resultante da gastrite. Ao mesmo tempo, disse-lhe alguem que José Francisco fizera testamento, sendo uma das verbas testadas aos seus parentes de Cozelhas a quantia de um conto oitocentos e vinte e cinco mil e sessenta réis, de que lhe era devedor Pedro de Mello, declarando a quinta hypothecada ao pagamento da quantia, e juros da lei.

Silvina não mandou saber do homem; e Pedro de Mello, que viera ao Porto para apressar o casamento, tão indignado ficou da avareza do moribundo, que deu louvores a Deus de matar a tempo o villão, para que sua filha se não conspurcasse na lama de tal javardo. Era o sangue escandecido do sargento-mór d'Amarante que refervia nas veias do neto. E, ao mesmo tempo, como o morgado de Santa Eufemia andasse ahi nas ruas do Porto, exhibindo um rosto de amargura e uma gravata verde-gaio com alfinete de cabeça d'ouro rendilhada, Pedro de Mello disse á filha que seria prudente não dar de mão ao morgado, porque lhe constava que o pai

tinha soffrido um insulto apopletico, e não poderia viver longo tempo.

Silvina, anjo de submissão, accedeu á vontade paternal, e trocou algumas palavras com Christovão Pacheco, quando ambos immergiam no mar, e recebiam a unção conciliadora da mesma onda. Succedeu assim o caso em que pegou o desamuarem-se:

O morgado, ao approximar-se a onda, dava urros, e mettia-lhe a cabeça com furioso impeto, perneando fóra d'agua. Como Silvina estivesse perto d'elle, viu que o sapato d'ourêlo n'um d'esses pinotes de arlequim maritimo, lhe saltára de um dos... dous pés — digamos dous pés por deferencia á historia natural. — E, quando o sapato, entumecido de agua, ia ao fundo, Silvina disse á banheira que apanhasse o sapato do cavalheiro. A tempo foi isto que o morgado o andava procurando á tona d'agua; e, como ouvisse a magica voz da dama, e visse o sapato na mão da banheira, que lh'o atirava a elle, Christovão, bem assombrado, disse a Silvina:

— Obrigado á sua attenção, minha senhora!

— Não tem de quê — respondeu Silvina, sorrindo. — Porque não toma o senhor o seu banho mais quieto?

— Gosto d'isto assim; — respondeu o morgado.

— Eu cuidei que era o nervoso que o obrigava a dar cambalhotas na agua.

— Nada, não é, minha senhora; é que eu gosto de brincar com o mar; com o amor é que eu já não brinco.

— Nem deve brincar, porque o amor gosta de

ser tratado seriamente; e o senhor zomba com as victimas d'elle...

— Eu é que zombo, minha senhora!... Não perca esta onda, que é boa.

O de Santa Eufemia arremetteu com a onda, e fez proezas de natação, deixando-se ir de costas no dorso da vaga, que o levou á praia.

Como Silvina sahisse do mar, o morgado sahiu tambem, vestiu-se, e esperou, disfarçadamente, a sua mulher fatal. Sahiu Silvina da barraca, e deu de rosto com Christovão Pacheco. Sorriu-se, e respondeu á cortezia do fidalgo de Freixieiro. Deu alguns passos, procurando Francisca da Cunha; e, como a visse entre duas barracas protectoras conversando com o linheiro, sentou-se a um recanto, sósinha, e meditativa. O morgado sentia caimbras nas pernas e saltos do coração. Girava em roda d'ella, puxado por magnetismo irresistivel. A final fez ao seu acanhamento o que fazia ás vagas: metteu a cabeça, e foi.

Silvina recebeu-o agradavelmente, e conversou com elle um quarto de hora. D'esta conversação resultou ficarem convencionados para tomarem o banho juntos no dia seguinte, e assim nos oito dias que decorreram.

José Francisco Andraens convalescia da ultima recahida, quando teve a noticia da deslealdade de Silvina. Desafogou no seio do visconde dos Lagares, e deu procuração para ser demandado Pedro de Mello por um conto oitocentos e vinte e cinco mil e setenta reis, e juros da lei. Com estes acontecimentos coincidiu a ida do commendador á Foz, e

o seu encontro com Silvina em Carreiros. Agora está dada a razão de ter perdido José Francisco o tino, quando a viu á cata das conchinhas.

— Ó prima Silvina — disse Francisca — olha que está aqui o senhor commendador Andraens.

— Bem se lhe dá ella que eu esteja aqui ou em casa do diabo — disse com ira e amargura José Francisco.

Silvina avisinhou-se do grupo, e disse serena e em tom severo:

— Folgo muito em vêr restabelecido o credor de meu pai. Ser-me-ia dolorosa a sua morte, por muitas razões, sendo a primeira o receio de vêr meu pai soffrer alguma penhora a requerimento dos herdeiros do senhor commendador.

José Francisco respondeu com promptidão sem mudar de côr:

— Quem deve, paga. E' como é. A senhora esperava ser minha herdeira?

— Não, senhor; esperava merecer-lhe a considecão de mulher que estivera para ser sua esposa. Esperava que o senhor não andasse jogando entre mim e meu pai com um punhado de ouro, que não vale para mim este punhado de conchas. Esperava, finalmente, que o sr. José Francisco Andraens não viesse por si mesmo certificar a conta, em que é tido, de possuir uma riqueza que é o seu flagello, e o das pessoas a quem empresta uma migalha das suas sobras. O senhor, logo que se viu em perigo de morte, esqueceu-se de que eu me tinha desembaraçado de todos os obstaculos para ser sua mulher, e testou a insignificante divida de meu pai

para morrer sem deixar saudades a alguem n'este mundo. Desde que v. s.ª praticou semelhante baixeza em que conceito queria que eu o tivesse?

José Francisco tartamudeou esta resposta:

— Eu não estava escorreito do miolo quando fiz o testamento. Lá foi o meu amigo visconde que arranjou tudo, e eu assignei sem dar tino de mim. Se offendi o senhor seu pai, queira perdoar.

Não ha que vêr: Silvina era a mulher fatal de tres corações, que por ella andavam perdidos. Andraens, como a visse e ouvisse, perdia a consciencia da sua dignidade, e—o que mais é para assombro — a consciencia de credor. Quanto mais arrogante Silvina lhe castigava a natural grosseria, mais escravo se humildava José Francisco. Fulminava-o a electricidade dos olhos d'ella, e tinha a sua voz um encanto, que faria lembrar o da magica da Colchida, se elle não fosse pôrco, antes de ouvil-a. Pasmava elle do feminil predominio d'aquella mimosa mulher que o sopesava; mas este espanto era submisso, e a submissão amor, que os romancistas chamam o fatidico, o predestinado, o invencivel.

Antonio José Guimarães, avêsso á reconciliação de Silvina com o morgado, e desejoso de a vêr ligada ao seu amigo Andraens, esforçou-se em desamual-os, dando explicações a favor d'um e d'outro, de modo que ambos já as escutavam silenciosos. José Francisco acompanhou Silvina e Francisca, promettendo vir jantar com ellas no dia seguinte, e authorisou o linheiro a dizer de sua parte á menina que por causa d'elle não se havia de desarranjar o que estava tratado. Mandou immediatamente

sustar a começada execução sobre Pedro de Mello; presenteou com alfinetes e pulseiras as duas fidalgas; tomou casa na Foz; deu a Pedro de Mello as satisfações que o pundonor do fidalgo exigia, e deixou ao arbitrio d'este as condições da escriptura nupcial.

E o morgado de Santa Eufemia? Esse continuava a dar cabriolas nas ondas.

XXIII

Em fins de Setembro, foi Jorge Coelho, na companhia de Leonardo Pires, á Foz. D. Marianna contrariára-lhe o desejo, até áquelle dia, por saber que a ventuinha de Margaride lá estava, desafiando, com as suas evoluções amorosas, a irrisão da gente frivola e a indignação das pessoas sérias. O jornalista, porém, que era oraculo em casa do negociante Ferreira, aconselhára a excellente amiga de D. Antonia a não impedir que Jorge visse o espectaculo irrisorio ou repugnante em que Silvina se exhibia.

Estava ella sentada nas ribas fragosas, que marginam o «caneiro» onde os grupos se banhavam. Francisca da Cunha estava, ao lado da prima, conversando com o linheiro. O morgado de Santa Eufemia, n'outra eminencia do fragoêdo, abarcava as pernas com os braços, e apoiava o queixo entre os joelhos. Na especie de ilha que fórma a outra riba

do caneiro, andava aos pulos Egas de Encerra-bodes, ensinando um cão da Terra-Nova a saltar ás ondas. E era aquelle o vulto mais pitoresco da praia, envolto no seu cobrijão escarlate, franjado de borlas verdes, e cahido a um lado com a natural graça, que usam dar-lhe os provincianos, vesados áquella elegancia de feiras.

Jorge de Sepulveda avistou de longe Silvina, e disse a Pires:

—Lá está ella... Não passemos d'aqui.

—E que quer dizer não passarmos d'aqui?—acudiu o da Maya, accendendo o charuto no cachimbo denegrido d'um banheiro—Queres tu, amigo Jorge, fingir o que não és? Apraz-te passar por tolo no conceito d'aquella mulher?!

—Julgue-me ella como quizer...—replicou elle—concedo que seja tolice isto, mas... é cêdo ainda para ser... homem. Eu amei sériamente Silvina. O amor e o remorso são espinhos, que não desencrava do coração quem quer. Para que te hei-de eu mentir, se me não posso enganar a mim? Não a esqueço, nem se quer a despreso áquella mulher. Minha mãi ajoelhou commigo sobre a sepultura de meu pai, e pediu-me, pela memoria d'elle, que me vencesse e levantasse da minha miseria. Quiz, e não pude, meu amigo! Como queres tu que eu possa dissimular á penetração de Silvina o que por ella sinto?! Melhor é que me ella não veja. Vai tu, se queres: eu espero-te aqui, e voltaremos logo para o Porto.

Jorge sentou-se n'uma fraga a distancia; e Leonardo Pires, vibrando o chicote, foi postar-se a

pouca distancia de Silvina, conversando com o morgado de Santa Eufemia.

— Então quem namora agora a menina? — disse o da Maya—O meu amigo de certo não, que o vejo aqui amuado. Jorge Coelho tambem não, que está acolá conversando com a natureza, e lendo o seu destino no vôo das gaivotas, como Catão d'Utica.

— Que é?!—disse Christovão, receioso de que o nome do romano fosse algum chasco á sua ignorancia.

— Catão d'Utica, disse eu, meu caro senhor; não conhece este personagem?

— Nada, não conheço—replicou o morgado, voltando o rosto para o lado de Silvina, que o remirava com disfarce por entre o franjado da sombrinha.

— Mas ha-de conhecer aquelle outro personagem que lá vem—retorquiu o da Maya.

Christovão olhou na direcção indicada, e viu José Francisco Andraens, que descia lentamente a calçada que conduz á praia. Não teve mão da sua raiva, de mais a mais aguilhoada pela facecia de Pires: fitou Silvina com um sorriso de ironia bruta, e disse-lhe em alta voz:

— Lá vem o nosso homem!

E soltou uma casquinada de riso, dando upas sobre a pedra, com as pernas apertadas entre os braços.

Silvina virou-se de lado com repellão, e Leonardo Pires exclamou:

— Estão bonitos! isto sim, que daria idéas a um Gavarni cançado! O' humanidade tu és a caricatura

dos monstros que a imaginação cria nos seus delirios de cognac e absyntho!

Dito isto, com pasmo d'algumas familias de Traz-os-Montes, que por alli se agrupavam, Leonardo desceu do fragoedo para a praia, ao mesmo tempo que José Francisco se aproximava de Silvina.

— Ora viva!—disse o commendador á fidalga de Margaride—Como passou?

— Excellentemente, e o sr. Andraens?

— Está feito; não me dei muito bem com a ceia. Appeteceu-me uma lagosta, e trabalhou-me cá dentro toda a noite. Agora, estou mais desempachado, e acho que vamos ao banho.

— Quando quizer.

— Sempre me sento um bocado a arrefecer—tornou José Francisco, apalpando as pedras, e ajustando, o melhor que pôde, com as asperezas d'ellas as roscas de carne cuja flexibilidade se moldava ao anfractuoso da rocha. Depois, bramiu um urro de satisfação, e cruzou as mãos sobre a barriga n.º 2.

— Com que sim—continuou elle—Em que estava a senhora a malucar?

— A malucar?!—disse Silvina, franzindo a testa.

— Sim, dizia eu, se estava a cogitar n'esta vista do mar...

— Ah! sim... estava...

— A fallar a verdade,—tornou elle, recolhendo-se—isto é uma obra que faz pasmar a gente! O que me dá no goto é isto de crescer e mingar o mar!... A senhora sabe a razão?

— Dizem que é effeito da attracção da lua.

— Da lua!—atalhou com espanto José Francisco.

— Sim, senhor, da lua; é o que dizem os enten dedores; mas como se faz o fluxo e refluxo do mar é que eu não sei, nem mesmo me importa saber...

— Da lua! — tornou o commendador, olhando para a abobada celeste, e gesticulando mudamente com os braços, como quem se esforçava por entender a acção da lua sobre a agua, com um imaginario artificio de alcatruzes. — Da lua não póde ser! — disse elle por fim, com a energia e aprumo de Galileu, á sahida do carcere.

— Pois então não seja! — disse Silvina com enfado.

— Porque a lua—tornou José Francisco, com os olhos no céo, e os dedos das mãos afastados entre si—a lua está lá em cima, e...

— E o mar está cá em baixo...—atalhou a menina, espirrando um frouxo de riso.

— Ora ahi está! E a senhora ri-se!? Eu queria que os doutores me explicassem como é que a lua empurra o mar e puxa depois por elle... O' sr. Guimarães! olhe aqui que vai já.

O sr. Guimarães era o linheiro, que estava a pouca distancia com Francisca da Cunha. Vieram ambos ao chamamento de José Francisco, e ella principalmente attrahida por um tregeito da prima.

— Diga-me cá; vossê sabe como é que a lua faz isto de crescer e mingar o mar?

— Eu não estudei nada d'isso — respondeu o linheiro — mas, em quanto a mim, a maré cresce quando o vento é de mar, e minga quando o vento é de terra.

— Ah! pr'ahi, pr'ahi! diga-me d'isso! — acudiu radioso o commendador.—Mas da lua!... E' que estava cá a minha Silvininha a dizer que era a lua. Quem lhe metteu isso na cabeça, menina?

— Foi alguem que estava a zombar de mim! — disse Silvina gargalhando francamente com Francisca da Cunha.

— Isso entendo eu... Agora—tornou José Francisco—se querem ir lá conversar sósinhos, vão, que eu tenho que dizer aqui a esta menina uns arranjos cá da nossa vida de noivos.

Francisca e o homem da rua das Hortas afastaram-se para irem occupar as cadeiras, que deixaram junto d'uma barraca; mas encontraram-nas tomadas por Leonardo Pires e Egas de Encerrabodes.

Ergueu-se Egas, e Francisca sentou-se, cuidando que Leonardo cederia a sua cadeira a Antonio José Guimarães; mas Leonardo não se moveu, e o linheiro estacou diante d'ambos, com os olhos fuzilantes sobre o da Maya, que assobiava apparentemente distrahido a canção popular, cuja letra é: *Muito bem seja apparecido n'esta funcção...*

Francisca ergueu-se, e deu alguns passos em retirada. O linheiro, porém, bamboando a cabeça, resmuneou estas palavras, mal ouvidas de Pires:

— O que vossê merecia, sei eu.

— Que regouga?—disse-lhe o da Maya.

— O senhor...—replicou Antonio José—ainda ha-de topar quem lhe dê uma boa lição.

— Vá-se embora—redarguiu Pires—Se não, atiro-lhe areia aos olhos.

— A mim?! — disse com um sorriso azedo o linheiro.

— E enterro-o n'esta praia, como quem enterra um safio pôdre. Vá-se embora, homem, e diga lá á fidalga que não ame parvos, se não quer receber d'estas affrontas.

O linheiro fez um arremesso com a bengala, e Leonardo Pires tomou do chão dous punhados de areia, dizendo com semblante de quem brinca:

— Olhe que vossemecê leva!

Egas de Encerra-bodes, que estivera, a um lado, rindo debaixo de uma dobra do cobrijão, deu dous passos para a retaguarda do linheiro, e fez um gesto ao «terra-nova». O cão começou a tirar com os dentes pelas abas do paletó de Antonio José, e este a sacudir-se, e a florear a bengala, que infelizmente embarrou no focinho do animal. O remate d'este episodio foi cousa triste de contar-se O linheiro, se não tem botas de cano alto, sahiria com as canellas estrincadas; e póde ser que os dentes do «terra-nova» procurassem afiar-se em porção das pernas, não abroqueladas das botas, se Egas lhe não fallasse de modo que elle, de cauda cahida, veio rastejar-lhe aos pés.

Terminou isto por ir o misero queixar-se ao regedor que alli estava perto, homem de bom siso, que se dirigiu a Egas, pedindo-lhe que fizesse saber ao seu cão que nem todos os cidadãos traziam botas de cano alto.

Francisca da Cunha, fugindo para perto de Silvina, podéra forrar-se á vergonha de semelhante conflicto; apenas dissera ao commendador que um

doudo furioso a perseguia em toda a parte; e, citando o nome do doudo, viu, com grande pasmo de Silvina e d'ella, erguer-se o commendador, e descer agilmente as fragas resvaladiças, para se entremetter na desordem, que encontrou no periodo final do cão arremettendo ás pernas do seu amigo.

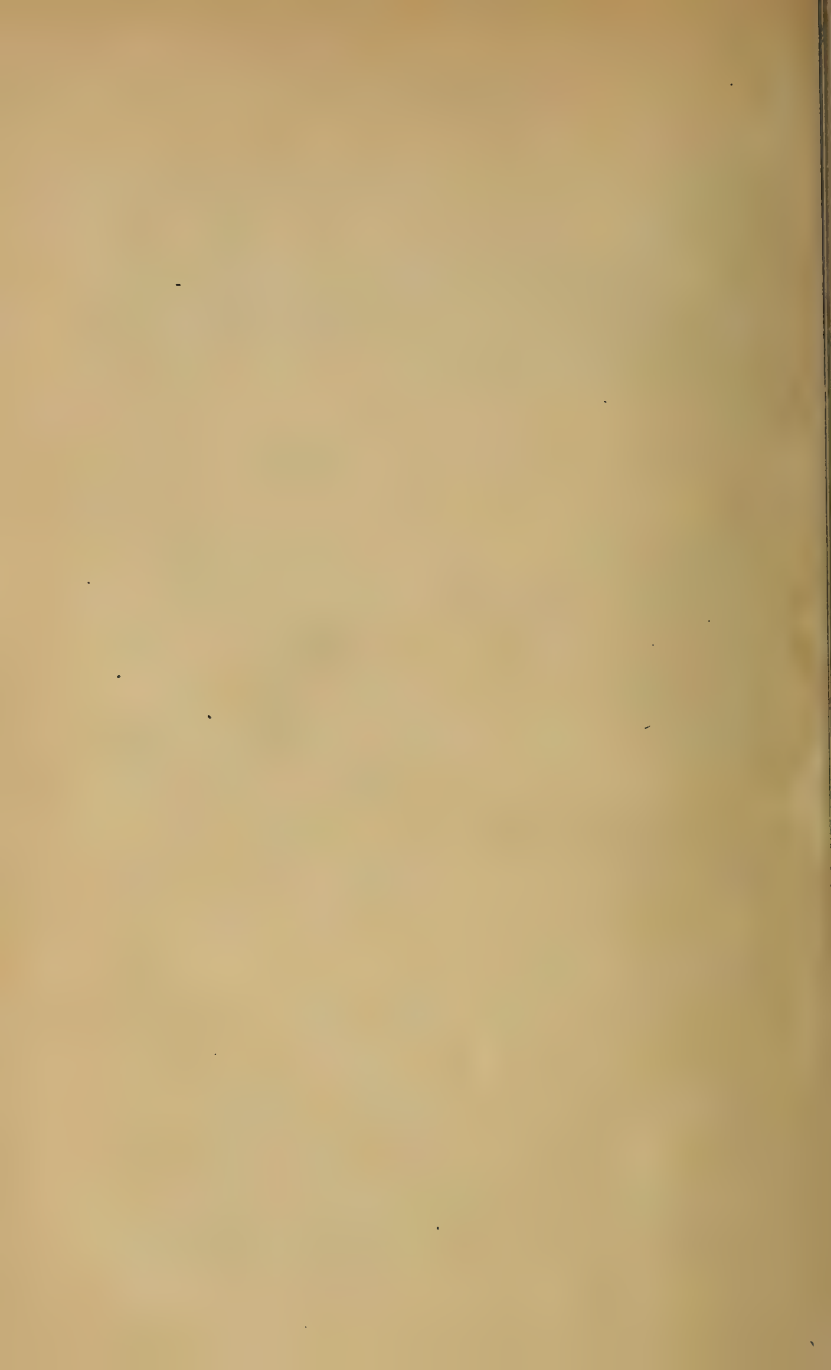
Aplacado o incidente, entraram Silvina e José Francisco, cada qual em sua barraca, para se vestirem.

Leonardo Pires dirigiu-se a um banheiro, e pediu sem demora um fato de banho alugado. Vestiu-se, e sahiu da sua barraca a tempo que o commendador, a par de Silvina, entravam no mar. Seguiu-os, e passou-lhes adiante, indo postar-se n'um ponto em que as ondas batiam mais fortes, e onde só os nadadores ousavam esperal-as. Quando a onda vinha, Leonardo mergulhava, e vinha com ella, até marrar nas pernas de José Francisco. Erguia-se, sacudia a grenha, pedia perdão e tornava para o seu posto. José Francisco retirava se a um lado; mas, na volta de outra onda, a marrada era infallivel.

Á terceira vez, o brazileiro ladeou, quando viu mergulhar o monstro da Maya; este, porém, nadando com os olhos abertos, lá foi abalroar com o homem, e pedir perdão pela terceira vez.

José Francisco esbofava no mar como tubarão ferido. Sahiu á praia atordoado, em quanto Silvina, estranha ao successo porque ficára longe do noivo, se deixava contemplar pelos olhos lagrimosos de Jorge, que a via, resguardando-se de ser visto.

Leonardo Pires, no perpassar por ella, disse lhe a meia voz:

—Jorge de Sepulveda está acolá, minha senhora! Anda aquelle seu bom anjo a querer salval a de um eterno ridiculo, e v. ex.ª a cahir, a cahir, a cahir, n'um dos tres abysmos das tres barrigas de José Francisco Andraens!...

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Muita gente honesta, lendo, quinze dias depois, nos jornaes do Porto, a noticia do casamento de José Francisco Andraens com D. Silvina de Mello, observou que esta menina tinha muito mais juizo do que mostrava. As mães de familia citaram-na como exemplo ás suas filhas; e estas, bem que exteriormente se rissem d'ella, invejaram-na.

Ás suas amigas particulares dizia Silvina que o seu casamento fôra um sacrificio do coração á dignidade propria; por quanto, dous implacaveis homens, o morgado de Santa Eufemia e um tal Jorge Sepulveda, calcando aos pés quantos deveres a civilidade impõe a sujeitos, que não podem ser amados, lhe andavam sempre dando desgostos, vergonhas, e descredito. Estes dizeres, comprovados por umas lagrimas que ella arranjava com prodigioso

artificio, apiedaram as proprias amigas, que diziam d'ella mil maravilhas.

José Francisco Andraens arrijou de suas frequentes dyspepsias, quando o mundo e a medicina menos o esperavam. Muitos rapazes indiscretos paravam a contemplal-o á porta dos srs. Pintos Leites, na calçada dos Clerigos, nos primeiros quinze dias depois do seu matrimoniamento. José Francisco estava um tudonada melado de rosto; mas não lhe iam mal aquelles ares de noivo: tudo tem n'este mundo a sua hora e côr de poesia.

O morgado de Santa Eufemia recebeu ao mesmo tempo o golpe da morte e o balsamo da vida: morrêra-lhe o pai na vespera do dia em que Silvina casára.

D. Francisca da Cunha casou com o linheiro das Hortas. As duas meninas com os respectivos maridos foram para o Bom Jesus do Monte, local sagrado que dá luas de poesia a quantos parvos ha ahi que vão celebrar n'aquelle sanctuario uma festa, irrisoria, se não torpe, na essencia.

Jorge de Sepulveda, quando viu a local da gazeta agoureira de muitas prosperidades a José Francisco e Silvina, estremeceu, empedrou, e invocou do anjo da piedade o desafôgo do pranto.

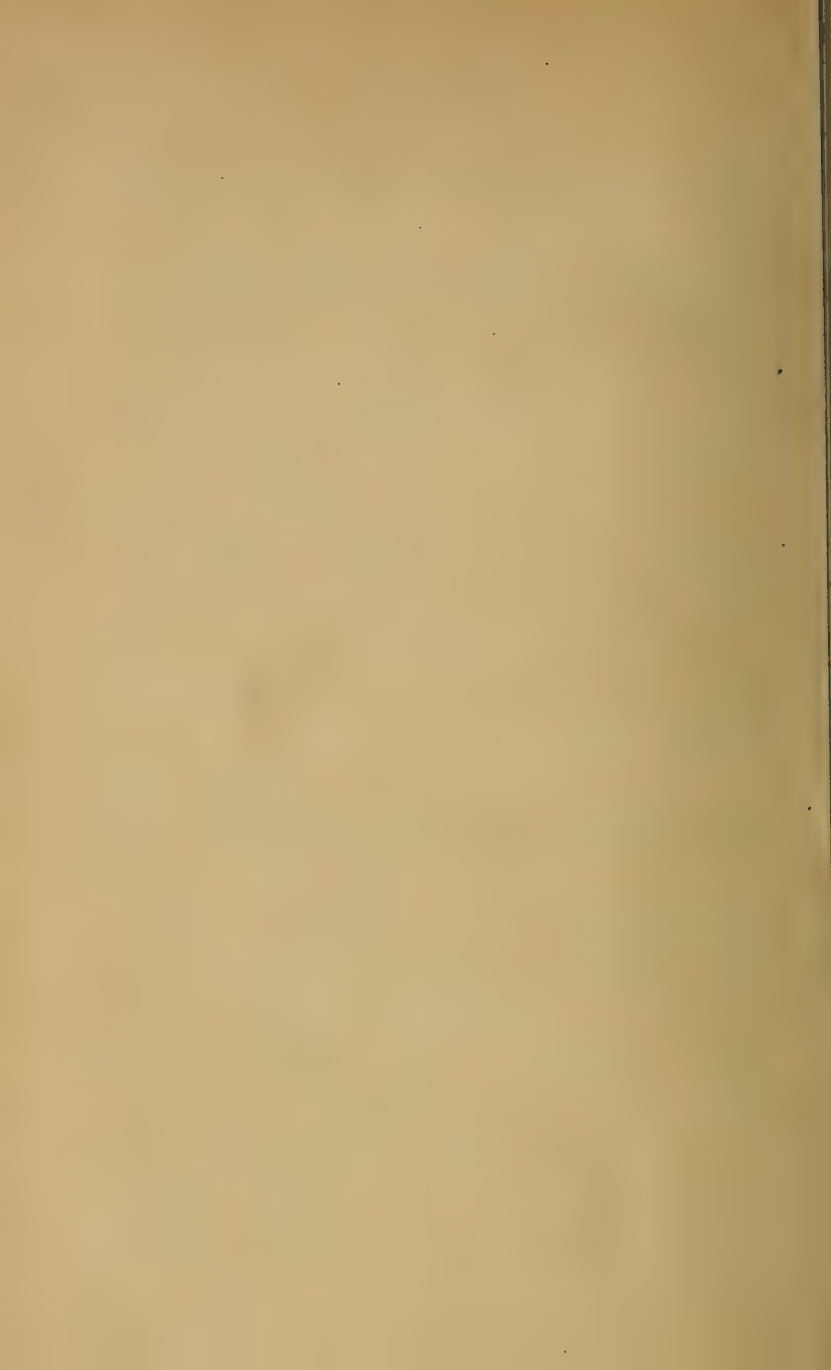
Ora, o amigo de Guilherme do Amaral, se não era o anjo da piedade, tinha em si um santo e mysterioso condão de espremer entre os dedos inexoraveis da sua philosophia algum tanto cynica, toda a peçonha dos corações, cancerados pelo amor.

Alguma vez verá o leitor que boleos deu toda esta gente com as costumadas voltas do mundo.

O livro complementar d'estas biographias ha-de denominar-se:

Reacção da poesia.

E' o natural seguimento dos Annos de prosa.

FIM

AOS NOSSOS ESTIMAVEIS ASSIGNANTES E LEITORES

Para a composição do presente volume serviu de original um exemplar da edição de 1863 — a primeira edição d'este romance — que preferimos pelo facto de ter sido revista pelo auctor. Succede, porém, que o editor da 1.ª edição juntou aos *Annos de prosa* um outro romance *Gratidão* que não é de Camillo Castello Branco.

Como no frontispicio estava indicado o titulo d'este romance, na nossa typographia, ao paginar, indicaram-o no alto da pagina, á direita, sem razão para tal.

Porque o annullar a composição e impressão já feita representava demora na publicação d'este volume, e não importando aquelle facto, pois que o romance *Annos de prosa* em nada foi alterado, pedimos aos nossos estimaveis assignantes e leitores desculpa d'este erro que os não prejudica.